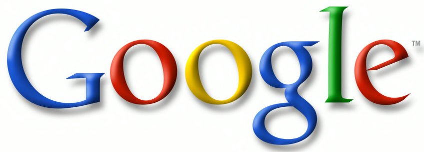
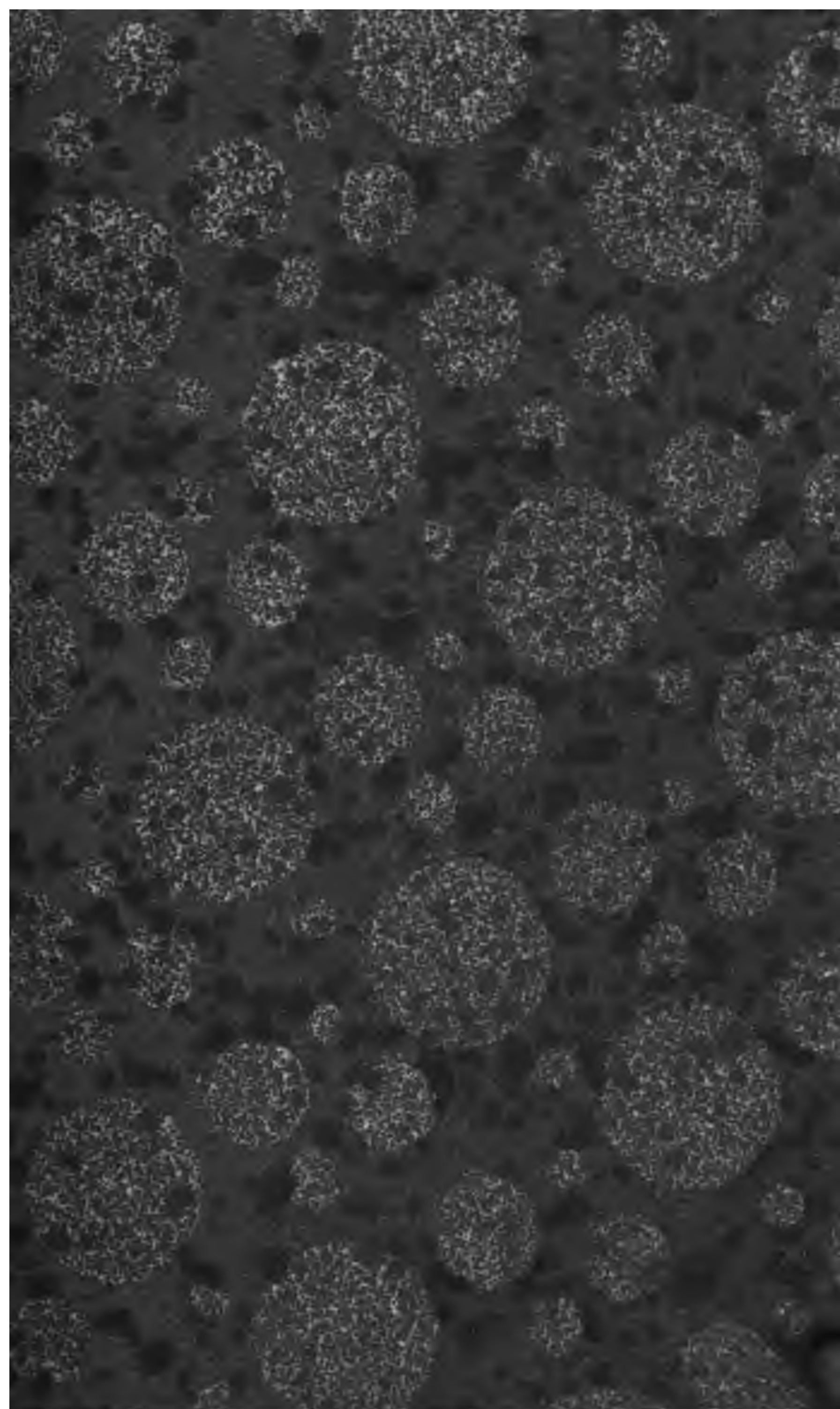
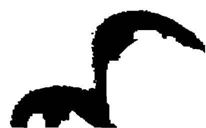





LELAND STANFORD JUNIOR UNIVERSITY
ORGANIZED 1891







D. PEDRO II
Imperador do Brasil

A de Pinho, fecit

HOMENAGEM

AOS

Heróes Brasileiros

NA GUERRA

CONTRA O GOVERNO DO PARAGUAY

SOB O COMMANDO EM CHEFE DOS MARECHAES DE EXERCITO

S. A. R. o Sr. Conde d'Eu

E

Duque de Caxias.

OFFERECIDO

Á S. M. I. O SR. D. PEDRO II

POR

A. J. SANTOS NEVES.



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE E. & H. LAEMMERT

61B, RUA DOS INVALIDOS, 61B

1870.



nviaste-me o teu Poema.

A reminiscencia arroubada ainda por esses retumbantes versos, arrebata-me do intimo da alma este bravo que te dirijo.

Ergueste tão alto o pavilhão nacional, ergueste-o tanto, que hoje todas as nações do mundo o podem vêr e respeitar.

Alli estão as glorias da patria! Alli o phanal da liberdade! Alli a victoria da mais santa das causas, que abateu a mais despotica das dictaduras, em vespera de enthronisar-se.

Aguia da intelligencia, voaste além das Cordilheiras, e te inspiraste no céo!

Cantor patrioticamente inspirado, te deixaste guiar pela estrada luminosa em que só transitão os Lamartines, os Tassos, os Miltons, os Home-

ros, os Camões, os Castilhos, os Gonzagas e os Magalhães; e assim vais legar ao Brasil um hymnario completo—Homenagem da Musa Nacional—aos seus herées, nesses versos onomatopicos, que obrigão a espada do guerreiro a cruzar-se em symbolo de gloria reciproca á penna que o immortalisou.

Li o teu—Poema—, e ainda estou em duvida se mais cumpre aos seus leitores elogiar os feitos que decantas, se a ti mesmo!

Ante duas glorias, a do soldado e a do poeta, ambas imponentes e deslumbradoras, se a inspiração as não consubstanciasse, não hesitára em preferi-la quem as não sentisse escaldar a imaginação ao contacto da mutua supremacia.

Caxias está ao teu lado, déste-lhe a mão, ou antes, déste-lhe a alma, e ascendestes ambos ás regiões ethereas, e laureados ambos vos exhibis no Capitolio que se erige na patria, onde repartidamente recebereis as felicitações de um povo inteiro!

Pediste-me, porém, um juizo critico!

A critica e o juizo!—A Scylla e Charybdes de tantos pensadores; a Tarpéa de mais de um milhão de zoilos ou lisongeiros!

Não cumprirei teu modesto appello. Não, porque no banquete do patriotismo, onde profusamente depuzeste as mais bellas e fragrantes flôres de teu

engenho e arte, apenas cumpre aos convivas destes esponsaes de verbenas e louros sorver á larga os enebriantes perfumes.

Tu, que, seguindo os dictames da mais pura philosophia, collocas o Estado acima da familia, e a nação acima do Estado; tu, que sabes que « — existem verdades que não se podem apanhar senão com o espirito do coração; — » só pódes e só deves ser julgado por aquelles que « — submettem os interesses particulares dos povos aos interesses mais elevados da humanidade. »

Pediste-me um juizo critico: pois bem, a quem pedirei eu a critica de meu juizo a teu Poema?

A quem pedirá o oceano em furia indomita a reproducção artificial de seus escarcéos? A faisca electrica, rasgando um céo tempestuoso e negro, a quem pedirá os reverberos de suas serpentes de fogo? Ao rugido do rei das selvas, e ao pincel de Müller faltarião a propriedade dessas forças da destruição para repercutirem em transumptos os estampidos de teu estro.

Ser poeta, como és, ter as inspirações ardentes que são familiares á tua musa inexgotavel; eis, Santos Neves, a primeira condição para o que pretender o juizo critico do teu — Poema.

D. M. O. Q.

6 de Julho de 1869.

DUAS PALAVRAS PARA PREAMBULO E GRATIDÃO



ispondo-nos a expandir o estro, que, desde os primeiros commettimentos da guerra em que o governo do Brasil se empenhára com o dictador da Assumpção, se inspirava nos factos de heroismo das nossas legiões de bravos; démos ao prélo uma producção poetica, cuja apparição e titulo forão noticiados benevolamente.

De sua edição, porém, que foi de 1,000 exemplares, apenas fizemos distribuir 50, não só porque não lhe addicionámos a tabella dos erros que avultavão, como porque, não se tendo logo terminado a guerra, segundo algumas bem ou mal fundadas previsões, continuámos a registrar seus brilhantes e solemnes episodios, e pareceu-nos melhor colleccionar em um só volume todas essas paginas

de glorias, todas essas epopéas de triumphos, que a bravura dos nossos soldados e o denodo do general em chefe, o inclyto Marquez de Caxias, que os conduzia ás ultimas victorias, escrevião com sangue de martyres da liberdade, e assignalava com o prestigio do seu genio nos campos do Paraguay.

Hoje, aproveitando dessa publicação o que intimamente se relaciona a este assumpto, para expurga-la dos erros typographicos de que sahio inçada, aqui a reproduzimos correcta, como primeira parte deste poema, fazendo-a preceder de uma proclamação de nossa lavra, por occasião de se organisar os primeiros contingentes de Voluntarios da Patria.

Aqui as inserimos, não sómente por força de nexo e pelo motivo de sua quasi desconhecida circulação, mas ainda para, sinceramente agradecido, darmos a devida consideração, e registrar neste lugar de honra as seguintes palavras de animador estimulo com que tão benevolamente nos encorajou a proseguir um dos athletas da nossa imprensa periodica :

« Dos varios mancebos que uma nobre emulação trouxe a colher palmas no vasto campo da poesia, ainda ha bem poucos annos tão ermo e tão esteril, Santos Neves foi um dos primeiros, e alli tem sido constantemente coroado.

« Muitas producções suas originaes, ineditas,

todas diversas no fundo e na fórma, tem enchido o curto intervallo que lhe resta dos seus muitos labores; e se tanta fecundidade de invenção é rara, mais rara e mais louvavel ainda é a candura, a probidade litteraria, digamo-lo assim, com que tem sabido de victoria em victoria, ir-se expurgando, não diremos de defeitos, porque os não tem, mas do — *nimio extraordinario* — das suas ficções.

« *Louros e Espinhos*, poemeto patriotico, religioso, que ultimamente elle trouxe á téla da imprensa, é um livro de versos na sua maior parte heroicos, arremessados nos pensamentos, em que os altos feitos do Sr. D. Pedro II são narrados com a maior veracidade, além dos rasgos de heroicidade praticados na sangrenta guerra que sustentámos com o Paraguay por tantos heróes quantos são os Brasileiros que alli pelejão, e tem derramado seu precioso sangue em sustentação da honra nacional ultrajada por esse novo Attila moderno — Lopez Solano.

« No modo de narrar, no *enredo*, e no desenho das figuras, deve-se por certo conceder a Santos Neves um dos mais distinctos lugares. E no pintar os caracteres dos seus heróes, na verdade e naturalidade das scenas que descreve, o livro de Santos Neves não tem emulo, e talvez seja o que mais se distingue entre os dessa especie, que até agora tem apparecido.

« Quanto á linguagem dos seus versos, nada encontramos que mereça censura, antes muito que mereça ser louvado, mórmente em tempo que o bello idioma portuguez anda envolvido em tantos retalhos do estrangeiro, que mais parece variegada manta de pedinte do que lingua culta, abundante, harmoniosa, qual a fallárão os Barros, os Souzas, os Vieiras, os Camões, etc., ainda estes e outros servirão no futuro para depurar a linguagem desses termos palpitantes com que hoje se ostenta uma falsa erudicção e máo gosto, e que só servem de occultar a ignorancia de quem os emprega. Honra, pois, a Santos Neves, que escreveu o seu poemeto em tão boa linguagem portugueza; a mocidade esperançosa, de que elle faz parte, não ha de lêr o seu livro em vão.

« Concluindo, applicaremos ao livro que nos propuzemos a fazer passar pela fieira da nossa critica, as muito sensatas expressões do bom velho Garcia de Rezende: « Quem escreve não póde contentar « a todos, e não fará pouco, se de poucos fôr ta- « xado, que todos querem emendar e mui poucos « escrever »; carapuça esta que não nos cabe, porque o livro de Santos Neves contentou-nos assaz, a nós que alguma cousa temos escripto, e que poucas vezes temos querido emendar. »

BRASILEIROS

« . . . .
Fallo-vos como pai que zela a honra da familia brasileira, estou certo de que procedereis como irmãos, que se amão ainda mais quando qualquer delles soffre. »

D. PEDRO II, IMPERADOR CONSTITUCIONAL E DEFENSOR PERPETUO DO BRASIL.

« . . . .
Com effeito, é preciso vencer o Paraguay, e vencer já, para que a victoria por tardia não seja attribuida ao tempo e aos recursos do Imperio, em vez de ser devida ao patriotismo e genio da nação brasileira. »

JOSÉ THOMAZ NABUCO DE ARAUJO, *ministro e secretario de estado dos negocios da Justiça.*

I



Brasileiros!—Volvei os olhos para os torreões do paço de S. Christovão: o pavilhão brasileiro alli tremula ainda; mas correi todas as avenidas dessa habitação do vosso monarcha, e buscareis em vão aquella cabeça illustrada, aquella dextra caridosa e aquelle coração magnanimo, na paz votados ardente e constantemente ao engrandecimento de vossos destinos!

Vingai as aguas que vos interceptão do theatro da guerra, e vê-lo e ouvi-lo-heis nas trincheiras do inimigo dizer assim aos vossos irmãos do Sul:

A rapidez das communicações entre a capital do Imperio e a vossa provincia permitte a mim e a meus genros, meus novos filhos, presenciar vossos nobres feitos.

II.

Brasileiros!—Foi lá que a provocação dos vandalos mais atrozmente conspurcou a autonomia da vossa nação livre e independente como a independencia e liberdade que jurastes manter, defendendo as proprias prerogativas e direitos de brasileiros que sois!

Foi lá que mais unisono o patriotismo se levantou em 17,262 guardas nacionaes, que corrêrão já a lavar com o sangue de seus proprios inimigos a mancha hedionda e sacrilega dessa invasão selvatica! Foi lá que as pégadas da panthera da Assumpção mais enxovalhárão o sólo de uma patria que é de todos vós, oh filhos do Brasil! É lá que o vosso Imperador, no meio de vossos principes, verbalmente dest'arte vos convida aos louros da victoria:

Seja o vosso unico pensamento o vingårdes tamanha affronta, e todos nos ufanaremos cada vez mais do brio e denodo dos brasileiros.

É lá que deveis ir dizer ao defensor perpetuo de vossas instituições e soberania, que o sangue brasileiro que ferveu até hontem em vossas arterias, não póde arrefecer e paralysar hoje aos solemnes reclamos do dever, aos sagrados protestos da honra e aos palpitantes empenhos do patriotismo!

III

Brasileiros!—O vosso Imperador, ainda em sua mais absoluta irresponsabilidade e inviolabilidade constitucionaes, não soube, não pôde e não quiz eximir-se da mais sublime e espontanea comparticipação nesse grande e palpitante empenho, nesse sagrado protesto e solemne reclamo da patria; não lhe bastou a multiplicação prodigiosa de sua presença em todas as repartições militares, adaptando ao corpo social a pilha electrica de um patriotismo sem exemplo, que os vossos voluntarios victoriavão, recebendo no apartamento solemne os abraços que elle mandava transmittir aos seus bravos camaradas!

Ainda a ultima esteira dos vapores que os conduzião aos milhares se projectava nas ondulações da nossa bahia, e o seu titulo de defensor perpetuo do Brasil fê-lo sacrificar todos os commodos, isenções, privilegios e regalias da realeza, romper todas as ligações da familia, suffocar as saudades a saciar-se prestes no amplexo da sua estremecida filha, e affrontar todas as vicissitudes de uma viagem até onde mais ousado se antolhava o inimigo.

IV

No grande choque marcial que acaba de imprimir o mais terrivel estremecimento em todos os membros do nosso corpo social, o Brasil, nação tão nova quão rica dos mais solemnes episodios de heroismo e abnegação, desde sua emancipação politica, nada tem que invejar, nos annaes em que registra os seus rasgos de patriotismo, valor, heroicidade e nobreza, ás mais encanecidas potencias do mundo civilisado.

V

Os memorandos campos de *Pirajá* nos tinhão dado a medida do denodo, mui antes que *Monte Caseros* e *Santos Lugares* confirmassem a bravura do soldado brasileiro defendendo em campo aberto

e raso a integridade do Imperio, e repellindo victorioso a temeridade e o arrojo de seus implacaveis inimigos!

Parecia, porém, não bastar ainda á ultima consagração de seus triumphos em nosso ultimo pleito de honra, as tradições gloriosas, ainda quentes e palpitantes de enthusiasmo dos feitos dos nossos bravos em *Coimbra*, *Paysandú* e *Corrientes*.

— *Riachuelo* lá estava occultando em suas matas mil homens de infantaria, guarnecendo suas margens com uma bateria de 40 peças de 68 a 80, occultando outros mil homens na margem direita do *Chaco*, e encurralando a divisão de nossa esquadra, composta apenas de nove vapores, em uma linha fluvial estreita e obstruida por innumeraveis bancos!

— *Riachuelo* lá estava com seus nove vapores armados de grossa artilharia, e o seu exercito ambulante de aguerridas *chatas!*

— *Riachuelo* lá estava com os seus phanaticos sanguinarios, que combatendo matão até cahirem mortos, porque a superstição clerical lhes assegura uma resurreição gloriosa nas ruas da Assumpção, ou cahem feridos e prisioneiros conservando os dentes para rasgarem as arterias e as chagas pensadas pelas ataduras da caridade vencedora.

— *Riachuelo* lá estava, e o sol que espancou em suas luminosas projecções as nuvens da arti-

lharia brasileira, vencendo as trevas do phanatismo tonsurado, bem poderá na posteridade eclypsar os episodios de *Arcole*, *Marengo*, *Solferino* e *Magenta!*

VI

V. Ex. deve fazer sentir á guarda nacional, que é urgente o sèu auxilio para que o nosso exercito possa salvar e vingar a patria invadida e ultrajada pelo estrangeiro; que este dever lhe é imposto pela Constituição do Imperio e pela lei de sua instituição; que nenhum guarda nacional pode, sem desdizer o nome de Brasileiro, deixar de acompanhar o seu Imperador, que, no meio das difficuldades e perigos da guerra, lá está no Rio Grande do Sul fazendo um grande sacrificio para dar um grande exemplo.

VII

Brasileiros!—Compulsai as mais negras paginas da historia dos vandalos, e não achareis ahi barbarismo, atrocidades, cruezas e abominações que se possão igualar ás de que têm sido victimas os vossos irmãos torturados, degolados e descarnados

pelos Paraguayos, que alli estão a dous passos de vossos desforços, ao alcance de vossa vingança e ao contacto das fileiras de vossos concidadãos que já marchárão voluntariamente aos campos da guerra, de onde vos estão reclamando o concurso das armas, para de uma vez esmaga-los com o prestigio de vosso patriotismo! De onde vos estão dizendo, pelo orgão do vosso governo, **Que é preciso vence-los já, para que a victoria por tardia não vos seja tão desastrosa como a derrota; para que a victoria por tardia não seja attribuida ao tempo e aos recursos do Imperio, em vez de ser devida ao patriotismo e genio da nação brasileira!**

VIII

Briosa guarda nacional! — Não é verdade que vossas patricias lá estão escravisadas aos monstros da Assumpção, que as obrigão diariamente a cuspir nas faces de seus proprios maridos açoutados? Não é verdade que o vosso representante, revestido do mais alto caracter official e vestindo uma farda de bravo militar brasileiro, succumbe aos tratos hediondos dessa horda de demonios, ou enlouquece no degredo aos rigores da fome, nudez e sêde? Não é verdade que as propriedades de

vossos irmãos forão saqueadas e incendiadas por essas devastadoras legiões de salteadores, que hão violentado as vossas patricias, e derramado o sangue de seus filhinhos? Não é verdade que as orelhas de vossos concidadãos forão servir de trophéo nos salões de Solano Lopez, enriquecidos com o producto do latrocinio e do saque exercido contra os vossos indefesos irmãos? Não é verdade que centenares de familias brasileiras morrêrão de fome, de sêde e frio, mergulhadas nos pantanaes, e semi-nuas, foragidas, servindo de pasto aos carnivoros das inhospitas florestas de Matto-Grosso?

Briosa guarda nacional, que vestís uma farda, que perfilaes uma espingarda, e que cingís uma espada, não é verdade que lá está rufando o tambor, que lá está soando o clarim, e que o vosso monarcha, e que os vossos irmãos de patria e de fileira lá estão vos chamando ás armas em defesa da propria nação que todos vós tendes o dever de guardar, defender, salvar e vingar da invasão do estrangeiro?

IX

Briosa guarda nacional! — O exercito paraguayo continúa a devastar a vossa patria.... Não pergunteis porque não cessão de invadi-la! Não pergunteis porque não cahem de uma vez vencidas

e anniquiladas essas phalanges de escravos! Não pergunteis porque as ameias de *Humaitá* já não estão fendidas e derrocadas como as sotéas e muralhas de *Paysandú!* Não pergunteis porque *Curuguaty* e *Villa-Rica* se não escancarárão já ao ingresso dos nossos bravos! Não pergunteis porque de tantas bandeiras nacionaes que tendes visto partir aos campos da guerra, nem uma ainda se hasteou no palacio da Assumpção!

Não pergunteis; porque se 40,000 bravos como vós, são poucos para o triumpho definitivo de uma patria que tambem é vossa, ainda amanhã não será TARDIA A VICTORIA, e 80,000 vencerão sem a perda de um só!

BRIOSA GUARDA NACIONAL! — ÁS ARMAS! —

Ide dizer ao vosso Imperador: que tambem sois brasileiros, que tambem sois defensores da patria!

Ide desalojar do vosso territorio os seus profanadores, avidos de devastações e pilhagem!

Temeis acaso perder a esposa e os filhos, que aqui ficão tutelados por um governo patriotico e paternal? E o que vos constitue os direitos de familia e os fóros de nacionalidade senão a sustentação desses fóros e direitos na defesa de vossa patria invadida por inimigo estrangeiro!

BRIOSA GUARDA NACIONAL! — ÁS ARMAS! —

Se perante a igualdade da lei que castiga e premeia, não ha isenção para o brasileiro, qual

será a isenção para vós, proprietarios natos de um lar sagrado que está sendo invadido, violentado e devastado por um punhado de assassinos e salteadores á luz meridiana!

Quando o inimigo estrangeiro vem fazer a guerra dentro de vossa propria casa, a mão do brasileiro que consulta nos diccionarios da patria a palavra *isenção* abjura aos seus brios de cidadão, renega os seus titulos de nacionalidade, e torna-se indigna de inscrever o seu nome, o nome de sua esposa e o dos seus filhos no grande livro de uma nação que elle não quiz defender, a despeito dos reclamos do seu governo e dos exemplos do seu monarcha!

X

Os filhos da provincia de Minas têm uma existencia, e uma familia como as vossas, e como as de vossos irmãos que já marchárão de todos os angulos do Imperio! Caminhárão centenares de leguas para que os visseis entrar voluntarios em vossa capital, onde um diluvio de flôres juncárão-lhes a passagem gloriosa.

Elles volverão illesos, porque vão combater a escravidão, porque vão destroçar o phanatismo, porque vão defender a patria em nome da civilisação e do progresso!

BRIOSA GUARDA NACIONAL! — Segui os voluntarios da patria, porque para vós tambem é sem fixação de prazo as palpitantes vantagens do decreto n. 3371 de 7 de Janeiro.

— ÁS ARMAS! nação brasileira! ÁS ARMAS! BRIOSA GUARDA NACIONAL!

Para que a victoria por tardia não seja attribuida ao tempo e aos recursos do Imperio, em vez de ser devida ao vosso patriotismo!

Viva a nação brasileira!
Viva S. M. o Imperador!
Vivão o exercito e armada!
Vivão os voluntarios da patria!
Viva a briosa guarda nacional!

CANTO I



Surgi, voluntarios, dos angulos da terra
Que tem por monarcha D. Pedro Segundo!
Lá 'stão vossos louros nos campos da guerra
Cingi-os, soldados, á face do mundo!

Cingi-os, soldados, que o vosso monarcha,
Abrindo os seus braços tambem vos cingio:
E o titulo d'honra, que os braços vos marca,
Brilhante horizonte além vos abrio!

Surgi, voluntarios!—Guerreiros, avante!
Oh patria! que esperas?— Mais bravos não tens?
Ai! salva teus filhos, teu representante,
Que em fome e torturas lá 'stão em refens!

Avante, guerreiros!—Lá ruge o tyranno!
Na indomita sanha revolta-se a féra!
De vossos patricios o monstro inhumano,
De sangue sedento, as carnes lacera!

Fanaticas hordas, nas trevas, servís,
—Passagem ás nobres fileiras de bravos!
Á luz e estampídos de nossos fuzis
Derretão-se algemas em pulsos d'escravos!

Na zona selvagem, que os tigres encerra,
Com ferro e com fogo—victoria—escrevei!
Tão doceis na paz, terriveis na guerra,
Mostrai que sois dignos do abraço de um rei!

Já nestes transportes, que a patria me ouvira
Ouvindo-me a lyra, phalanges guerreiras,
O fogo da musa com que vos saudei
Primeiro ateei nas vossas fileiras!

Vencei, e voltai, que o rei não se olvida
De em cada ferida, que á patria mostrais,
Além do brasão que a cobre no peito,
Mostrar-vos um leito, que val muito mais!

E elle, que exemplos, partindo, vos deu,
Que vio, que venceu curvada cerviz,
P'ra tudo vos dar, com prodiga mão,
Da propria nação p'ra si nada quiz!

Voltaste, oh rei! Que o diga deste povo
O frenezi, no delirante assomo
Do enthusiasmo, ao vêr-te, — o quão pungentes
De tua ausencia forão-lhe as saudades!....

Não dizem saudade do estylo os fulgores:
Dos teus defensores pergunta ás fileiras.
Quizeste sonda-las, — de chofre vieste,
E acaso rompeste do povo as barreiras?

De um povo tão nobre, que rei conquistára
Saudade tão cara? — Taes votos já teve?
— Prophetica sempre do povo a linguagem,
Só rende homenagem a quem tudo deve.

Mais inda que Cesar, — no passo que déste,
Chegaste, e venceste; — tiveste mais gloria:
Foi louro cruento, que Cesar ganhou,
— Aos teus não manchou sangrenta victoria!

Briosas phalanges d'heróes brasileiros,
Que sois os primeiros á voz do combate,
Do sólo calcado aos pés d'um sicario,
Ao rei-voluntario deveis o resgate!

Mostrando nas cans, e sulcos da fronte
O immenso horizonte que além percorreste,
Tu viste, oh Monarcha, o povo acercar-te;
E em vivas bradar-te:—« Chegaste, e venceste! »

Chegaste! e venceste. Do tigre no insulto
Teu magno indulto venceu a cohorte,
—Avante! soldados de Pedro Segundo,
Mostrai-vos ao mundo vencendo sem morte!

CANTO II

I

Heróes de sangue genios d'exterminio,
Abutres, disfarçando o féro instincto
D'aguia, que ascende, no arremeço ao ether,
P'ra mais segura espicaçar a preza;
Néros, que aos Borgias disputais conquistas
E tomais por triumpho os pandemonios,
Por glorias perennaes as hecatombes,
Nas epopéas de servís cantores,
Com que, reptís, de um throno as bases vingão,
E torpes beijos por favores trocão

Na permuta de vicios e lisonjas;
— Não é p'ra vós meu canto....
Que, primeiro
Que do porvir estigma de fogo
Em mim punisse ao que profana a musa,
Eu apagára nos paúes, suicida,
Este dom com que Deos dos mais distingue
A quem de um éstro concedêra a chamma!

II

Estimulo ás gerações, pasmo aos vindouros,
Nobres protestos d'honra a vís commentos,
Da realeza, em épicas estrophes
E equestres padrões, levando aos évos
Rasgos, valor, proezas, heroismos,
— Da antiga e média historia os fastos digão,
Digão todas as chronicas do mundo,
Que tudo áquem hade ficar, no dia
Em que o Brasil os feitos sopesar-te,
Oh rei, que injúrias ao Brasil vingaste!

III

Miranda, Albuquerque, quão tristes teus bravos
Não forão d'ignavos passados á espada!
Porção brasileira votada á penuria,
Lá 'stavas na incuria aos monstros deixada!

É certo, Coimbra, — ficou, nos certames,
D'imigos infames replecto o teu fosso!
É certo, venceste! — mas, ai! o teu pranto
Quem póde, no entanto, seccar, Matto-Grosso?

Que pranto! que dôres! que luto! que sangue!
Oh victima exangue, não mostras ao mundo!
Espera! — Se os monstros assim vão deixar-te,
Lá vai desforçar-te D. Pedro Segundo!

Espera, infeliz! espera um momento,
Que o tigre, sedento de sangue e pilhagem,
S. Pedro invadindo, conduz doze mil,
Sem qu'inda o fuzil se opponha á carnagem!

IV

Lá 'stavão teus bravos, aos quaes teus abraços
Mandavas nos laços que ligão-te ao povo:
Lá 'stava tambem de Lopez-Solano
Um novo tyranno, um despota novo....

V

S. Borja e Itaqui que digão, se impunes,
Se quasi que immunes os monstros não 'stavão?
E d'Uruguayanna que digão as gentes
Se os tigres, contentes, as não devastavão?

Emquanto assassinão, deshonrão, lacerão,
Que fazem? que esperão os chefes dos bravos?
— A mortos de fome matar é irrisão?
— Sangrenta effusão não querem d'escravos?

Pois bem, generosos, — tal honra é sagrada!
O monstro que a espada aos pés vos deponha....
— Mas vossa estrategia, que o tigre commenta,
As forças lh'augmenta.... persiste.... — Vergonha!

Ai! victimas tristes! Ninguem vos soccorre?
E o sangue vos corre! vos ferem sem dó!
— « Malditas que sois, immoveis fileiras!..... »
Vos bradão caveiras cobertas de pó.

— « Malditas! (bradárão na extrema agonia,)
« Traição, cobardia das vossas espadas!.... »
É tempo, oh guerreiros, lavai-vos da affronta
Que além vos aponta um monte de ossadas!

VI

Além da familia, cá 'stavão prisões,
Da Carta isenções, tolhendo-te, oh rei:
Mas póde um monarcha, que á pugna quer ir
Seu povo remir, ser servo da lei?

Não póde, e não deve, que sangue guerreiro
De Pedro Primeiro lhe corre nas veias:
Não quiz vêr seus filhos—(immovel no throno)
Em triste abandono, rojando cadeias....

Não deve, e não quiz!—Apresta-se a frota....
Lá segue a derrota ao sólo manchado....
Se acaso seus passos o Estado impedira,
O rei não partira,—partira o soldado!

VII

Eis quando um rei se identifica a um povo!
Eis quando um povo, por seu rei, consegue
Prodigios de valor, firmando um throno
D'um livre continente em meio erguido!

VIII

Rei, que a espada empunháras, se preciso
Assim te fôra, em face ao tigre insano,
Que depois d'expandir torpeza e furia
A fronte supplice acurvou rendido;
Rei, que juraste defender a patria,
Que por seu turno defender-te fôra
Em bravas legiões de voluntarios,
— E a sacra jura, tão fiel, cumpriste;
Quem já, nobre ou peão, contou-te as mágoas

D'intima dôr, em privações austéras,
Sem que, de gratidão tocado, visse
Cahir de ti, em limpida torrente,
A caridade, que suavisa os trances?!

Passagem para o biblico emissario
Das virtudes de um Deos-humanisado!
Passagem para o rei. que o fausto olvida,
As fibras tão sensiveis de seu peito
Tempéra n'um querer que as galvanisa,
Da esposa e filhas na pungida ausencia;
A simples blusa de um soldado veste,
E, em seu caminho aos louros da victoria,
Os tugurios penetra, derramando
Com mão profusa a magna virtude!

Quem lhe póde contar tantas fadigas?
D'abnegações heroicas tanto exemplo?
De bellico vigor tão rudes provas
Nesse velar constante de guerreiro
Tranzido, no tendal quasi ludibrio
D'inhospitas campinas aos pampeiros?

Quem lhe póde contar tantos prodigios
No constante avançar, de fronte erguida,
Com que o sólo invadido demandava
Nessa avidez de o libertar dos vandalos?

Torrenciaes as aguas o envolvião,
E, tiritando, lhe pesára o manto,
Porque estirado, em gelida agonia,
Um seu soldado vira, e a caridade,
Para envolvê-lo, lh'o arrancou dos hombros!

Sublimes episodios, que revelão
Os dotes de tu'alma embevecida
Nas doutrinas de um Livro que é teu guia,
Que, resumindo os codigos do mundo,
Da sapiencia te conduz á fonte
Onde o christão se farta, sem manchar-se
Nas paludosas fezes da mentira!

Posteridade! ouvi: — Aquelle bravo
Que, voluntario, corre noite e dia
Ás cerradas trincheiras do inimigo;
Que os gelos rompe, as trevas vinga, e segue,
E segue sempre, — é Pedro, o Soberano,
O pai de um grande povo que o contempla
Absorto no amor que elle conquista!

Heróe d'Uruguayanna! (Sim! mentira
Ás proprias legiões, qu'inda te acclamão,
O que ousasse, negando a luz dos factos,
Em face á historia, questionar teus louros!)
Heróe d'Uruguayanna! — O bronze e o marmor
Te esperão no futuro, e p'ra legenda

Desse excesso de amor, virgem no mundo,
Bastão estas palavras proferidas
Aos teus, em prol dos barbaros vencidos:
— « Ide tratar d'aquelles infelizes! »

Herôe d'Uruguayanna! — Em face aos tigres
Que as cervizes curvárão, foi sublime,
Eloquente, grandiloquo, solemne,
Da Grã-Bretanha o preito protestado
Por seu ministro, em campo aberto e raso,
Onde ainda quente, palpitante e viva,
— Com a mão na espada, — lhe apontaste a gloria
D'um povo que, por ti reconquistado,
— « Os seus direitos sustentar sabia! »

IX

Deixa que a mão que te engrinalda os louros,
Tateando-os, subtis te aponte espinhos....
— Quebra-os, oh rei! p'ra tal missão te ungio
O Rei dos reis, que aplaina a immensa estrada,
Bem franca e livre, aberta aos teus triumphos!....

X

Herôe d'Uruguayanna! — da eminencia
De um throno accessivel ás verdades,
— Olha quão vasta, uberrima, fecunda,

De teu Imperio a zona se destende....
De argila e de granito extenso cofre
D'inexhauriveis dons — são teus dominios!
Mas, sobre um solo que aos d'Europa excede
Nos reinos que a natura subdivide,
— Senhor, quão triste a geração se arrasta,
No pugilato que devora as crenças,
Ao holocausto esteril dos partidos,
Qu'inveterando hereditarios odios,
Sem tradições succumbem, fratricidas!.

Nesse 'stertor de bellica vingança,
Espontanea, terrivel, homogenea,
Qual horrido estampido percorrendo
Inteiro espaço que este Imperio abrange;
Nesse acordar convulso do gigante
Sacudindo seus pulsos manietados
Pela apathia, connivencia, inercia,
Ocio, marasmo, indolencia, incuria,
Proposito.... (ou traição?— que o diga a historia,
Que anathemas eternos registrárão);
Nesse dilemma, que as espadas tração,
Da honra, no ultimatum, sobre a arena,
Onde a derrota a condições se humilha,
Onde as victorias os direitos firmão,
Onde um Estado beija o pó, vencido,
Ou, vencedor, no pó um Estado arroja;

Nesse extremo recurso da potencia
Meridional, que o astro do Ypiranga
Da liberdade no baptismo erguêra,
Com que do Adamastor no corpo unidos
N'um'alma só fundir-se deverião
Da politica, oh rei, todos os crédos;
— Ei-los possessos esgrimindo as armas
Temperadas no fel d'impios doestos!
Ei-los ainda arcando, peito a peito,
N'um duello fatal de vituperios!
Vencidos hoje, vencedores hontem,
Ou caducos, retrogrados principios
Prégando á luz de um seculo que os condemna,
Ou socialismo proclamando ás turbas,
Nessa igualdade que á extorsão se iguala,
Precipite arrojando a patria d'ambos
Pelo plano inclinado da anarchia,
Cujo extremo declive é o ostracismo!

Ai dos que decahirem no certame!
Saber, valor, dedicação, serviços,
D'honradez no crisol provados dotes,
Do patriotismo cancellados titulos,
Diplomas auferidos á nobreza,
— Alli, d'*heróes* de postergadas urnas
Pelas plantas calcados, — tudo expira
No pó da injuria que a licença espalha!

XI

Deixa que a mão que te engrinalda os louros,
Tateando-os, subtis te aponte espinhos....
— Quebra-os, oh rei! p'ra tal missão te ungio
O Rei dos reis, que aplaina a immensa estrada,
Bem franca e livre, aberta aos teus triumphos!....

XII

Lá 'stão do abysmo as fauces simulando
Oasis, que, attrahindo, arroja incautos....
Lá 'stão do paganismo os sacerdotes,
Quaes d'Epheso no templo, ind'invocando,
Em simulacro, um Deos que os fulminára
Se não fôra a piedade de seu Filho!

Superstições abominaveis prégão,
Fazem-se oraculos de mentidos dogmas,
E, as mais puras doutrinas pervertendo,
Dons gratuitos ás massas mercadejão!
Fallão de Christo, sim, porém o occultão.
Fallão de Christo, mas d'um Christo inerte,

Quaes vendilhões, melhor encarecendo
Materia bruta, genero de industria,
Ao que mais dér o expondo em vil mercado!
Fallão de Christo, p'ra melhor nega-lo.
Fallão de Christo, sim, mas tornarião
O mundo inteiro n'uma só fogueira,
Comtanto que no incendio devoradas
Fossem de Christo as Santas Escripturas!
A luz de um sol que os queima, que os confunde,
Ao orbe inteiro no Calvario accesa,
Pretendem, loucos, apaga-la ao mundo
Com as proprias mãos que a salvação traficão!
Ministros de Baal, nessas doutrinas
Com que a razão embruteceis dos povos,
Com que, dos proprios reis tocando as frontes,
Reis e povos na orbita dos servos,
Intolerantes, congregais inertes,
Automatos, passivos, impotentes,
Até dos corações aos pés vasar-vos,
Só dado a Deos, reconditos segredos;
Ministros de Baal, nessa mentira
Subversiva, iniqua, atroz, blasphema,
Do fanatismo condensando as trevas,
Do santo officio predispondo archotes,
—Cadaveres insepultos, roubo, incendio,
Lubricos feitos do terror de um padre,
Na Uruguayanna em face vos condemnão!

XIII

Oh rei! se tal verdade affectar póde
Do Estado o jugo, que o christão repelle,
Ouça-a sómente, em rapido contacto,
Á tu'alma remida eternamente
Por um sangue de merito infinito,
Ao contacto dest'alma que na terra,
Obedecendo a Deos mais do que aos homens,
Cumpre um dever prescripto no Evangelho!

XIV

Deixa que a mão que te engrinalda os louros,
Tateando-os, subtis te aponte espinhos....
Repara como os males se accumulão
Nos turbilhões de negros cataclysmos,
Que é forçoso conjurar de prompto....

A vil torpeza, em sordida cubiça,
D'Africa os pobres filhos transplantando
Ás vastissimas plagas do Cruzeiro,
Que mancha horrivel t'imprimio no solio
De que a livre acclamação dos povos
Te fez herdeiro e transmissor á estirpe!....

D'Ethiopes gerações, oh! quantas dôres,
Quanto soffrer e pranto, quanta insania,
Quanto pasto a brutaes paixões e horrores
A historia vos escrevem do martyrio!....

Deixais nos postes mutiladas carnes
Bradando ás gerações: — Vergonha eterna!
Desdé o berço ao sepulchro, oh desgraçados,
Vos abrange o ferrete da ignominia,
Qual grilhão que na jaula opprime a fera!
E a sociedade, que se diz remida
Do cativeiro eterno do peccado
Vos lança em abominavel cativeiro!
E as vossas emoções, e os vossos brios,
Honestidade, pundonor, affectos,
Do coração innatos sentimentos,
Maternidade, e até proprios instinctos
De natural conservação, — que valem
Diante das torturas do azorrague,
Face á lei que permuta vossos corpos
Em publicos leilões, vos exhibindo
D'impudicos exames á vergonha?

XV

Graças, porém, oh rei! que vão teu manto,
Teu sceptro e c'rôa avassallar milhares
De livres cidadãos, que te preferem

Aos mais sabios monarchas do universo:
Legiões da alavanca e da charrua,
Batalhões de mecanicos, exercitos
Da industria e agricultura emparelhadas
Nos prodigios electricos da força
Locomotora de riqueza infinda;
Titanicos obreiros do progresso,
Executores da moral que prégão,
Concidadãos de um Lincoln, que, inda morto,
Em seus congressos faz tremer a Europa!

XVI

Através dessas nuvens voltejando
Rubras, espessas, lugubres, sinistras,
De teu Imperio ao sul, — oh rei, quem póde
Medir-te a gloria preservada aos filhos?
— Deos! só Deos! — que os terminos perscruta
Das nações, que elle abysma d'improviso
Da impiedade nos vulcões que arrasão
Da idolatria os ultimos vestigios,
— Ou do Evangelho na moral sublime,
Que a corrupção dos seculos regenera,
Ao ápice da grandeza as conduzindo
Qual d'Israel aos filhos da promessa
Por entre as aguas que Moysés abrira!

Mal haja a mão profana que não treme
Antes de erguer-te a irresponsavel c'rôa!
Mal haja o que, tão pouco, limitar-te
Á muda e fria estatua de granito,
Automato, impassivel, quando a patria,
Que unanime entregou-te os seus destinos,
Do scepticismo ao mais profundo abysmo
Deslisar-se precipite, sem crenças!

Que culpa tens, oh sabio rei, que o povo
Atado ao poste ignobil da mais crassa
Superstição que â ignorancia implanta,
Em tôrno veja a corrupção, se erguendo,
Assoberbar-lhe instinctos os mais nobres?
Que em sede de justiça febricite,
Sequioso de luz, cégo, faminto?
E que, estendendo a mão, debalde esmole
Instrucção sem limite, —liberdade
Effectiva, de culto e consciencia,
Sem coacção, sem restricções, sem pêas,
Ao progresso exhibida em facto authentico,
E cedida por Deos no livre arbitrio?

Que culpa tens, oh rei, que o povo escolha,
P'ra legislar-lhe, quem melhor no dorso,
Sorrindo, lhe ate mais pesada carga?

Que culpa tens, oh rei, que algumas vezes
O punhal do assassino, violentando
Da liberdade a urna sacro-santa,
Abra passagem livre ao parlamento
A mão tinta de sangue fratricida,
Que vai seus crimes cancellar, firmando
Intencional, sacrilego perjurio?
Que culpa tens, que subditos tão livres
Tutelados, se fação curvilineos,
E intimo fôro até das consciencias
Deleguem, nas reconditas aldeias,
Aos algozes da lei, que os escravisão?
Que culpa tens, oh rei, que os teus vassallos
A iniciativa propria desconheção,
E, a simples tributarios reduzidos,
Os responsaveis vejão do futuro,
Impunes, lhes rasgar nas proprias faces
A magna lei jurada, que outorgou-lhes
Soberanos, grandiloquos direitos?

Mal haja a mão profana que não treme
Antes de erguer-te a irresponsavel c'rôa!

Mas, nessas regiões, — se invulneravel, —
Sarcastica allusão, impios doestos
E insinuações jámais podem ferir-te,
Oh rei, quem póde, entanto oppôr barreira
Represando a torrente de inconcussos
Testemunhos de teu amor ao povo?

Deixa que a mão que t'engrinalda os louros,
Tateando-os, subtis te aponte espinhos....

Dos poderes politicos, se és chave,
Quem mais póde velar pela incessante
Harmonia e equilibrio deste Imperio,
Mantendo intacta a sua independencia?

Mas esse cofre d'ouro de que és guarda,
Que sagrado te fez e irresponsavel;
Esse thesouro que te fez perpetuo
Defensor do Brazil;
Ess'arca santa
Que fez-te inviolavel magestade;
¿ Acaso não contém visivel mancha
Que ora offusca, marêa, tisna, apaga
Da liberdade e do progresso o brilho,
E ora até se contradicta, a ponto
De tornar irrisoria ou vacillante
A fé christã d'aquelles que a traçárão?
. . . .

Deixa que a mão que t'engrinalda os louros,
Tateando-os, subtis te aponte espinhos....
Representante Augusto, que te assentas
Ao lado d'honra dos que augustos, dignos,
Representão comtigo a patria d'ambos:
Contempla, e sente, e vê, e apalpa, escuta,

Investiga, confronta, sonda, attenta,
Aprofunda, penetra, indaga e alcança
O imperceptivel *virus*, que, latente
Corróe, solapa e mina o crescimento
Deste Imperio que é teu, te quer, te applaude!....
Leva teu dedo nú á chaga viva,
Occulta no ouropel que em pús se embebe,
Da nação que delega seus poderes
A ti, e aos que, das urnas procedendo,
Vão resolver-te as successões do throno,
Vão, magestosos, deferir-te as juras,
Vão, soberanos, decretar comtigo,
Vão, reverentes, a sancção pedir-te!

Qual espessa caligem obumbrando
Da liberdade e do progresso o brilho,
Lá 'stá na magna lei uma sentença
Retrograda, cruel e dolorosa,
Ao progresso ironia, ao sec'lo escarneo,
Sarcasmo ao fôro intimo das gentes,
Sophisma atroz, motejo á liberdade....

Mas onde vais, oh musa?!—Pára em face
Desta guerra fatal, que tanto sangra
Do rei o coração tranzido!....
— Oh sabio,
Que culpa tens, senhor, destas verdades?

Que rei infatigavel, noite e dia,
Assim percorre as tendas do labor?
Quem mais as lettras patrias auxilia?
Quem mais lhes cede protecção e amor?

Primeiro sempre no cumprir deveres,
Primeiro a ver-te sempre um cidadão,
Do povo teu primeiro nos prazeres,
Primeiro no carpir-lhe a decepção;

Porque não canças, alta magestade?
Porque, primeiro, assim, Pedro Segundo?
Buscas do povo teu a f'licidade?
— A f'licidade é uma só no mundo!

A f'licidade é luz, progresso, amor,
— Augusta, santa e mystica trindade! —
Sómente a cede o Deos-Legislador,
Principe da paz, caminho da verdade!

O mundo inteiro, sem parar, constante,
Que pretende? que quer? que busca afflicto?
Trevas? — Jaz a Polonia agonisante...
Luz, e mais luz! — eis do progresso o grito!

Mas onde o amor, progresso e luz?—Sublime,
Augusta, santa e mystica trindade!
— Eureka! oh povos! — o Evangelho exprime,
Lá brilha a paz, o amor, a f'licidade!

CANTO III

I

Tarjas funereas moldurando em luto,
Painel de glorias que colure a vida;
Trago de fel em taça auri-fulgente,
Os brindes conturbando de convivas
Ebrios de gozo a memorar victorias
No banquete que a heróes a patria off'rece;
Nuvem prenhe d'electricas scentelhas,
Ora em discos phosphoreos, ora immersa
Em bruma atmospherica, sinistra,
Do sol as projecções interceptando
Nas horas do festim em preito aos bravos;

Porque vindes, fataes, horridas, lugubres,
Arrefecer em transição plangente
Meus crepitantes, vívidos transportes,
Com o contacto glacial dos mortos?

De Josaphat sons da tuba,
És o signal que derruba
Os trophéos da sepultura,
Hyerogliphos da impostura
Arremessados ao chão?
Dize: desses que finárão
Existencias que votárão
Nas conquistas da victoria,
És a voz da exhumação
Para os juizos da historia?

São os heróes que espedação
Dura argila de seus fossos!
É o ranger de seus ossos
Nesse atrito em que se enlação.
Esqueletos, que se abração,
Articulados de novo,
Resurgindo á voz do povo
No altar em que psalmeja
Hymnos de guerra, em memoria
Desses bravos da victoria
Que com seu sangue provárão
Intrepidez na peleja!

II

Grenhalgn, Silvado, Vasconcellos, Muller,
Vital, Sant'Anna, Henrique, Lima Barros,
Vernek, Vassimon, Marcilio Dias,
Cabrita e Alpoim, Couto, Sampaio,
Silva, Raymundo, Armenio.... e tu, Silveira,
Que nesse agonisar de tantas dôres,
Nesse extremo convulsar dos membros
Por fogo e ferro imigos mutilados,
Ultima phrase, em prece ungida em trance,
Que Deos te ouvio, lhe dás em prol da patria:
— Oh! sombras venerandas! — ainda é cedo
Para agrupardes pedestaes na historia!
Temeis a ingratidão, e errantes vindes,
Fragmentos d'heróes, craneos sem troncos,
Insepultos em malditas plagas,
Sagrados carmes relembrar da patria!
Oh! não! Bem vêdes quão profundo o golpe,
Vos ferindo, resvalou no Imperio,
Que unisono bemdiz tanto heroismo!...

Não! Não temais o esquecimento! — o sangue
Em holocausto á liberdade off'rece
Mil commentos grandiloquos na historia!
Da vida o sacrificio, em campo aberto,

Na esquerda o pavilhão, na dextra a espada,
Peito a peito o desforço — em meio a patria —
Não ha seculos jámais que esquecer possão.

Ou póde enrubecer do morto as cinzas
Zelo de gloria ao vivo, que o supplante?
De *Carvalho*, pagando por seu turno
Tributo á tumba que os heróes espreita,
E os attrahe, e o martyrio lhes consumma,
Ou da *Victoria* a ilha, cujos nomes
Não se separão mais, tradicionando
Primeiro bravo que a disputa aos tigres;
É certo que assignala mil triumphos
Ao seu conquistador....
Da *Patria* o *Passo*
Por certo que eternisa o grande feito
De Osorio, o destemido, que primeiro
Da panthera o covil penetra, ousado....
São doze os seus, não mais, porém dess'alma
Bravura, arrojo exercitos lhe supprem....
São doze os seus, não mais, porém crescentes
No denodo e ardimento, sem limites,
Na intrepidez e no valor, sem termos,
Vão dez naquella espada inda pendida,
Brandindo-a, cem, vão mil em cada golpe,
Mil que se rendem, lhe avistando o brilho!...



BARÃO DO AMAZONAS
(Barroso)

A. de Pinho, fecit.



III

D'austriaco marujo, que, bem alto,
De sua esquadra, em *Lissa*, exalça a fama,
Somenos não ficárão de Barroso
Prodigio, heroicidade, em *Riachuelo.*
Turvas aguas, barrancas, céo chumbado,
Inorganicos seres, testemunhas
De tão sublime amplexo d'episodios,
Quem pudera tomar-vos a um só tempo,
Vos animar, e em descripções de lances,
Fiel photographar prodigios tantos?

No mais estreito do rio
Artilhada toda a margem,
No impossivel desvio
Era um naufragio a passagem.
De monstros regorgitando,
Aos nossos bravos jogando,
Em infernal vozeria,
Sarcasmo, insulto, ironia,
Ridicula, estupida váia;
Era a esquadra paraguaya
Despejando os artilheiros
Sedentos de atroz carnagem,
Nessa indomita abordagem
Aos navios brasileiros.

Genio, por Deos inspirado,
O terror justificado
Do peito invicto desterra....
Firme, de pé no convez,
Ei-lo, Barroso, o valente,
Que imiga esquadra potente
Vai abysmar n'um revez
Virgem nos annaes da guerra.

« Avante! » E o grito resôa,
E mais que o raio depressa
Contra essa esquadra arremessa
Do *Amazonas* a prôa....
« Nem sequer illeso fique
« Um só vaso do cacique,
« Para ir contar-lhe a derrota
« De sua explendida frota! »
Disse, a manobra executa,
Mettendo-os todos a pique
Nesse começo da luta!

IV

Tambem de *Curussú*, não menos digno
Polydoro de louros cinge a fronte,
Os muros conquistando, e Porto-Alegre
Seu nome exalça em bellicosos feitos!

E que importa que o exercito, provado
Nos mais renhidos fremitos, não possa,
Sob infernal abobada de balas,
Despedaçando os encravados membros
Nas abatizes de profundos fossos,
A peitos nús, em filas descobertas,
Tomar novos reductos ao inimigo,
Qu'invulnerava os corpos nas trincheiras?
Depois de haver em *Paysandú* plantado
Vencedor pavilhão, depois d'erguê-lo
De *Itapirú* nos derrocados muros,
Fronteiro ao que na *Redempção* alçára;
Depois de o ter em *Curussú* firmado;
Qu'importa que na honrosa retirada
Não visse-o tremular sobre as muralhas
Tambem *Curupaity?*
— Lá 'stava erguido,
De pé, no fragil lenho, brinco ás aguas,
Aos torpedos escarneo, — alvo distincto, —
Impassivel, heroico, nobre, altivo
— Tamandaré — o almirante — o bravo!

Lá 'stava! Bem o vistes, artilheiros,
Escravos, que feris aos que vos levão
Illustração, progresso e liberdade!

Lá 'stava! Bem o viste, soldadesca
Aterrada, fitando a audaz coragem

Desse vulto, percorrendo os vasos
De seu commando, e provocando os vivas
De seus enthusiasmados camaradas!
Lá 'stava em seu batel, mostrando ás hordas
Dos cannibaes, em peito invulneravel,
Valor que só aos genios encouraça
Em frente de assestada artilharia!

É verdade que além inda conquista
Immarcessivel louro aos que já forão,
Ou qu'inda vivem, esse heróe provado
Com fogo e ferro, a vida quasi extincta,
No mais encarniçado da peleja,
Elle que a vida aos seus, habil, restaura,
De Esculapio a sciencia exercitando:
Pinheiro Guimarães, rival sómente
De Guimarães Peixoto, que soubera
Vêr a morte em projectis sem conta
Da vida os orgãos todos traspassar-lhe,
E, refractario, seu poder baldando,
Adiar para os lares da familia
Do martyr o tributo inexcusavel!...

É verdade que Honholtz bem pudera
Ao Pantheon dos bravos fulminados
Na defesa da patria, ter accesso

Pela effusão do sangue, que o respeita
Nessa bravura que define e sagra
Predestinados aos laureis da Patria!...

V

De taes glorias aos vivos, — póde o zelo
Enrubecer-vos, venerandas cinzas?
Jámais! Que as vossas tradições ficárão
— Estimulo aos mais zelosos de renome!

VI

E vós, inteiros pelotões de bravos,
Completas legiões d'heróes, ceifados
No mutuo empenho d'ávida carnagem;
Quem vos canta epopeia a cada nome?
Quem de cada familia a dôr acerba,
Saudade e luto suavisa em 'strophes
A cada feito de um laurel condigno?

Voluntarios da Patria! — Vibrão raios
Canhões em filas, que affrontar ousastes,
E que varrendo o campo, — inteiras hostes
Envolvidas em nuvens de poeira
De fumo e d'estilhaços, arremeção,
Quaes lavas de um vulcão inda não visto...

Vividos corpos, bi-partidos membros,
Aos milhares lá vão, vertendo em jorros
Sangue que a arena tinge, alaga, innunda
Pasto de abutres mil, jazer dispersos!

Oh! corações de patriotismo ardentes,
Para a explosão do cégo enthusiasmo
Da artilharia ás fauces conduzir-vos,
De bravos chefes foi bastante o aceno....
E um minuto bastou para esse drama
De peripecias tão fataes n'um palco
Mudado em rubro mar tempestuoso,
Onde, convulsos, s'estorcendo em dôres,
São doudas vagas membros se agitando
Nessa noite infernal d'espesso fumo
(O sol em seu zenith),—muralha aos vivos!
Nessa orchestra sinistra de lamentos,
Tranzidos ais, imprecações, em sêde,
Derradeira tortura dos que expirão
Feridos no combate.... N'essa orchestra
Que o rufar de tambores, estampidos,
Clangor, tropel, cruzar de ferro abafão!

Não fôras tão sublime e immensuravèl
Dever innato d'honra e de civismo,
Lavar da patria a injuria em sangue imigo,

No disforço da offensa, insulto e insania,
— E maldito o primeiro que ensaiára
Bellicosos progrêssos d'exterminio!
Heróes sem conta, sem laureis, sem lousas,
P'ra vós,—soldados—, o melhor dos versos
D'estro qu'inspira-se em prodigios tantos!

VII

Passão-se longos, e morosos dias
Contados pela fria expectativa....
Do povo n'alma o tedio aò scepticismo
Tocando já, no desespero o arroja....

No proprio seio do comicio augusto
Onde se ostenta magestosa-altiva
Soberania nacional das urnas,
Fatal descrença, mal contida, impera,
Sem fé pendendo encanecidas frontes....

Passão-se os dias, sem que a voz se escute,
Incisiva e vibrante, de tribunos
Que rutilar fizerão no horizonte
Electrica scentelha, em prévio annuncio....

Que tormenta esta calma presagia?
Sob os pés que vacilão na cratera,
Que novas lavas infernaes se incubão?

Oh sabio rei, que o fogo has inflammado
Nos peitos de teus bravos, na hora extrema
Do caminhar ás privações da guerra;
De *Chateaunef*, e *d'Arouet*, nas taças,
Veneno corrosivo não libaste
Em tua adolescencia, qual o herdeiro
Do rei, que em si o estado resumia!
Virgem de mácula,—ao sceptro invulneravel,
Que tua mão de pai, digna dos osculos
Da universal democracia, empunha,
Que proprio rei um preito não tributa?

Giambatista, *Bonnet*, *Herder*, *Cezàre*,
Que na historia do mundo conquistastes
Do vaticinio a primasia;
Illustres
Haller, e *Beauregard*, que préviamente
Vistes fatal degradação da França
Sobre a praça de *Gréve*, e predicestes
De *Moscow* o fatidico desastre;
Da humanidade aruspices, oraculos,
Vós, tantos genios devassando as trevas
Do porvir das nações,—prophetisando
As vascas do terror em que, provadas,
Polonia, Italia, Portugal, Suissa,
Inglaterra e Allemanha espadanárão
Em sangue que ensopou a Europa inteira;

Se então vos fôra dado revellar-nos
Deste Imperio o futuro; — lisogeiros
Nos serião os vossos vaticinios!

VIII

Lindoya, e tu, *Colombo!* — *Lima Barros*,
Herval, *Tamandaré*, *Cabral*, *Silvado*,
Bahia, e tu, *Barroso!* — que mais glorias
Pretendeis conquistar nessa jornada
De soffrego, tenaz, pujante arrojo
Dos *Palmares* além?
Não bastão louros,
Na passagem colhidos, com que ousastes
Canhões raiados affrontar, vingando
De *Curupaity* o fórte a metralhar-vos?
Denodado almirante, invicto, illustre
Servidor deste Imperio, — não, não queres,
Por certo, o sacrificio de teus bravos,
De *Londres*, affrontando a *bateria*,
De *Humaitá* fronteiros, sob os muros,
Nos lodaçaes, inglorios, profundados!

Brazil! sustenta o leme! attende ás vozes
Do joven commandante, desse bravo
Que honrosa cicatriz na fronte exhibe,
Memoria d'*Espartel!*
— Olha os torpedos

Que as rotações do aélice te esperão
Ali, sinistros!... muda o rumo, volta,
Não sacrifiques uma esquadra inteira,
Que te seguindo do almirante a insignia,
Lá vai disposta a se abysmar comtigo!
Tayi, Pilar, *Ovelha*, *S. Solano,*
São vaticinios certos, infalliveis
Do mais bello, sublime e glorioso,
Explendido, arrojado, temerario
Derradeiro tentame a ferro e fogo
No assalto da nova, inexpugnavel
Sebastopol, cercada de mil fossos,
Esteros infernaes, canhões sem conta!

IX

Sentido, divisões! — Da linha immensa,
Cujos flancos Herval e Argollo occcupão,
Do general em chefe, descoberto
E exposto, bem no centro, (exemplo aos bravos),
O signal vaí partir!....
— Ei-los em massa:
Negro bando de abutres esfaimados,
Instrumentos passivos da perversa
Politica subtil, ultramontana,
Que á luz condemna, á illustração guerrêa,
Acobardada e timida ao primeiro

Que souber, com as verdades do Evangelho,
Da hypocrisia arrebatar-lhe a mascara!

Sentido, divisões!—Ei-los em massa:
São oito mil fanaticos, dispostos
A matar e a morrer, emquanto os braços
E obcecados corações e cerebros
Ao vital movimento obedecerem
Ainda menos que ao gesto do Cacique,
Ou á ameaça d'infernaes embustes
De um clero que a Satan deu alma e corpo!
Oito mil faculdades embotadas
Da atroz superstição na noite eterna!
Oito mil corpos vivos, que se humilhão
Ao risivel bastão de um tyrannete,
Ou á irrisoria excommunhão de um padre!
Oito mil féras, que o covíl deixárão,
Onde o progresso e a liberdade, impunes
Não penetrão jámais!

Onde a palavra
Do Nazareno, livremente exposta
Do Golgotha na cruz, ao mundo inteiro,
Da salvação as novas confirmando
Do cruento holocausto de seu corpo,
Na remissão gratüita do peccado,
É um crime de leza intolerancia!
Onde ardentes discipulos de Loyola,

Pharisaica raiz de Torquemada,
De Pedro Arbues condignos successores
Vigilantes, a senha perpectuão
Em seus postos, á séde transmittindo-a,
Que de um novo *Pombal* lhes calla o medo!

Sentido, divisões!—Ei-los....—Avança!
Eis a veloz, electrica scentelha
Que nas arterias vos escalda o sangue....
De Victorino, o heróe, as bravas hostes
Na vanguarda, quaes settas desferidas
Por herculeo Tamoyo, se deslisão,
Na desfilada os tremedaes vencendo....
Peito a peito, nas lanças, que se encravão
Em possessos imigos, se prolongão,
E os derrubão no choque....

Lá, distinctos,
Como as suas espadas, que scintillão
Na conquista de um louro á cada golpe,
Seus renomes escrevem, denodados,
Hypolito, Bueno, Cruz, Mesquita,
Alves Tavares, Oliveira, Alberto,
Astrogildo, Trindade, Cyprianno,
Vieira Souto, Sezefredo, Osorio,
Souza Castro, Feitosa, Cunha Mattos,
Thomaz Gonçalves, Mercio, Celestino!

Vôa, Argentino general! que és digno

Dos alliados, que lá vão comtigo
Novo heroismo burilar na historia!
Hornos valente, que teu nome e feitos
De Tuyuti nos campos escreveste,
De Porto-Alegre a par;
—Assim, fulmina,
Rechassa aos canibaes com os teus lanceiros!

Lá 'stão na luta encarniçada, as frontes
De mais virentes c'rôas adornando,
Menna Barreto, e Lima!....
— Lá cahirão
Das paraguayas legiões valentes
Os ultimos soldados, que na morte
Pagão tão caro a temeraria insania
D'um Senhor, que assim deixa—pasto aos corvos—
Os restos de seus proprios defensores!!....

X

Mas, o inimigo que invadira ousado
O vosso territorio,
Ainda ostenta, altivo, intrincheirado,
O seu poder notorio!
Vamos, soldados brasileiros, vamos
Desaffrontar o insulto!
Se elle render-se á discripção, pessamos
Ao rei, clemente indulto!

Não foi vergonha o exercito agora
Não tê-lo prisioneiro:
Quem ousaria duvidar um' hora
Do valor brasileiro?
Não foi vergonha não punir a armada
O despota tyranno:
Desde quando impotente brilha a espada
Em pulso americano?

— Americano?!
Que vale um sólo
que alfim vos coube
manchado assim;
se a patria alfim
inda não soube
curvar o colo
do audaz Solano?
— A liberdade?!
Que vale a triste
assim cuspida
em pleno dia;
se a tyrannia
lá tem guarida,
e inda resiste
á heroicidade?

Americanos livres não comportão
Por tanto tempo o insulto.... o escravo o soffre,

O escravo sim, mas, vós? Vós não cedestes
Valor, nobreza, pundonor e brios
Ainda hoje provados na peleja
Pelos vossos irmãos, que em vão vos chamão!
A questão é de numero, sómente,
De denodo, jámais! — o mundo o sabe,
E o comboi vos espera....
— Ide, oh filhos,
Por vossa mãi provar amor sublime!
Ide lavar-lhe a nodoa, emquanto a historia
Mãi e filhos não lança aos commentarios
« De eterno oprobrio ás gerações e ao mundo! »

XI

Vamos, guerreiros! É preciso e urgente
que descanseis por fim!
Recriminai-vos mutuamente, quândo,
De volta aos lares, nos serões sentados
Mostrando aos filhos mutilados membros,
Mostrando á esposa as cicatrizes d'honra,
Commentardes os planos e estrategias
que vos marcárão assim!

Tres annos já lá vão, guerreiros, vamos
ao termo da jornada!
Quem foi mais bravo d'entre os bravos d'hoje,
Quem d'um Andrade Neves e Fernandes

Excedêra valor; quem mais affouto
Da esquadra vio, em rapida passagem,
Curupaity seus projectis lançar-lhe,
dizei, guardando a espada!

Vamos, guerreiros, são tres annos longos
onze vezes cem dias!
Foi brilhante o Convenio, fulminando
D'Aguirre os instrumentos sanguinarios?
Foi erro, acaso, a triplice alliança?
Procastinárão vossos sacrificios?
Imprensa e parlamento justificão
tão rudes vozerias?
Amanhã nos direis, narrando a historia
de vossas agonias!

Agora cumpre encurralar o tigre,
Agora o vosso tempo está contado,
Agora Mitre vos aponta os louros,
De vosso general mostrando o exemplo,
E é preciso e urgente congrassar-vos
ao marquez de Caxias!

XII

Se alegre, a folgar
estava o Cruzeiro
em seu descuidar,

a rir, prasenteiro,
menino a brincar,
tão junto ao brazeiro;
emquanto a ensaiar
seu golpe guerreiro,
o tigre a pensar
no bote certeiro,
levava a fitar
olhar traiçoeiro,
nos vendo deixar
que ousado estrangeiro
viesse tallar
o solo fronteiro;
— ¿ quem póde atirar
a pedra, primeiro?

Se Gregos, Troianos, rirão
com ironia de atheo;
se sarcasmos desferirão
os que na paz deste céo
segurança eterna virão;
— ¿ quem ergue a ponta do véo
com que juntos se cobrirão?
Quem o juiz? Quem o réo?

Rufa o tambor....
— Álerta! Álerta!!
Cresce o terror:

a guerra é certa!
Com tanto ardor,
com tanta offerta
com que o valor
alfim disperta;

Humaitá pondo raso,
quem mil planos não traçou?
Quem não poz á gloria um praso?
Quem é que não se enganou?

Quem da victoria não sentio laureis?
Quem não julgou erguer o seu pendão,
— Se em poucas horas todos nos quarteis,
E após tres dias, todos n'Assumpção?!....

XIII

Qual de vós, que lançais primêiro a pedra,
Vosso nome direis, de fronte erguida
Aos registros da historia?
— Pessimistas,
No domestico lar, oh sêde-o, embora;
Mas, pelo instincto natural, (se é morta
Do patriotismo a ultima scentelha);
De vossos filhos pelo amor, — ingratos, —
Não toqueis nessa pagina sellada
Pela missão suprema, sustentando

Ultimo appello ás armas!
Quanto sangue
De tão caros irmãos, não está bradando
Um protesto solemne contra a injuria
Que quereis irrogar ao mais sagrado
Direito que exercemos de ser livres!
Lá está.... Medi toda a extensão do arrojo,
Todo o peso da cinica ousadia,
Da ingratidão a altura immensuravel;
A profunda, insondavel, temeraria
Pirataria atroz desse tyranno
Successor legitimo de Francia....

Lá 'stá *Monte Cazeros!*....
— Nas muralhas
De teu reducto extremo, que mãos livres,
Prodigas mãos, liberrimas, amigas,
Te erguêrão, caridosas, — tigre insano,
Desperta essa memoria obcecada....
Lá 'stá *Monte Cazeros*.... Vê, supita
A sede d'infernal carnificina,
Poupando um resto de famintos servos
Que n'um circulo de ferro sacrificas,
Quando tu só, só tu és o culpado!

Lá 'stá *Monte Cazeros*.... — Pára, oh monstro,
Ao menos ante os louros desses bravos
Que do herôe de *Porongos*, e da invicta

Espada de Caxias, sob o mando
Alli te libertárão do dominio
De Rosas, o tyranno, que hoje igualas,
Se é que não lhe excedes na torpeza!

XIV

Mas, porque trôa, de canhão longinquo,
Este signal, que em ondas precipita
Avido povo ás praias, semelhando
Refluxo d'ondas, que de o vêr recuão?....

Novo estampido.... e outros.... e mais perto,
Mais fumo as baterias fluctuantes
Despejão sobre as aguas da bahia....
—Olha.... repara.... vês? — Rompendo a nevoa,
Como chega veloz aquella barca,
D'espumas lateraes mostrando em meio
Alçado semi-circulo de bandeiras?

XV

Suspira, respira, soldado cançado;
abala com a falla a gente contente:
Solano, o tyranno, surpreso, foi preso?
fugio, ou cahio ferido, rendido?

A farda rasgada no peito direito....
pendão nessa mão ferida, estendida....
que fazes? Que trazes?—Confessa depressa,
que eu. quero, cincero, ouvir-te, cingir-te.

—Espera, oh bravo, que o prazer supremo
Fulmina como a bala que atravessa
Em meio o coração!
— (Tal brada o povo),
Mas em vez de esperar, abrindo a farda,
No peito o bravo aponta as cicatrizes
Que a epiderme lhe marcão, e ao povo exclama:

Que dôres! Que horrores aqui eu senti!
mas, dentro, no centro, que gozo ditoso!
levai-me, mostrai-me ao rei a quem dei
a jura segura:— vencer ou morrer!

Vencer, ou morrer! — Troando, bradando
a grita estrepita! — Não fique o cacique!
bradámos, marchámos.... Já grassa a fumaça,
ouvindo, sentindo notoria a victoria!

Galgando, vingando primeiros, ligeiros,
barreiras, trincheiras extensas, immensas,
(Que sanha tamanha na cega refrega)!
enchendo, fazendo destroços nos fossos!

Já grassa a fumaça.... Aos centos, portentos
d'ardor e valor, tombando, expirando,
pizei-os, calquei-os.... Segui, distingui
bandeira estrangeira, tomei-a, — rasguei-a.

Os vi, e os feri. — Pantheras! Que feras
tão bravas, e escravas! — Avante, pujante,
já cégo m'entrego á sorte, que a morte
álerta, me offerta um braço de aço!

Rojando, abraçando comigo o inimigo,
que pranto, que encanto, (não sei!) escutei!....
— «Perdão!» — E esta mão que o esmaga, lhe afaga,
tingida, a ferida que atei, e o salvei!

Rendidos, vencidos, — lá 'stão n'Assumpção!
que dias, — Caxias — de gloria e victoria,
nos dá no Humaitá, mostrando, ostentando
ardor e valor que abrange a phalange!

SEGUNDA PARTE





DUQUE DE CAXIAS

A. de Pinho, fecit.



És homem, pára! » — Assim dissera Deos por labios do épico cantor da Confederação dos Tamoyos ao desterrado de *Santa Helena*, quando a estrella de *Arcole* se obumbrava nas caligens de *Waterloo*.

— « És homem, pára! » — Disse o Senhor dos Exercitos quando os louros de *Lomas Valentinas*, as verbenas de *Pikyciry* e o rendido pavilhão de *Angustura* fazião da encanecida fronte do guerreiro — *que ainda não tinha sido vencido* — o archivo nacional dos virentes trophéos de cem victorias.

— « És homem, pára! » — E emquanto na capital do despota a mão de Caxias plantava o estandarte Brasileiro, que havia desfraldado triumphante desde *Ipoá* até *Villeta*, desde *Palmas* até *Santa Thereza*,

desde *Santo Antonio* até *Ipaná*, desde *Valdovino* até *Capiatá*, desde *Areguá* até *Sanga Branca* e *Marmoré*;—ainda esta sentença do Supremo Architecto do Universo fazia *parar* as palpitações bellicosas do *bravo dos bravos* BARÃO DO TRIUMPHO.

— « És homem, pára! » —E o intrepido FERNANDO MACHADO, desalojando o inimigo, sobre o qual carrega sempre, da posição que abandona,—sella com a perda de sua existencia os rasgos de sua dedicação e coragem.

— « És homem, pára! »—E o heroico ANTUNES GURJÃO, ferido em seu posto de honra, abre passagem a CAXIAS, que reanimando o ardimento de seus bravos, conduz aos prodigios do denodo e bravura VASCO ALVES, BITTENCOURT, CORRÊA CAMARA e EMILIO MALLET.

— « És homem, pára! »—E o legendario de *Humaitá*, o intrepido do *Passo da Patria*, VISCONDE DO HERVAL, *parando* ensanguentado ante CAXIAS, que avançava á testa de todas as forças, depois da hecatombe e explendida conquista de *Itoróró*, ia pedir ás brisas de *Jaguarão* e aos experimentados e intrepidos cavallarianos de *S. Pedro do Sul* o balsamo cicatrizador para o sulco do projectil que lhe fracturára o maxillar.

— « És homem, pára! » — E sob as abobadas de um mosteiro, ao contacto das bençãos de D. PEDRO II, que lhe foi pensar o ferimento de honra, o VISCONDE DE ITAPARICA, que derrubára com a sua espada as florestas virgens do *Gran-Chaco,* e rasgára com suas mãos, em 23 dias de perigos e resignação, essa avenida do glorioso itinerario de *Palmas* a *Villeta*, veio *parar* no marco miliario dos *Invalidos da Patria!*

— « És homem, pára! » — E o *Valle dos Benedictinos,* vestindo de crepe o espaldar de seu Veneravel, e exhibindo aos profanos as columnas de seu Templo, onde os *Filhos da Viuvá* entoavão o memento do Obreiro da Liberdade, fazia *parar* os malhetes de seus Vigilantes sobre o sarcophago do VISCONDE DE INHAUMA!

— « És homem, pára! » — E emquanto a hyena arrastava ás *Cordilheiras* os semi-vivos e foragidos de *Avahy;* — emquanto *Serro Leon*, *S. Estanisláo, Concepcion, Belem-Cué, Naranjay, Itapitanguá, Sapucahy*, *Sanguino-Cué* e *Curuguaty* aguardavão o fugitivo de cem derrotas para baldar os commettimentos de bravura, intrepidez e heroismo de GASTON DE ORLEANS, no sacrificio de MENNA BARRETTO; — as reacções de tres annos de provanças e fadigas, trazendo á sua patria o MARQUEZ DE CAXIAS,



DUQUE DE CAXIAS

A. de Pinho, fecit.

Cahe com o peso do corpo sobre a esquerda,
Com a mão direita imprime impulso á arma,
No direito ante-braço encosta, firma
O couce da coronha, eia, a baioneta
Na cabeça do cavallo embebe....
Fica em guarda depressa, assim, não deixes
O inimigo fender o teu quadrado.
Lá bem no centro se entrelação juntas
Autonomia, privilegio, orgulho,
Prerogativas, isenção, direitos,
Liberdade, fortuna, a honra e a vida
De um povo, que de um rei se abraça ao throno
Em provanças communs, em mutuo empenho
De reciprocos fóros soberanos
Na defesa, que de ambos te incumbiste!

És defensor da patria, segue, avante!
És soldado, caminha!
Os teus affectos,
Teus pais, irmãos, teus filhos, tua esposa,
Teus amigos, teu lar, os teus principios,
Tuas crenças, teu Deos, os teus protestos,
Aspirações, saudades do passado;
Teu presente, teus sonhos do futuro,
Tua alma e corpo, consciencia, arbitrio,
Teu mundo em vida, teu sepulchro em morte;
Tudo em que projectou-se um simples raio
Emanado de um Deos, que te fez livre,

Te foi mister despir do ser humano,
Para a blusa vestir, que te fez servo!
Morre, mas não te afastes de teu posto.
Morre, mas não te rendas ao inimigo.
Morre, vedeta, em matagaes perdida;
Morre, cedro, cahindo aos estilhaços,
Fendido pelo raio!
— Sentinella,
Morre, que a vida se salvar quizeres,
Por força imiga sorprendida em torno,
Alarma de terror aos teus mandando,
O primeiro, teu pai, que ouvir-te os gritos,
Cumpre a lei, que cumprir tambem juraste,
Te espedaçando á queima-roupa o craneo!

Lá vão cerradas as columnas; folga,
Oh coração de rei! Lá vão teus bravos
Vingar ultrages, invasão, torpezas
Com que Lopes, que ultraja a humanidade,
Incarnando satanicos instinctos,
Entre os povos da America, insensato,
Ousou manchar o pavilhão da patria
De que és primeiro defensor perpetuo!
Sôa o clarim, rufa o tambor, avanção,
Como quem, fundo penetrando os antros,
Colher tentasse ás proprias mãos o tigre....
O teu pendão lá 'stá: de sangue e fumo

Manchado, em tiras, porém sempre alçado
Em alvo aos projectis!....
— « Victoria, oh Patria! »
Eis o grito final.
— « Alas aos bravos! »
Eis o preito, que dôres mil compensa
Da patria ao defensor que sobrevive:
Tronco fendido, que adherio-se ao posto
Onde alastrados membros lhe ficárão:
D'homem resto, estilhaço, que se arrasta
Como um verme em cegueira, pelas turbas
Que n'um mixto de ovações e carmes
Heroismo e desgraça solemnisão!

II

Quem pesa valor incrivel
Do brasileiro soldado?
Tem de ser um denodado
Em campo inhospito, horrivel....
Embora o corpo gellado.
Tiritando, em pantanaes,
Perdido sinta o vigor,
De privações esmagado,
Não lhe arrefece o valor!
Dormem todos, e elle véla,
Que o dormir em sentinella
É pena de arcabusado!

Naquelle corpo, que exangue
E amputado se equilibra,
E d'aço da vida a fibra,
E inesgotavel o sangue....
Honra, oh Patria, ao teu soldado!
Que se não foi fulminado
Pelo fogo paraguayo,
Traz na fronte laureada,
A fé de officio assignada
Nas cicatrizes do raio!

Só pela patria palpita
Do soldado o coração
Jungido pelas correias:
Só pela patria crepíta,
Como as lavas de um volcão
O sangue d'aquellas veias....

Quem limita o itinerario,
Quem diz — basta — ao voluntario
Da patria, que tudo deixa,
Só para a patria ir vingar?
Que de soffrer não se queixa,
Que de morrer não se esquiva,
Porque da patria no altar,
Quando o seu nome alistou.
Obediencia passiva
Sobre a bandeira jurou?!

Vai cumprir o seu fadario,
Seu unico fim, seu dever:
É da Patria Voluntario?
Ha-de por força vencer!
É soldado brasileiro,
Tem isenções, não se escusa:
Cidadão, se faz guerreiro,
Perde os fóros, veste a blusa.

Reliquia, amor, talisman,
Seu thesouro, anjo da guarda,
Sua mãi, consorte, irman,
Seu mundo e Deos, é a espingarda.
É brasileiro, e este nome
Que o berço patrio lhe dera,
Do frio, da sêde e fome
Os rigores lhe suppera!
É brasileiro, saccode
Egoista apêgo á vida,
Qu'indifferente, não póde
Ver sua patria abatida!
É brasileiro, hade um bravo
Ser por força; foi-lhe a sina:
P'ra livre ser, ser escravo
Das juras de lealdade!
Foi-lhe horoscopo o denodo,
Que importa que o mundo todo,
Para o esmagar, se levante?

Jurou vencer? — segue avante:
Infernal carnificina
Mais o attrahe, mais o fascina....
O rugir da tempestade,
O arcar dos elementos,
Dos Pampas os rijos ventos,
Rouco bramir da tormenta,
D'artilharia o stertor,
Mais o orgulho inda lhe augmenta,
Mais lhe estimula o valor
P'ra provar que, na verdade
Combatendo a escravidão,
Só se é rei da creação
Defendendo a liberdade!
Instituições que defende,
Velai do bravo o porvir,
Que o soldado só depende
Do heroismo que exhibir!
Ondas de sangue e metralha
Vão lhe afogar na carreira
Valor indomito e fé....
Mas, se depois da batalha
Erguer-te, oh Patria, a bandeira,
Illesa, firme, de pé,
O que darás ao guerreiro
Que, de trincheiras no assalto,
Lá plantou, assim, tão alto,
O pavilhão brasileiro?

É brasileiro, não quer
Nada mais, se succumbir,
Que uma etapa, p'ra remir
As privações da mulher!

É brasileiro, se um dia
Do bravo a fita lhe honrar
As cicatrizes do peito,
Invalido, na enfermaria,
Vendo o Monarcha o saudar,
Póde morrer satisfeito!
Póde morrer, que a saudade
Não vai-lhe em tragos de fél;
Sabe que a patria é fiel
Que hade amparar-lhe a orphandade.
P'ra vingar-te, oh Magestade,
Affrontou do imigo a furia;
Com sangue lavou-te a injuria
Irrogada por caudilhos,
Oh Patria, do bravo os filhos
São teus, salva-os da penuria!

III

Porque no meio da sombria, espessa,
Obumbrante caligem, que ennegrece
Da patria o horizonte, agora o povo
Vem ás praças sorrir?

Porque, cançados
De pungente chorar, mirrados olhos
Vêm reflectir e scintillar o brilho
Do sol que explende no ceruleo espaço?

Porque se escuta em fremito o arroubo
De labios qu'inda hontem convulsivos
Parecião pedir á Providencia
Menos angustias na tortura extrema?

Que mão de genio, temeraria, ousada,
Deu volta á chave de ferrenho abysmo,
E fez em chapa a luz bater nas faces
Deste povo que folga, que se expande,
Quando inda hontem, de abatidas frontes,
Nos salgueiraes dependurava as lyras?

Que Supremo Juiz evoca as turbas,
De prostração curvadas, neste immenso
Cemiterio de horrivel scepticismo?
—CAXIAS! *Humaitá!*—D'espaço a espaço
Eis os sons que lá vêm, reproduzindo
O écho de outros sons que o mesmo dizem,
Metamorphose mystica explicando
Do pranto ao riso,—e trévas, neste fóco,
De vida e luz:—*Victoria aos alliados!*

IV

É verdadeira esta noticia! Em gala
Muda teu crepe, Imperio do Cruzeiro.
Lá 'stá deveras de Humaitá nos muros
Desfraldado o estandarte Brasileiro!

Caxias o plantou! — Accorda, escuta
Como este nome em preces a Deos vôa....
De Norte a Sul, velóz, percorre a nova,
De gozo alarma que no espaço echôa.

Brasil, accorda, e vê: — de mil bandeiras
Cobrem-se as vergas, fortalezas, praças....
De um zimborio de fogos que estrepitão,
A diamantina luz tinge as vidraças.

Brasil, accorda, e vê: — Cahio, vencido,
Humaitá ás plantas de Caxias!
Que outro prodigio esta ovação lh'explica
De marciaes, festivas harmonias?

Desta tregoa ao labor de funccionarios,
Das Estações cerrados os batentes?
Deste pelago humano que transborda,
De povo, clero, nobres, em torrentes?

Destes vivas, em gozo delirante?
Deste saudar da Brasileira Imprensa?
Brasil, accorda, e vê: — Vingou, Caxias
Nos muros d'Humaitá á patria offensa!

V

Já viste, em horas de avançada noite,
Á luz do cyrio, em camara funérea,
Ao pé do esquife, de o carpir cançadas,
Lividos rostos, soltas as madeixas,
Grupo d'orphãas, automatas, tranzidas,
Do velho pai vellando o somno eterno?
Taes moços, velhos, homens e mulheres
Em torno de transumptos photographicos,
Merêncorios aggrupão-se, nas preces
Da fé trahida, aos golpes da saudade
Tragando a dôr e os carmes, á chegada
De precoces noticias do exterminio
Dos dez mil bravos que dirige Osorio,
A vêr, forçar, retrocedêr, de novo
(N'um terço apenas) investir, tombando
Como os primeiros, e alastrar de membros
D'Humaitá trincheiras invenciveis!....

A um feretro, já viste, exposto em eça
Aos suffragios, chegar, rompendo a turba

Atturdida, e silencio grave impondo
As graves notas de um *memento* em chôro,
De Hyppocrates discipulo?
E ferro em punho,
A primeira incisão no fulminado,
Bradar, e em sangue vivo a mão tingida
Erguer, á campa disputando a preza?
Já viste o novo Lazaro surgindo
Fitar em torno os olhos empanados,
Buscando o mundo p'ra abrangê-lo inteiro?
Para a vida abarcar, hirto, offegante
Partir nos dentes a tecida algema,
(Como se um verme, de seus vermes pasto,
Fender podesse abobada marmórea....)
Já viste a nova do milagre, as ruas
Em grita percorrer, ante esse espectro
Que ao seu sahimento o lar cerrado ainda,
Lucido fórça, o penetrando em gritos?
Já viste á febre da emoção, delirios
De prazer que enlouquece, ou que fulmina,
Matando ao vivo em face ao vivo-morto?
Já viste assomo da familia, aos olhos
Vendo a gelleira se tornar vesuvio,
Calor e vida, a podridão, gangrena,
Cingir ao seio o extactico exhumado,
Que emudece ao fallar, que chora ao rir-se,
Que quer correr, e os pés no chão se incravão?

Nos domesticos lares, taes se enlação
Crianças, velhos, homens e mulheres
Nos expontaneos, rapidos amplexos....
Tremem, pasmão, solução, se interrogão,
Em jorro abrindo do prazer as fontes....
Tal nas publicas praças, congraçado
Na embriaguez da f'licidade extrema,
O povo indaga, crê, duvida, exclama,
Convence-se, e afinal troveja hosanas
Seguida nova da victoria ouvindo
Nos boletins officiaes, que attestão
Que, forçadas, vencidas as trincheiras,
— Herval, Caxias, no Humaitá se abração!

VI

Se p'ra cantar este feito,
Que tanto a musa m'inspira,
Não falla a patria a meu peito,
Não vibro as cordas da lyra;
Se desta musa inspirada
Pela voz do patriotismo,
A cansão ellectrisada
Pelos choques do heroismo
Não vai d'heroicos eventos
Emudecer primasias,
E tradicções de portentos
Supplantar ante Caxias;

Então, hymnos á gralha..... opprobrio ao estro.....
Ao Pantheon que suba o réo convicto....
A virtude o ferrete do precito....
Ante o rei, que o vassallo empunhe o sceptro!

VII

Genio, que alfim, as horridas muralhas
Venceste de Humaitá!....
Genio, se é genio
Distincto heróe, que uma só vez não volve
Da arena, onde em perigos convulsiva
Da patria a integridade um genio implora
Que instituições juradas lhe defenda,
Sem que a fronte não volva engrinaldada.
Genio da guerra, pelo céo fadado
A dissipar com teu fulgor as brumas
Que ao descambar, toldárão ao proprio genio
Que em Santa Helena vê por terra as aguias
De Waterloo, carpindo-lhe os desastres;
Genio, que evocão da poesia os genios
Para em teus feitos, ávidos de glorias,
Inspirações sorver, que os divinisão;
Genio, que a fama dominando os seculos
Hade este Imperio transmittir aos filhos
Das mais remotas gerações, — herança
Da historia patria, em verba a mais honrosa;
Bem puderas volver agora mesmo

Aos que te acclamão, aos quaes nobreza, orgulho
Á custa de teus feitos lhes concedes,
Mais abundantes, mais reaes, que os genios
D'outra era e paiz aos seus legárão
Na historia universal d'épicos fastos!

Supremo chefe d'invenciveis bravos,
Que afinal invadiste, e que occupaste
Primeiro baluarte do universo,
Que a milhares de aguerridas hostes
(Duvidosa a victoria) rechassára....
Que rojára aos Rivets nos fundos antros,
Aos Pontevés, St. Pol, Brevets, Marolles,
Que no pó da Criméa espadanárão,
Antes que as Aguias e os Leões vencessem;
Bem puderas volver á chara esposa,
E repousar do pranto sob o orvalho
Dos transportes da saudade, a fronte
De onde incertos pendêrão por um lustro
De tres Nações que juntas a engrinaldão
Os destinos no mappa do universo!

VIII

Multiplas, férvidas cordilheiras d'agua
Em revolto furor mil cahos abrindo,
Ao firmamento conchegando o dorso,
E desabridas, borrifando os astros....
Depois, lençóes de salitrosa espuma

Em phosphorea cascata ao mar volvendo,
(Ignea mortalha em tetricas, sinistras
Precoces trevas, contornando as fórmas
Do promontorio a represar-lhe as sanhas)
Tão rapidas nos seios do occeano
Jámais ao temerario envolverião
Que brecha ousasse lhe romper aos diques,
Quaes de Humaitá, sedentas de carnagem,
Guarnições de phanaticos abutres
No proprio sangue afogão aos que primeiros
Chegão, resistem, fendem-lhe as trincheiras!

Qual palinuro, rigido, affrontando
Rajadas d'escarcéos, que o não derrubão,
Ancora firma, manobrando o leme,
Assim, Caxias, nesse embate horrivel
De fogo e ferro em ondas de metralhas;
Do ferido duello de dous povos,
Qual delles mais intrepido e valente,
Mais pertinaz, mais sofrego, nos transes
Cujo termo expectante o mundo anceia,
E vem sangrar-lhe o coração;
— seguro
Do triumpho no ponto objectivo
D'aquelle choque de seus bravos filhos,
Da fixidez, da voz, do gesto e espada
Transmitte o fluido, que a bravura excita,
Que requinta o valor, que céga e exalta

Na refrega que aos seus heróes fascina!
Avanção, chegão, fendem-lhe as trincheiras,
Mais largas brechas em seus peitos rasgão,
Até que inteiras legiões de imigos
Pasmas de horror, atonitas, confuzas,
Espavoridas, debandadas, fogem
Vendo que Herval em frente aos seus guerreiros,
Espada em punho, pavilhão na esquerda,
Tal qual, — soldado — se batêra ha pouco,
Duas vezes de pé, morto o ginete,
Ao estado-maior sobrevivendo,
Ponche pendido, que attrahio chuveiro
De projectis que em chusma resvallárão
N'aquelle peito em aço temperado,
— Muralhas vinga, e alçado mostra á esquadra
O auri-verde Pendão que se desfralda
De salvas a um milhão, que os ares toldão
Ao som d'infindos hymnos da victoria!

Já viste, após de tragico successo,
Por arte scenographica, no palco
Enfileirados grupos de alabastro
Atravez de ambientes multi-côres,
Em triumphal apotheose aos genios,
Da gloria o templo mystico adornando?
— Taes sobre as vergas, filas de marujos
Alçados braços o estandarte apontão
Que surge, illeso, d'Humaitá nos muros....



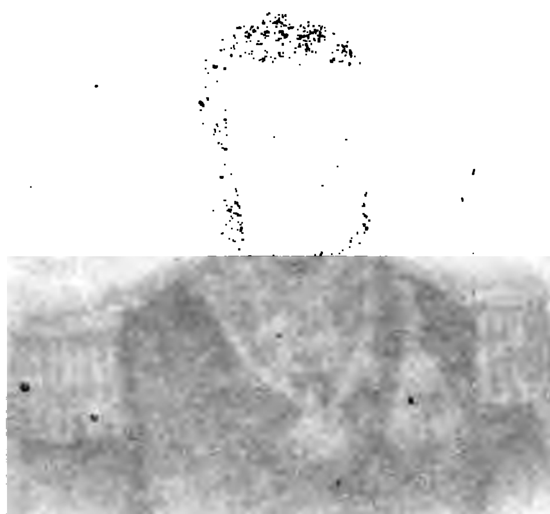
VISCONDE DE INHAÚMA

(J. J. IGNACIO.)

A. de Pinho, fecit.

Que custou [illegible]
[illegible]
Mor[illegible]
[illegible]
Sobre [illegible]
Em nau [illegible]
Deco[illegible]
O [illegible] lethal que lento [illegible]...

Taes sobre as [illegible] filas de marujos
Sobre fócos se ostentão [illegible] purpurinos.
Ora atravez d[illegible] apparecem.
Mais alto ass[illegible] occultão-se de novo.
D'espaço a espaço [illegible] alvejão
Por entre [illegible] alvacentos [illegible]
Que [illegible] de bombordo a [illegible]
[illegible] em [illegible]
Ao Marquez de [illegible] — que tão alto
o Brasileiro [illegible]!
De terra e mar [illegible], que dess'arte
O prestigio d[illegible] despota aniquilla.
[illegible] sobra e muito lhe punindo o [illegible],
E o Brasil desafrontando os brios
[illegible] armados [illegible] exercitos do mar [illegible]!





Que custou de Inhaúma que o contempla
Absorto nas glorias de seus bravos,
Martyrio insano em bombardeio horrivel,
Em pericia e coragem das vigilias
Sobre um leito de infernaes torpedos,
Em paul de putridos cadaveres
Decompostos á tona, e que lh'infiltrão
O veneno lethal, que lento o prostra....

Taes sobre as vergas, filas de marujos
Sobre flócos se ostentão, purpurinos,
Ora atravez do fumo des'pparecem,
Mais alto assomão, occultão-se de novo,
D'espaço a espaço estaticos alvejão
Por entre rôlos alvacentos, negros
Que desti-bordo e de bombordo a esquadra
Salvando expede, em marcial tributo
Ao Marquez de Caxias que tão alto
O Brasileiro Pavilhão levanta!
De terra e mar ao chefe, que dess'arte
O prestigio de um despota aniquilla,
De sobra e muito lhe punindo o arrojo,
E do Brasil desafrontando os brios
Ante armadas e exercitos do mundo!

IX

Caxias, que de assombro enches a patria,
Os teus cabos de guerra lhe apontando
Nas lutas, braço a braço invulneraveis
De um revez, na conquista de trincheiras
Defendidas por ferozes monstros,
No valor Spartanos, mas no instincto
Carnivoros, cervaes, e guarnecidas
Por centenares de canhões em filas,
Ferreas quilhas varrendo ao lume d'agua;
— Circulos de fogo em funebre mosaico
De collosso granitico engastados
Em barrancas, cortinas e abatizes;
— Bocas do inferno em mausuléo de ossadas
Das legiões que ousassem-lhe a escallada;
Supremo chefe d'invenciveis bravos,
Pendão do Imperio n'Assumpção levanta!

Liberta ao mundo a capital dos Francias,
Dos Lopes rico feudo hereditario,
Ergastulo do egoismo, antiga séde
Da mais boçal superstição; conquista
De um claustro que abrangêra a humanidade,
Sobre a pedra angular alevantado
Do eremita, bellicoso, nobre,
Pagem, soldado e leigo de Byscaia;
Do Briarêo que asphyxiára o mundo,
Se ha mais de um seculo, despojado em Roma,

Os cem braços Pombal não lhe amputára!
Quebrando encantos, escancára ao orbe
Esse baratro-cubiculo, quasi eterno;
Colonia emancipada de Castella
Para isolar do mundo os seus verdugos
Em furna do terror, vedada ás gentes;
Talisman segregado d'El Supremo,
Em pussilga indefesa transformado
De mulheres que á fome os peitos rasgão,
E nas torturas de infernal insania
D'impudicos algozes estrebuchão,
Se seus pais, ou maridos se rendêrão....
Antro de horror, de peste e de torpezas,
De crianças que em panico se estorcem
A lascivia brutal testemunhando!

Do Paraguay no coração penetra
A ponta dessa espada, derrocando
Derradeira Tarpéa do tyranno,
Que depois de sugar suor e sangue
De um povo que mais sangue lhe tributa,
Acobardado abandonou seus servos
Aos rigores de um cerco, em que tombárão,
Caxias, a teus pés, de bronze as portas....
Sansão do exercito, franqueando Gazza,
Pela estrategia de sublimes planos
Que tua espada, vencedora sempre,
Sobre a cratera de um volcão traçára!

Emquanto é tempo, rende-te, sicario!
Tebiquary! Tebiquary! Que esperas?
Dos quatro mil, que fugitivos buscão
No Chaco abrigo, vês? Dous mil são mortos
Á fome e aos projectis, ou sepultados
No lodo, inteiros, vivos, como os nossos
Outr'ora em Matto-Grosso, por essa horda
De atrozes canibaes!....
Dous mil se entregão,
De Martinez a sorte compartindo,
Espada á cinta, alegres se abrigando
Aos Pendões de tres povos que os libertão
Da compressão phanatica de um Attila!

Tebiquary! Tebiquary! que esperas?
Em pelotões cerrados já se aprestão,
Dobrada marcha, accelerado passo,
Para esmagar-vos, soldadesca, os bravos
D'Henrique Castro, d'Herculano Pedra,
Menna Barreto, d'Oliveira Nery,
De Jacintho Machado, Lobo d'Eça,
Corrêa Camara, Guimarães, Antunes,
Salustiano Reis, Silva Paranhos,
Vasco Pereira e Hermes da Fonseca....

Tebiquary! Não sabes quão renhida,
Sangrenta, incarniçada, atroz, mortifera,
Foi essa luta ha pouco, conquistando

De Humaitá trincheiras, que em seus fossos
Dous mil de nossos bravos sepultárão?
Ignoras, que aquelles que assim vingão
De seus irmãos despedaçados corpos,
Com as proprias mãos a morte repellindo,
As nuvens de metralhas afastando,
Vão castigar-te o arrojo, á queima-roupa,
Ferro frio, tingindo a terra em sangue,
Que, se resistes, morderáõ teus filhos?

Tebiquary sentenciado á morte
No Supremo conselho da victoria
Escripta em sangue d'Humaitá nos muros,
Tarjado em negro o rol desses valentes
P'ra libertar-te, mortos no tentame,
Já te não disse que os heróes que avanção
De assalto a te punir, se te não rendes,
Ou alas vão fazer, deixando armados
Partir á liberdade os teus reclusos,
Ou transformar-te n'um jazigo eterno,
Senhor e servos sepultando juntos?

D'Andrada, Argollo, Osorio, e de Inhaúma,
Portinho, Rivas, Ornos, Gelly y Obes,
Quarenta mil valentes commandando,
Quarenta armados vasos dirigindo,
Ao mando de Caxias, que ha provado
Exemplos de heroismo, — não se escuta

Mais que uma vez a dadiva de indulto,
Que regeitado agora, a morte é certa,
Por mais tenaz que o orgulho se lhe opponha,
Por mais pasmosa e heroica a resistencia,
E que hypothetica a victoria seja....

X

Da morte em declive, ai! firma, segura,
Solano, os teus pés em sangue alagados!
Abaixa a cabeça, e salva comtigo
Um resto de escravos á morte votados!

Abaixa a cabeça! Não peza-te o sangue
De um povo, ness'alma de sangue sedenta?
Aos pés de Caxias deppõe essa espada,
Se queres poupar derrota cruenta!

Dos intimos teus, não tens surprendido
Olhar de revez, que faz-te tremer?
Á mesa d'orgia, não vês mão sinistra
Traçar hyrogliphos que em vão queres lêr?

Na fronte febril não sentes bater-te
Os sons d'alavancas que arrasão-te o Forte
Aonde abrigavas completo prestigio,
E d'onde partio-te sentença de morte?

XI

Emquanto é tempo, entrega-te, verdugo,
Se a vida prézas, nem um'hora insistas,
Que os vencedores de Tayi, Cuevas,
De Curussú, de Tuyuty, de Ovelha,
Riachuelo, Itapirú, Corrientes,
De Peguajó, Tronqueiras, de São Carlos,
São Francisco, Boqueirão e Rojas,
De Corá, Tuyu-Cué, Trincheiras,
Pilar, Ondo, Azará, Timbó, Gran-Chaco,
Estabelecimento e São Solano,
Que de tuas phalanges cinco vezes
Extinguirão dez mil valentes bravos;
Vão te abater os ultimos reductos
Como á espada de Cyro se abatêrão
De Babylonia altivos Balthazares;
Qual de Alexandre aos golpes incisivos
Rendeu-se a Persia prosternada, humilde;
Qual nas brumas de horrido preterito,
De anathemas tranzida, sepultou-se
Soberba, altiva Roma dos Augustos,
Dos Cezares, Catões e Cincinatos;
Qual por grilhões, na antithese do orgulho,
Da corrupção, alfim, cahe fulminada
Dos Platões e Thermopilas a Grecia;
Como a um volcão se esboroou Pompéa,

Como aos fogos do Céo se consumira
Sodoma, e em desertos de ruinas
Se transformárão Ninive e Gomorrha ;
Qual ao peso de Œdipo, o parricida,
Dos Delphos, de Jocasta e de Tiresias
Aos oraculos, de Thebas se aniquilla
N'um pelago a execranda dictadura!

XII

Nas horas sinistras, que contão-te a vida,
Á voz do remorso repete a verdade:
Ao menos ao mundo confessa primeiro,
Que nos provocaste o luto e orphandade....

Coimbra recorda, Miranda, Albuquerque,
E Uruguayanna.... não passes além,
Que para a vingança, bastára, Abyssinio,
Carneiro de Campos, o martyr-refem....

Que é de teus planos d'immensa conquista?
De oitenta mil homens armados, que é feito?
Setenta mil homens, que é da reserva?
Que é de teu nome, poder e conceito?

Que é desse emporio, que em mais de dous lustros
Milhões d'artefactos, trahidor, empilhava?
Que é dessa esquadra? Que é feito dos bronzes
Da Sebastopol que ao mundo aterrava?

Que é de um paiz tão fertil, tão rico?
Que é de teu povo tão bravo, tão forte?
— Phantasmas errantes, tornados espectros,
Que esqualidos surgem dos antros da morte!

Evita-os nas horas de teus pesadellos,
Evita-os, que estorvão-te á fuga passagem....
Evita-os, abafa, se pódes, orchestra
De epithetos, pragas, do inferno voragem!

São bravos os teus, Solano, são bravos!
E os queres escravos d'atroz phanatismo?
São bravos! E queres, tyranno, cruel,
Teu povo fiel tragado do abysmo?

São bravos! E aos centos, Solano, amontôas
Em frageis canôas, p'ra infame pilhagem?
São bravos! E os queres assim fulminados
Dos encouraçados na ingloria abordagem?

Que bravos que são! Que vendo de Herval
Na espada o signal da prompta victoria,
Morrêrão, tão bravos! Mas tu, responsavel,
Solano execravel, serás ante a historia!



Tão bravos, que forão, nas matas e lagos,
Da fome aos estragos, em duras provanças,
A morte affrontar, á morte sorrindo,
P'ra luta vestindo mulheres, crianças!

Que causa e principio, Solano, sustentas?
Que idéas ostentas á luz do progresso?
Arvoras doutrina que só te preserva
E ao povo conserva nas trevas possesso....

Mas, ai! que importava teu vil despotismo,
Horror, phanatismo, crueis legiões?
A nós qu'importava todo esse regresso
Que impõe um Congresso de superstições?

Que nos importava um covil de pantheras?
Viver bem puderas nesse antro, esquecido,
Se a um bravo, á traição, não aprisionasses,
E não prophanasses o solo invadido!

Que povo do mundo soffrêra impassivel,
Despotico, horrivel, tamanho attentado
Com que nos provocas, prendendo, sicario,
A um funccionario tão alto do Estado?

E ao vaso, que presa da guerra improvisas,
Lhe dás por divisa o teu pavilhão!....
Quem tanto soffrêra, pirata, imbecil,
Que antes de hostil te fazes ladrão?

Pois rende-te agora, que já no Humaitá
Um só não está dos bravos que tinhas....
O que é de seus bronzes?—Lá 'stão tres bandeiras,
De glorias herdeiras, emquanto definhas!

Emquanto Caxias, no centro da praça,
De jubilo abraça seus bravos guerreiros,
Trophéos, artefactos, despojos mais novos
Repartem tres povos de glorias herdeiros!

Pois rende-te agora! Não fujas, vilão!
É nobre ao leão curvar a cerviz,
Cercado na jaula por mil caçadores
Que vibrão clangores, que apertão fuzís!

Pois rende-te agora, se acaso não queres
Crianças, mulheres e velhos, comtigo
Rojando a um só tempo, riscarem da historia
Lugar e memoria de um povo inimigo!

Não viste, zombando da morte, os valentes
Transpor as correntes, seguindo á Assumpção?
Não crês no que viste? Pois ouve do incrivel,
Do quasi impossivel, fiel narração:

XIII

Quem vinga o Lethes a occultar no leito
De combustiveis horridas crateras
Do invasor inflammando-se ao contacto?
Sob cupula infernal d'espessas brumas,
Ao clarão dos fuzís, vendo surgir-lhe
Ferrea corrente á flux, interceptando
Ousada quilha p'ra abysma-la ao choque?

Alli se assestão de canhões fileiras,
Que o morticinio sem cessar despejão....
Alli todo o poder 'stá concentrado
Em barreira invencivel de guerreiros
Provados pela mão do phanatismo....
Alli o ponto culminante, o fóco
Convergente do ultimo prestigio
Do poder mais tenaz que o mundo ha visto....
Alli todo o pungir deste dilemma:
— Eterno opprobrio, ou sacrificio eterno!

Quem é que ousa passar a invulneravel
Sebastopol d'America?

Oh Patria,
Vai jogar-se o destino de teus brios,
De tua autonomia e teu decoro....
O direito de ao mundo a fronte ergueres,
A honra de occupar lugar distincto
No mappa das Nações teu livre sólo!
Teu presente e porvir, oh Patria, escuta,
Vai decidir aquelle que nest'hora,
Neste instante solemne o olhar concentra
Em si de um grande povo....
— « Avante! Avante! »
Eis de Caxias o signal!
E a espada em punho,
E mais rapido ainda do que o raio,
De cinco mil na frente, ei-lo partindo
Para o Estab'lecimiento velózmente,
Emquanto outro signal struge os ares
Por Inhaúma que compr'ende o annuncio,
Assignalando o temerario arrojo
Do heroico Delphim, que segue, e brada
Ao colosso de fauces mil, que expellem,
De bombas em milhões, lavas do inferno,
Destruição e morte:— « Eia, PASSAGEM
Ao Brasileiro Pavilhão da Patria! »

Oh segue-o, sem parar! Segue-o, não vejas,
Maurity, o signal do chefe invicto
Que estremece por ti, vendo-te errante

Á discrição da amarra que partio-se!
Não vejas, que te chama!...
Oh, segue-o, Nelson
De cinco lustros sós! Nelson na estréa
Com que te exhibes, face ao sol que surge
P'ra teu valor testemunhar no espaço!

Sondando o tortuoso canal obstruido
Por machinas infernaes, por mil canhões varrido,
Em frente d'Humaitá, passando-lhe as correntes,
Quem ousa a náo fazer seguir victoriosa,
Se para alli tentar a empreza magestosa
Os proprios Farraguts confessão-se impotentes?!

Mas eis signal do Chefe do Exercito e da Armada
Mandando sete bravos provar nessa jornada
Que o Imperio Brasileiro em genios é fecundo....
Lá vão Guilherme, Arthur, Augusto, Maurity,
Delphim, Custodio, Antonio ter morte certa alli,
Ou, vivos, com seus nomes d'assombro encher o
(mundo!

Lá vão, uns após outros.... lá vão os palinuros,
De seu valor scientes, de seu dever seguros....
Passárão!... Mas a amarra de um delles se partio!...
Ai! Cinco vezes, só! Errante.... em claro dia....
Envolto nas metralhas que o Forte despedia....
Passou!—chamou-lhe o Chefe.... Em vão,—que
(elle o não via!

Ouviste, Solano? E agora acreditas
Do quanto capazes são taes marinheiros?
Resistes ainda? Teu fim não cogitas?
Tambem os soldados não são Brasileiros?

Não fujas! Entrega-te, emquanto ligeiras
As horas se escoão que contão-te a vida....
Nem já na Bolivia ou nas Cordilheiras
Occultas da fronte ferrete homicida!

XIV

Té que em cinzas, veloz, cumpra o fadario,
Por mais que intentes lhe afastar das azas,
Quasi quasi a envolvê-lo, a luz, — já viste
Teimoso insecto ás chammas investindo
Vertiginoso esvoaçar-lhe em torno?
N'um coachar que dóe, — reptil já viste,
Soluçantes vagidos imitando,
Em vão á força se enraizar querendo
Á terra que em fugir-lhe mais se esforça,
Té que espontaneo seu fadario cumpre
N'um salto á morte, penetrando as faúces
D'outro reptil que o prende com seus olhos?

Assim és tú, diante do castigo
Que te espera e te espreita vigilante
Como o remorso que te imbebe as garras
Attrahindo essa alma agonisante....

Nem pódes fugir, que pesa-te o sangue
Nos pés que escorregão da morte ao declive.....
Abaixa a cabeça!.... Da féra humilhada
Tosquêa-se a juba, e a fera inda vive!

XV

Washburn! Washburn! O pavilhão de Washington
Tão baixo rastejar no chão de Luque
Não consintas, em honra de um Congresso,
De um povo, de um paiz, de um continente
Que nas credencias te investio de immunes,
Plenipotençiarios privilegios!
Washburn! Washburn! Os teus batentes abre,
Se abrigo invulneravel pede o mundo,
E calcado primeiro o teu cadaver
Seja por Lopes mil, se no universo
Mais que a um Lopes Satan personifica,
Que a guarida sagrada te prophane
Sacrilego invasor!
                                        Que aos pés te calque
Soberano poder do territorio
Septentrional da America, contido
Em tua inviolavel residencia,
Sob a Aguia do Norte, que esvoaça
Nos Céos dessa União, contendo os raios
Nas garras, entre os astros que a circumdão!

Da Lisia o consul teus humbraes penetra,
Da Gran-Bretanha os subditos o seguem,
Da França e Italia os filhos se congrassão,
Todos n'um grupo, á sombra da bandeira
Que vale de mil vasos uma esquadra
Do Mississipi ao Potomac, e abrange,
Destendida, dez gráos quatorze vezes
De Norte a Sul, em linhas perfilando
Dezenas de milhões de heróes, de bravos,
Do Canadá ao Mexico, d'Hampshire,
De Maine, ao Missouri!....
Washburn! E os filhos
Das primeiras potencias do universo,
Que em teu seguro asylo confiárão;
Os teus concidadãos, e os funccionarios
De tua Legação, ao teu contacto,
Publicamente, á luz meridiana,
Nas ruas d'Assumpção, pelos esbirros
De Solano, o sanguinario, o monstro,
São, para os seus grilhões, ás mãos colhidos?

Panico horrivel enfermou teu cerebro,
Do coração galvanisou-te as fibras;
Empanou teu olhar cortina rubra,
E em borborinho o chocalhar ouviste
Dos que já sentem do assassino o ferro
A carothida roçar-lhes!
Sim, bem pódes,

Washburn, confessa-lo ante o recurso
Do natural instincto, quando o tigre
Acende os olhos, voltejando a cauda,
E o dorso encrespa para o assalto á presa....

Mas ai de teu renome ante os paizes
Cujos filhos salvar dever te fôra!
Tocando-te á medulla a cobardia,
O pergaminho, que valer pudera
De Americo Vespucio a descoberta,
Fizeste-o a epiderme de teus ossos;
E ocioso, tardio, vão protesto
Ao Cacique, que sorrio-te á fuga,
Escrito no convez que te abrigava
Da *Wasp* sob as vergas, que ness'hora
Bem pudera, cruzadas ante o mundo,
Em crepe te envolver brazão da patria,
Foi um duplo sarcasmo aos que entregaste,
Dupla irrisão aos teus compatriotas,
Duplo suicidio ás leis de segurança
Que salvaguardão mutuamente os povos;
Dos direitos da gente duplo escarneo!

Viras de Martinez a fida esposa,
Distincta em formosura e raros dotes,
Que de tua consorte nos amplexos
Intimidade e affectos cultivava,
Semi-núa, trazida, atados pulsos,
Preferindo do corpo as mil torturas,

Em fogo lento a prolongar-lhe as dôres,
Aos desses que a arrastavão, golpes n'alma
Em impudicos baldões vociferados,
Vendo a candida veste ir afundar-se
Nos putridos paúes da impudicicia!
Viras-lhe os pés, nos çardos da jornada,
Nesse escabroso itinerario á morte
Percorrido n'um seculo d'amarguras,
Vertendo sangue....
Á soldadesca, á infamia,
Viras..... Não! Se o viras não viveras....
Essa luta hedionda de demonios
Da martyr disputando corpo inteiro,
Torpes, brutaes, satanicas volupias
Já n'um cadaver a cevar, possessos,
Em uivos de mastins, que se hydrophobão....
. . . .
Enregela-te oh estro! Não prosigas
Musa, que vertes lagrimas de sangue
Que o pudor que te incende menos rubro!....

Empilhados cadaveres tu viras,
Crivados dos punhaes desse assassino....
Chegáras a conta-los nessa estrada
Por onde a fera seguira, assignalando
De sangue humano as pégadas, em rasto,
E..... confessa..... tocando-te o egoismo
Da vida em risco a palpitar-te as carnes,

Na bandeira abatida amortalhaste
Os teus concidadãos, teu nome, a patria!

XVI

Não ha perdão p'ra ti! Foge, Solano!
Duplo Caim, cem vezes que te rendas,
Mal haja aquelle que abrigar-te!....
Foge,
Que já na fronte assignalaste em sangue
Anathema de Deos, p'ra que mão d'homem
Te não fira, detendo-te na fuga!

Prosegue, Nero!.... Tua mãi, coberta
Do luto ao filho seu que assassinaste,
Contempla.... hirtos cabellos, espumante,
Lividas faces, torvo olhar, convulsa,
Aos Céos erguidas mãos, sobre essa fronte
Te fulminando maldições eternas!....

É propicio o lugar.... distincto o alvo....
A posição da victima sublime
Ao movimento rapido de um braço
Que não sabe tremer errando o golpe....
Um passo mais.... desnuda aquelle seio
Que amamentou-te, fratricida.... embebe
O buido punhal que cégo empunhas....
Arranca-o da ferida.... aquella arma

É tua para sempre.... deu-t'a o inferno,
Onde em breve terás de vê-la em braza
A dextra requeimar-te eternamente....

Foge, Solano, foge.... Os proprios tigres,
Fugindo ao contemplar-te o aspecto horrivel,
Passagem livre aos seus covis vão dar-te!
Ahasaverus! não pares.... foge sempre,
Ora de rasto fere o rosto, o ventre,
As mãos e os pés em fundos valles rasga....
Vinga penhascos, brenhas; cordilheiras
Transpõe, errante sempre, percorrendo
As tribus d'antropophagos nomadas,
Té que de sangue humano fundo lago
Possa fartar-te os olhos injectados,
Fartar-te o olphato, dilatar-te as fossas,
E alma e corpo inteiro mergulhando,
Embriagar-te, abutre!.....
E á tona rubra,
Tantalo, de sangue sequioso sempre,
N'um seculo apodreceres, semi-vivo,
Engeitado dos corvos e vampiros!

XVII

Porque, Caxias, não partiste quando
Da patria o sólo o despota invadira?
Não que Lopes vencêra se não fôras,
Ou teu pendão em sangue não tingira....

Não que Lopes vencêra, que se escravos
Matão, morrendo em cégo phanatismo,
Vencê-los forão deste Imperio os bravos
Voluntarios, á voz do patriotismo.

Mas, sem que aos louros de valentes chefes
Prophana leve a mão, confesse a historia
Que, se primeiro a commanda-los fôras,
Se ouvira ha muito os hymnos da victoria!

Que o diga esse famoso quadrilatero,
Das correntes titanica passagem;
Curupaity, que a bravos expellira,
Que o diga ao tributar-te vassallagem.

Que o diga esse estrategico, sublime
Movimento de flanco que operaste.
Que o diga a derrocada Fortaleza,
Quando em pessoa os muros lhe arrasaste.

Humaitá que o diga, em bronzeas peças
Os seus treze kilometros medindo;
Que o digão os seus angulos salientes,
Contra o aggressor seus fogos convergindo.

Que o digão esses fossos que a circumdão,
Profundos, cinco metros de largura:
Que o diga todo o exercito vencendo
Por teus acertos de exemplar bravura.

Porque não foste? O teu fulgor, teu nome
Temêrão os que de ha muito eclypsáras?
Quanto sangue poupáras ao inimigo!
Quantos mil Brasileiros nos poupáras!

Para isentar-te á lide affadigosa
Nas privações de bellica jornada,
Das glorias patrias repertorio illustre
Era-te a fronte, é certo, laureada....

Aguia, já tinhas assumido á gloria,
As regiões ethereas devassado,
Desde que fôra dessa espada aos golpes
De Palermo o verdugo despojado....

Tinhas tocado o ápice das honras,
Isenção, privilegio, immunidade:
Já dos Tamoyos o cantor sublime
Te ascendera á eternal posteridade!

Porque foste, ainda assim?—Viras a patria
Enxovalhada por um monstro ousado:
Esposa, amigos, tudo,—a propria vida,
Tiveste em pouco, vendo-te soldado!

Foste o Brasil desaffrontar com sangue;
Cicatrizar a Nacional ferida!
E de herôe tua espada, em campo raso,
Foi á espada de Genio promovida!

XVIII

Porque, Caxias, não pões termo á luta
Travada a ferro e fogo, ha quasi um lustro?
Porque não vences de uma vez?
De assalto,
Na offensiva penetrando a força
Angustura, Villeta, Villa-Rica,
Porque não sulcas, perseguindo o monstro,
Da morte estrada aberta ás Cordilheiras?
Porque, de um golpe, em frente de teus bravos,
Não extingues a raça Paraguaya,
Seus ultimos vestigios afogando
No sangue do inimigo derradeiro?

Porque? Ai! Cégos, perguntai ás Aguias
D'Austerlitz o porque se debatêrão
No pó do antigo Imperio d'Iturbide?

Porque esses bravos de Toulon, Rochelle,
Aos heróes succumbirão de Acapulco,
La Puebla, Vera-Cruz, Guanaxuato?
Porque, vencidos, a cerviz curvárão
Em Texas, em Tlascala e Queretaro?
Porque do Mexico os sertões enchêrão,
E invias brenhas com um milhão de bravos
Com que a guerrida e bellicosa França,
De Juarez vencer não conseguira,
Se aos nossos em bravura iguaes imigos,
Mil vezes preferiveis pelo excesso
Do phanatismo, que os transforma em tigres?
Perguntai aos valentes de Magenta,
Aos que erguêrão trophéos em Solferino,
Aos que a Criméa fulminárão: o quanto
A derrota custou-lhes sobre um sólo
Desses volcões d'erupções mais brandas,
(Popocatepetl e Orizaba) á vista
Das explosões que a um rei arcabusárão?

XIX

E desses tigres a sanha
Que os tem levado, possessos,
Da coragem nos excessos
A abordar encouraçados,
Aniquillada, em campanha,
A ferro e fogo dos nossos,
Braço a braço succumbida,
A palmo e palmo abatida,

Esmagada nos destroços
De reductos formidaveis,
De invenciveis baterias;
Não são feitos invejaveis
Da mais sublime victoria,
Da mais explendida gloria
Desses feitos de Caxias,
Que de orgulho, assombro e pasmo,
Honra, assomo, enthusiasmo,
Galhardia, ardor, pujança,
Renome, valor, proeza,
Mais tradições de nobreza,
De mais bravura e denodo,
Exaltára á propria França?
Orgulhára ao mundo todo?!

D'aquella fronte, virentes,
Quem ousa os louros tocar,
Reliquias de patria gloria?
Quem quer ouvir execrar
A dextra, em face da historia,
Quando a Nação Brasileira
Vio seus primeiros valentes
As verbenas estrear
Nesse heróe por excellencia,
Que libertára a Bahia,
Nos dias da Independencia,

Do jugo, da tyrannia,
Da oppressão de Madeira?

D'aquelle vulto, que affronta
Do inimigo as metralhas,
A espada que os amedronta
Do prestigio á tradição,
E os obriga em confusão
A desertar ás muralhas,
É patrimonio sagrado
De quem não sabe ao soldado
Que sustenta a integridade,
Que defende a liberdade,
Cuspir satanico insulto
Nos altares onde um culto
Lhe tributa, devotada,
Por elle a patria vingada!

— « Louros me sobrão na fronte,
« Já meu nome celebrado
« Por Magalhães inspirado
« Foi n'harpa d'Annachreonte. »
Bem pudera responder
O guerreiro encanecido,
Depois de vêr-se esquecido
Quando a luta se travava,
Quando a patria o indigitava,
E a paixão não consultava

O seu denodo e pericia....
Bem pudera, que a Nação
Lhe garantia a isenção
Da cadeira vitalicia!

Não o quiz, e não o fez,
Vendo em frontes já curvadas
De valentes camaradas,
Da mocidade valente,
Que em desanimo crescente
A descrença renascia....
E que deste Imperio todo
O olhar se convergia
A seu valor e denodo....
Não o quiz, e não o fez,
Que ainda sangue guerreiro
Naquellas veias fervia,
Naquelle peito batia
Um coração Brasileiro!
Não o quiz, e não o fez,
Que essa paixão tão mesquinha
N'aquelle peito não 'stá....
Ergue as mãos, novo Moysés,
E a legião que se abate,
Conduz, altiva, ao combate,
Vingando, illesa, atravez
Mar Vermelho do Humaitá!....

Fronte curva, confundido,
No chão olhar incravado,
O que injuría ao soldado
Pelas victorias ungido!
Ei-lo, lá 'stá.... quem lhe excede
Nessa bravura spartana
Com que a espada veterana
Se tornou de um genio espada?
Percorre as linhas sómente,
Dispostas para a peleja?
Não! Não ha quem lhe não veja,
N'um ardor que não se abate,
Aquella espada valente,
No meio do mais ardente,
Do mais fero e incarniçado,.
Do mais renhido combate,
Encorajando ao soldado!

Nas vigilias incessantes,
Forçadas marchas constantes,
De quem tudo sacrifica....
Ei-lo, lá 'stá, quem lhe excede
No valor que exemplifica
Sacrificios que não mede?

Ei-lo, lá 'stá! Não se exime
De affrontar a artilharia,
De morrer pela Nação....

E áquelle genio, qu'exprime
Exemplar abnegação,
Negar bravura é um crime,
Negar louro é vilania,
Negar preito é ingratidão!

XX

Das noticias á chegada
De cada immensa victoria
Narrada nos boletins,
Hosanna d'excelsa gloria
Percorre, a Deos entoada,
De todo o Imperio os confins.

Folgai, sem tregoas! Folgai,
Povo livre, assaz vingado!
E maldito o que primeiro
Tiver em pouco o guerreiro
Á Nação tão devotado,
Nas privações tão provado,
Que com sangue Brasileiro
Rega o chão do Paraguay!

Não queirais ouvir agora
Martyrologio que attesta
Primor de heróes consummados....
Vêde bem que a musa chora,

Com pranto toldando a festa,
Que escapa ao éstro magoado,
Neste pungir tributado
Aos que no ardor sem rivaes,
No soffrer sem ter iguaes,
Por Caxias conduzidos
A feitos mais destemidos,
Nas Lomas já vão provar-vos
Que tendes mais que orgulhar-vos!

Nesse mar em que navega
Tua barraca, a correr,
A chuva os campos transforma....
De frio intenso a tremer
Gella-te o sangue nas veias?
Cerrados olhos esfrega,
Sacode o somno, soldado,
E antes d'entrar em fórma
Desafivella as correias
De teu capote emmalado.

Caminhar, assim, tranzido!
Atravessar pantanaes!
Sem ter inda repousado
Das fadigas da peleja!....
Ai! quanto não soffre o triste,
Que quasi que não resiste,
Que sente até que não 'steja

Pelas metralhas ferido,
P'ra descançar, amputado,
De sangue nos hospitaes!

Quando essa hora do descanço
Ha-de soar-te, soldado?
Quando, finda essa vigilia,
Esse labor terminado,
Esse lidar concluido,
Da paz ao doce remanso,
Aos afagos da familia,
Volverás restituido?

Amanhã!.... Espera ainda
Um seculo inteiro n'um dia....
Olha:—a noite já vai finda....
Nem mais um astro scintilla....
Não escutas a alvorada?
Põe-te de pé, camarada,
Aperta ao dorso a mochilla,
Que esse clarim te annuncia
Continuação da jornada!

Tens muito inda a percorrer,
Muitas fézes que esgotar,
Muito horror a supportar,
Muita insomnia que soffrer....
Inteiras leguas de escolhos,

Charcos sem conta a vingar;
Muita barranca a escallar....
E muito pranto esses olhos
Ainda têm que chorar!

N'aquella inhospita plaga,
Que d'agua infecta se alaga,
Onde o frio é tão cruento,
Onde o calor asphixia,
Não se prova a primasia
Do valor e do heroismo,
Não é o soldado um portento,
Sem ter da sede o baptismo,
Sem da fome o sacramento!

Folgai, sem tregoas, folgai,
Que o bravo não desespera
De ser, sem tregoa, cercado
De soffrer, no Paraguay!
Folgai, sem tregoas, folgai,
Té que alfim tenha chegado
Esse — amanhã —, que elle espera,
Depois de ter, denodado,
Seu Pavilhão desfraldado
Nas muralhas d'Assumpção,
Para estender-vos a mão
Que foi terror do inimigo,
Tateando, mutilado,

Militar, que de um mendigo
Só se distingue na blusa,
Queimados olhos, sem luz,
Beijando a mão que o conduza
Á Ilha do Bom-Jesus!

Porque não has de chorar,
Oh Musa, tambem a sorte
Do inimigo a agonisar?
O golpe que deu-lhe a morte
Foi acaso humanitario,
Foi mais brando, porventura,
Que o que deu a sepultura
Ao ferido adversario?

Dos cemiterios nos fossos,
Arranca a farda, coveiro,
Ao soldado Brasileiro
E a um inimigo dos nossos....
Que vês tu naquella valla
Que te diga a procedencia
Das patrias em que nascêrão?
Os prostrou a mesma bala,
Defendendo a independencia
Das patrias por quem morrêrão....
Agora a morte os iguala,
Porque á sua omnipotencia,

Erão mortaes, se rendêrão,
Qu'importa que um defendendo
A causa do phanatismo
E o outro a da liberdade,
Se ambos, valentes, provárão
Igualmente patriotismo?
Se ao mesmo tempo tombárão?
Se, pela patria morrendo,
'Stão na mesma eternidade?

Instrumento de um sicario,
A quem serve cegamente,
O soldado Paraguayo
Á fogueira, voluntario,
Se lançára alegremente;
Esperára, firme, o raio,
Sabendo que o fulminára;
Os abysmos mergulhára,
Se estrangulára, contente,
Se El-Supremo lh'ordenára.

Do terror embora effeito,
Effeito do phanatismo,
Ou valor, ou servilismo,
Com seus restos alli jaz!
Se outra fôra a educação,
Quem de mais heroico feito?

Patriota coração,
Quem na luta mais audaz?
Vencedor, eia, — respeito!
Vencido, — descança em paz!

TERCEIRA PARTE

CANTO I

I


ikyciry, trincheira inexpugnavel,
De extensa linha de canhões, ousaste
Percorrer em pessoa, conhecendo
Difficuldade de atacal-a em frente
Ou por flanco direito, interceptado
Por immenso banhado abastecido
Das aguas do Ipoá; e então, Caxias,
Plano que é só de um genio á mente dado,
Estupendo, grandiloquo, concebes,
De ulterior operação do exercito
Para o Gran-Chaco transferindo a base,
Por flanco esquerdo contornando o imigo.

De um solo alagadiço e matas virgens,
Tres leguas de extensão, dar-te-hão passagem
De Palmas á Villeta, e d'Angustura,
Evitando, por angulo divergente,
Barranca horrivel de assestados bronzes.

Dedicação, merecimento, zelo
De Argollo, o eximio marechal, te inspirão
Justiça que lhe fazes, confiando
Missão tão gloriosa, tão sublime,
Tão arduo, immenso, grandioso empenho:
E emquanto Inhaúma fórça o Passo,
Guiando a esquadra encouraçada, e o imigo
Se fortifica, apressas a passagem,
Conduzindo os teus bravos ao tentame.

Nem temerario transito dos Alpes,
Dos gellos através, por quem sentira,
Inda enfaxado, segredar-lhe ao berço
Aruspice prophetico os destinos,
Horoscopo fatidico dos genios,
No horizonte da Corsega entrançando
Verbenas d'Austerlitz; nem fé tamanha
Na terra de Canaan, predestinada
Aos captivos de Egypcios, ás phalanges
De Pharaó na frente abrindo abysmos;
Aos posteros dirão quanta coragem,
Ardimento, bravura, os teus soldados







VISCONDE DE ITAPARICA

(ARGOLO)

A. de Pinho, fecit.

Exhibem, precipicios affrontando....
Do arroio de Villeta as aguas crescem,
Percorrendo em precipite declive
Novo leito que, a incrivel ousadia,
Do Paraguay transfere, que as engrossa;
E, como p'ra punir tamanho arrojo,
O solapado sólo aprofundado
Barrancas desmorona!...
Quem pudera
Levar assim ao termo da jornada
Resignação, denodo, disciplina
Desses corpos que autómatos te seguem,
Se não fôra essa aureola que te cinge?

Contornando a vereda ao flanco esquerdo,
P'ra cortar do inimigo a retaguarda
Quando elle, carregado pela frente,
Procurasse evadir-se, derrotado,
Segue á testa do terceiro Corpo
O Visconde do Herval, emquanto Argollo,
Segundo Corpo commandando, invade
Desfiladeiro estreito, guarnecido
Em seus flancos de cerrados bosques,
De Itororó na ponte terminando.

Já do imigo os canhões, nutrido fogo
Ao ponto culminante convergindo
Em que os bravos assomão, abrem claros

Nas filas que proseguem, sem que afrouxem
Não vista galhardia!...
—Oh! Fernando,
Que santo amor da patria te encoraja?
Que ardente chamma do dever te aquece,
Para que ás granadas que a teus pés rebentão,
Nesse ardimento as palpebras cerrando,
Não cedas um só palmo do terreno
Onde sellas com o sangue de teu peito
Coragem que os teus feitos eternisão,
Dedicação que teu martyrio sagra,
Perdendo a vida no teu posto de honra?!

Conscio o verdugo, que tenaz instiga
Seus phanaticos servos, da importante
E intuitiva posição que perde
De Itoróró, tres vez disputada,
Volta a tomal-a em pertinaz esforço....
Para os flancos nos cortar, na audaz manobra,
De seis canhões o fogo intermitencia
Não conhece, não tem....
Moto-continuo
Dos demonios ao primeiro impulso,
Não pára, não tem tregoas o diluvio
Da atroz fuzilaria....
Oh! Céo, não vejas,
Assim, chumbado aos turbilhões de fumo,
Esta scena de horror, em que impotentes

Forão teus raios para esboçar....
Não ouças
Destes multiplos choques de estampidos
Repercussão que o firmamento abala!

II

Oh modelo de heróes, porque não chegas?
Primeiro entre os valentes, porque tardas?
Porque assim te demoras?
Que Vesuvio
Em meio da vereda que contornas,
Tres horas já, os passos te intercepta?
Herval, que esperas? Quem te impede a marcha,
Quando, cortada a retaguarda imiga,
Aqui, Supremo e servos pagarião,
Mordendo o chão, á cargas de bayonetas,
Temeridade e intrepidez?....
Assoma, oh bravo!
Herval, teu posto está vasio, occupa-o!..
Herval, que esperas? — Teu irmão no arrojo,
O denodado Argollo, está ferido!
Gurjão está fóra do combate!....
Corre,
Vem injectar o ardor nestes soldados,
Que envolvidos, sem chefes, quasi hesitão
Entre o panico horrivel de perdêl-os
E da hecatombe o sacrificio inglorio!

É que o inimigo comprehendeu teu plano,
É que o instincto da vida innato aos fracos,
Perto sentindo o vendaval da morte
Que te precede á espada, que fulmina
Raios aos mil a cada vez que a brandes,
Essas victimas duzentas sacrifica
Á meia hora em que de si te afasta!

Mas, onde vais, Caxias? Lá no centro
Da área do combate que troveja
Encarniçado, pelo esforço extremo,
Não viste já tres generaes, que ousárão
Á testa pôr-se, succumbir feridos?

III

Ingratos, zoilos, que aos heróes não faltão,
Que os teve o bravo de Marengo,—as frontes
Curvelinhas, no pó que este ginete
Cavando o chão levanta impaciente,
Do cavalleiro sacodindo as bridas,
Previos, rojai....
Confusos patricidas,
Que sobejárão de Bisancio ao genio
Que do heroismo em premio os olhos perde;
Bem podeis do Abyssinio o zelo em furia
Praticar na tribuna onde inda ha pouco,
Idolatras, saudaveis o luzeiro

Caminhando ao zenith!...
Que o chefe invicto,
Que de vosso desanimo crescente,
De vossa confusão ouvindo o appello,
(Em pouco as isenções, em nada a vida
Sopesando, partira)—aqui pendente
De um movimento só tem sorte inteira
Da patria que—não vós—completa vinga!

Recuão todos? Eil-o, espada em punho,
Vão-lhe as bençãos, Archanjo das victorias;
Que lhe importa a metralha?
—É lá que vibra
Mais certeiro o canhão?—É lá que exangues
Cahirão seus valentes companheiros?
É de lá que os p'lotões, inda cerrados,
Confusos retrocedem, se incravando
Dos seus nas cargas d'aço que os esmagão?
É de lá que este sangue se despeja,
Catadupas, da quéda aos ro'moinhos,
Aos fratricidos golpes augmentando
Cadaveres recalcados, que se empilhão?
É lá que, destendidos em columnas,
Os dous corpos do exercito guarnecem
Desfiladeiro horrivel?
—Da estrategia,
Pois, lá no ponto objectivo estancas,
Caxias, teu indomito ginete....

Exhibem, precipicios affrontando....
Do arroio de Villeta as aguas crescem,
Percorrendo em precipite declive
Novo leito que, a incrivel ousadia,
Do Paraguay transfere, que as engrossa;
E, como p'ra punir tamanho arrojo,
O solapado sólo aprofundado
Barrancas desmorona!...
Quem pudera
Levar assim ao termo da jornada
Resignação, denodo, disciplina
Desses corpos que autómatos te seguem,
Se não fôra essa aureola que te cinge?

Contornando a vereda ao flanco esquerdo,
P'ra cortar do inimigo a retaguarda
Quando elle, carregado pela frente,
Procurasse evadir-se, derrotado,
Segue á testa do terceiro Corpo
O Visconde do Herval, emquanto Argollo,
Segundo Corpo commandando, invade
Desfiladeiro estreito, guarnecido
Em seus flancos de cerrados bosques,
De Itororó na ponte terminando.

Já do imigo os canhões, nutrido fogo
Ao ponto culminante convergindo
Em que os bravos assomão, abrem claros

Nas filas que proseguem, sem que afrouxem
Não vista galhardia!...
—Oh! Fernando,
Que santo amor da patria te encoraja?
Que ardente chamma do dever te aquece,
Para que ás granadas que a teus pés rebentão,
Nesse ardimento as palpebras cerrando,
Não cedas um só palmo do terreno
Onde sellas com o sangue de teu peito
Coragem que os teus feitos eternisão,
Dedicação que teu martyrio sagra,
Perdendo a vida no teu posto de honra?!

Conscio o verdugo, que tenaz instiga
Seus phanaticos servos, da importante
E intuitiva posição que perde
De Itoróró, tres vez disputada,
Volta a tomal-a em pertinaz esforço....
Para os flancos nos cortar, na audaz manobra,
De seis canhões o fogo intermitencia
Não conhece, não tem....
Moto-continuo
Dos demonios ao primeiro impulso,
Não pára, não tem tregoas o diluvio
Da atroz fuzilaria....
Oh! Céo, não vejas,
Assim, chumbado aos turbilhões de fumo,
Esta scena de horror, em que impotentes



Forão teus raios para esboçar....
Não ouças
Destes multiplos choques de estampidos
Repercussão que o firmamento abala!

II

Oh modelo de heróes, porque não chegas?
Primeiro entre os valentes, porque tardas?
Porque assim te demoras?
Que Vesuvio
Em meio da vereda que contornas,
Tres horas já, os passos te intercepta?
Herval, que esperas? Quem te impede a marcha,
Quando, cortada a retaguarda imiga,
Aqui, Supremo e servos pagarião,
Mordendo o chão, á cargas de bayonetas,
Temeridade e intrepidez?....
Assoma, oh bravo!
Herval, teu posto está vasio, occupa-o!..
Herval, que esperas? — Teu irmão no arrojo,
O denodado Argollo, está ferido!
Gurjão está fóra do combate!....
Corre,
Vem injectar o ardor nestes soldados,
Que envolvidos, sem chefes, quasi hesitão
Entre o panico horrivel de perdêl-os
E da hecatombe o sacrificio inglorio!

É que o inimigo comprehendeu teu plano,
É que o instincto da vida innato aos fracos,
Perto sentindo o vendaval da morte
Que te precede á espada, que fulmina
Raios aos mil a cada vez que a brandes,
Essas victimas duzentas sacrifica
Á meia hora em que de si te afasta!

Mas, onde vais, Caxias? Lá no centro
Da área do combate que troveja
Encarniçado, pelo esforço extremo,
Não viste já tres generaes, que ousárão
Á testa pôr-se, succumbir feridos?

III

Ingratos, zoilos, que aos heróes não faltão,
Que os teve o bravo de Marengo,—as frontes
Curvelinhas, no pó que este ginete
Cavando o chão levanta impaciente,
Do cavalleiro sacodindo as bridas,
Previos, rojai....
Confusos patricidas,
Que sobejárão de Bisancio ao genio
Que do heroismo em premio os olhos perde;
Bem podeis do Abyssinio o zelo em furia
Praticar na tribuna onde inda ha pouco,
Idolatras, saudaveis o luzeiro

Caminhando ao zenith!...
Que o chefe invicto,
Que de vosso desanimo crescente,
De vossa confusão ouvindo o appello,
(Em pouco as isenções, em nada a vida
Sopesando, partira)—aqui pendente
De um movimento só tem sorte inteira
Da patria que—não vós—completa vinga!

Recuão todos? Eil-o, espada em punho,
Vão-lhe as bençãos, Archanjo das victorias;
Que lhe importa a metralha?
—É lá que vibra
Mais certeiro o canhão?—É lá que exangues
Cahirão seus valentes companheiros?
É de lá que os p'lotões, inda cerrados,
Confusos retrocedem, se incravando
Dos seus nas cargas d'aço que os esmagão?
É de lá que este sangue se despeja,
Catadupas, da quéda aos ro'moinhos,
Aos fratricidos golpes augmentando
Cadaveres recalcados, que se empilhão?
É lá que, destendidos em columnas,
Os dous corpos do exercito guarnecem
Desfiladeiro horrivel?
—Da estrategia,
Pois, lá no ponto objectivo estancas,
Caxias, teu indomito ginete....

E o seu proprio piquete carregando
Sobre as muralhas, que a abater começão,
De fundidos leões, — eil-o que falla
Palavras que inoculão fogo e vida
Nas arterias que escaldão de seus bravos!
Eil-o na frente, bem na frente, envolto
Nesses olhares que recobrão vista,
Animados ao sol que se projecta,
P'ra conduzil-os, espancando a morte,
E a cujo fóco os projectis não chegão!

O quer que seja de brilhante, ethereo,
Phosphorescente, mystico, estranhavel,
Que impressiona, que seduz, que anima,
Que scintilla, que céga, que electrisa,
D'aquelle olhar de Lince se desprende
E se converge em circulo contornando
De magnetismo a orbita em que gyra
Aquella fronte, do porvir santelmo
Sempre que a patria em brumas da tormenta
Seu genio evoca aos portos da bonança!....
Ainda mais que o scintillar da espada,
O inimigo aquelle olhar evita,
E se ousa acommettêl-o, a fronte curva,
Pois, se o sorprende, extatico se rende!
Mas teu soldado expande-se em fictal-o,
Porque lh'impregnas desse ardor scentelha
Do bravo n'alma assimillada, e o levas

Aos rasgos do heroismo que elle exhibe....
Não era assim que outr'ora Bonaparte
D'intrepidez prodigios transmittia?

O enthusiasmo e ardor com que os soldados
De Caxias a bravura imitão,
De não visto denodo o exemplo seguem,
Taes forão, que em bem pouco recuando,
Debandado, o inimigo, errante foge....

Ai! Se não tardas, destroçando os poucos
Que de Lopes a estrategia envia
P'ra te deter os passos;
Se ness'hora,
Herval, em que batias, esmagando,
A pequena partida Paraguaya,
Vens cortar do inimigo em tempo a fuga;
Além dos prisioneiros e seis peças,
Além das munições de toda especie,
Entre os mil e duzentos que no campo
Insepultos tamanho arrojo págão,
— Prisioneiro ou cadaver, confundido,
Com tuas mãos palpáras o tyranno!
Com teus olhos, Herval, viras suicida....
Suicida, não! Catão algoz não fôra:
Viras em verme convertido um tigre!

Dos dous corpos do exercito á testa,
Ás posições na vespera conquistadas,
Nas quaes á frente do terceiro corpo
Herval se mantivera, te apresentas!
Nas matas o inimigo, se abrigando,
Acredita que vais travar combate
Contramarchando pelo flanco esquerdo
Os dous corpos do exercito, e mascarando
O movimento do segundo corpo,
De José Luiz sob o commando....
Avante
Levas teu plano contornando o imigo,
O arroio Ipané transpões, e occupas
Elevado terreno, aonde o exercito,
Sem resistencia, abriga-se acampando.

IV

Feita a juncção de todos os teus bravos,
O estrategico e importante ponto
De Valdovino, incolume, atravessas
Até Guarda Ipané, fronteiro á esquadra.
E emquanto a brigada, sob as órdens
De Oliveira Bueno, permanece
No Gran-Chaco, incansaveis monitores
E encouraçados divisão transportão
Do barão do Triumpho e de Barreto.

Lá vão ao toque d'alvorada em marcha
Os tres corpos do exercito....
Pela esquerda
Ao mando do primeiro, forte quasi
De tres mil cavalleiros aguerridos,
P'ra cortar do inimigo a retaguarda,
Que no Avahy quer disputar-te o Passo,
Lá vão.... emquanto que o segundo segue
Pelo flanco direito com mil homens,
Cumprir igual missão, e na vanguarda
De Camara, o valente, se congrega
A quinta divisão de cavallaria.

Já do arroio Avahy te approximando,
Caxias, vês, te interceptando a marcha,
De cinco a seis mil homens das tres armas
Do inimigo em linha de batalha....

Rijo pampeiro desabando estruge;
Dos Céos as cataratas se escancárão;
Mas Herval rompe o fogo, carregando
Com a quinta divisão sobre o inimigo,
E a infantaria do terceiro corpo,
Com tal furor e intrepidez que excede
Dos elementos horridos destroços,
Casando-se o troar dos estampidos
Ao temporal, que indomito esbraveja....
Do cataclysmo funebre consorcio

Ao trovejar de imprecações nos transes
Do agonisante imigo, que abandona
O Passo, que transpoem os nossos bravos....

V

Valente Herval, esses heróes não bástão;
E infantarias do terceiro Corpo
Conduzes á peleja....
—Segue, avança,
Que pelo flanco esquerdo, por seu turno,
Segundo corpo commandando, segue
Caxias, ao combate....
Oh! Nova infausta!
Que vens dizer nest'hora em que renhido
No mais férvido arcar destes valentes
Lhe estancas o ardor?....
De boca em boca
Segredão (para que o não saiba o imigo)
— « Herval está ferido! »
Annuncio horrivel
Veloz perpassa, emquanto além conduzem
Para o hospital de sangue o qu'inda ha pouco
Sacudia, refractario ás balas,
De cada dobra de seu ponxe a morte,
Affrontando os canhões!
Já viste, acaso,
Em noite borrascosa, que te mostra



MARQUEZ DO HERVAL.
(Osorio)

A. de Pinho, fecit



MARQUEZ DO HERVAL.
(Osorio)

A. de Pinho, fecit.

Aos zig-zags de serpente em fogo
Phantasma errando, chammejantes olhos,
Buscar seu unigenito fendido,
Achal-o, erguel-o fulminado, e os dentes
Ranger, qual tigre que se escapa á jaula
E busca o filho exangue? Os pulsos,
Em blasphemo ameaço, aos céos mostrando,
Ao proprio raio provocar, possesso?
—Tal sopesando em vigorosos braços
D'Herval o corpo, esqualido soldado,
Livida fronte ensanguentada oscula....
Parando em meio da carreira, e os olhos
Volvendo atrás, de fogos injectados;
Ora supplice aos Céos erguendo a fronte
E um milagre pedindo.... Ora vergando
O dorso sobre a carga estremecida,
Como se ouvisse sibillar metralhas
Buscando o heróe que com seu corpo abriga....

— « Oh! Não se abate impunemente um vulto
« Como esse que cahio! »
E assim, Caxias,
Bradando, ordena que o primeiro Corpo,
De Jacintho Machado sob o mando,
A reserva formasse, e avança á testa
Das forças todas....
Ora brande a espada,
Ora electricas phrases, que escandecem





MARQUEZ DO HERVAL.

(Osorio)

A. de Pinho, fecit.

VIII

Solano, vê:—aquelles que sopesão
A palma da victoria, te explorando
De Capiatá toda a extensão, vingando
Os campos de Areguá, e que devassão
Até Serro Leon os teus dominios,
Ainda tintos do sangue do combate,
Milhares de familias foragidas
Dos proprios bravos que por ti morrêrão
Defendem da matança a que se expunhão
Contra a sanha feroz com que te vingas,
Immolando-as, verdugo....
Vê:—já chegão
De João Menna Barreto os destemidos
Ao teu refem d'espavoridas orphãs,
Emporio de viuvas desgrenhadas,
Semi-nuas, diaphanas da fome,
Que ambulantes, decrepitos, tranzidos
Esqueletos dos pais, qu'inda palpitão
P'ra fuga, em debeis braços equilibrão....
A miseria lhes suppre, o horror lh'espancão,
E as conduzem tranquillas a seus lares!....

Carrasco, aprende, se te é dado ao instincto
De panthera feroz, poupar ao saque,
Á tortura e carnagem, teus vencidos!

A remorsos curtir, aprende, ao menos
Ante o quadro solemne que Caxias
De humanidade exhibe!....
—Eia, afoga,
Ao aguilhão das contricções, ess'alma
No sangue de Benigno, que te brada,
Fratricida, o anathema dos reprobos!

IX

Para evitar que Lopes enviasse
De Lomas Valentinas novas forças,
Hostilisando a expedição, mil homens,
De Andrada Neves sob as ordens, marchão;
Quando dous regimentos do verdugo,
De Sanga Branca muito além postados,
A vanguarda formando do inimigo,
De Vasco Alves pela força envoltos,
São dizimados, escapando apenas
Um só soldado e o commandante....
E emquanto
Este novo triumpho se operava,
Caxias, que de louros se não farta,
Por suas mãos segados, segue á testa
Da quinta divisão de cavallaria,
De Camara sob as ordens, e de infantes
Que, Lomas demandando, fazem alto
Á meia legua apenas de distancia

Da propria residencia do tyranno;
Ora explorando adjacentes pontos,
Ora sondando d'Angustura o Forte.

Feito o exame severo, então divide
Em duas alas todo inteiro exercito,
Com forças das tres armas, uma ás ordens
De José Luiz, a outra de Machado,
E, chefe d'ambas, elle mesmo á frente.

Do plano em complemento, Andrada Neves
Com dous mil e quinhentos bravos, segue,
P'ra contornar o inimigo em Lomas,
E, batendo as partidas que encontrasse,
Isolar o tyranno dos recursos
Com que Pikyciry manter pudesse.

Surte effeito a jornada: dous piquetes
Que na avançada do inimigo observão
Os nossos movimentos, surpr'endidos,
São capturados pelos nossos bravos,
Sem que se escape um só de seus soldados.

X

Já de Pikyciry, Menna Barreto,
Com sua divisão, em frente á linha,
Infantaria e artilharia, avança

Pelo flanco direito, procurando
Assaltal-a, e rompel-a á retaguarda....
Quem já tão destramente, assim, Caxias,
Te comprehendendo a commissão, cumprio-a
Com maior f'licidade e mais denodo?
A trincheira inimiga eil-o que ataca,
Trinta canhões tomando-lhe de assalto,
Setecentos cadaveres calcando,
Duzentos prisioneiros, cem feridos....
Mais polvora e armamento, mais bandeiras,
São espolio da luta, completando
Brilhante feito d'armas, que isolando
Angustura offerece livre accesso
Té ao ponto estrategico de Palmas,
Inutilisa os naturaes estorvos
E a arte com que Lopes pela frente
E por flanco direito se acercára!

XI

Oh! que trinta horas de constante fogo!
Oh! que trinta horas de um morrer sem tregoas!
Oh! que trinta horas d'ancias e agonias,
Sem que um osculo de mãi, paternal benção,
Da fé na vida eterna ungidas preces,
Abrandem, suavisem, dulcifiquem
Dôres, martyrios, desespero, sêde
Desse elemento que lhes suppra o sangue

De semi-vivos, mutilados corpos
Calcados de animaes, d'irmãos, de amigos!
Trinta horas de amarguras indisiveis
De dous povos que antes se não virão,
Não se fallárão, e agora se aniquilão,
Porque a patria de um delles ultrajára
O El-Supremo algoz dos que succumbem
Á essas mãos que os libertar pretendem
De um dictador que a ambos sacrifica!
Trinta horas de holocausto de dous povos
Que o chão que juntos mordem não tiverão
Por um berço de irmãos, n'um Continente
Que os abrange no entanto, onde se abração
N'um sepulchro commum fraternisados....
E que antes de cahir, fronteiros, vivos,
Mutuo rancor dos olhos desferindo,
Quaes tigres e leões de oppostas zonas,
Simultaneos, reciprocos, disputão
Mais ferozes, mortiferos instinctos,
Mais completos destroços, mais ruinas,
Maior devastação, maior carnagem!

XII

De tamanhos triumphos sobre os louros,
Incançavel Caxias, não repousas....
Ordenas que outras forças, avançando,
Toda a vanguarda explore do inimigo,

Reconhecendo esse ultimo reducto
Onde inda entrincheirado se abrigava
O dictador e os bravos que lhe restão;
E novas glorias veem mais exaltar-te
Em devida homenagem desses planos,
Privilegio exclusivo dos fadados
Em raros seculos p'ra avultar na historia!
É o bravo dos bravos, que cumprindo
Á risca as ordens e instrucções que déste;
Que percorrendo Marmoré, batendo
E destroçando toda a força imiga
Que ahi se refugia, traz por presa
Quatro mil rezes p'ra o banquete de honra
Que em breve ás bodas da victoria os bravos
Vão celebrar, por mesa — a relva em sangue,
Altar, — bandeira, cuja affronta vingão,
Por orchestra — o rufar de mil tambores,
Por brindes — o strugir d'artilharia
Que a saudal-os começa d'Angustura
Em dialogo reciproco, travado
Pelos nossos canhões que lhes respondem,
Emquanto reclinada a infantaria,
Os cartuchos mordendo p'ras descargas,
(Manjar de bravos nos festins da morte!)
Refaz-se sob um tecto de metralhas!

XIII

— « Avante, camaradas, que o inimigo,
« De Itoróró vencido sobre a ponte,
« E no Avahy por nós já rechassado,
« Com o resto do exercito valente
« Nos espera nas Lomas Valentinas!
« Marchemos sobre elles, e teremos
« Privações e fadigas concluido!
« D'exercitos o Deos está comnosco:
« Eia, oh! Bravos! Marchemos ao combate!
« Bem o vêdes.... vos conduz á gloria,
« E igualmente vos partilha a sorte,
« O general e amigo que vos guia,
« E que até hoje inda não foi vencido! »

Nem Bonaparte os seculos evocando
Em collossaes pyramides do Egypto,
Quaes testemunhas de não vistos feitos,
Mais bravura e ardimento requintára!....
Nesse sublime appello, em que Caxias,
Brandindo a heroica espada, aos seus proclama,
Signal de carga e de avançar ouvindo,
O exercito se arroja, e rivalisão
Entre os corpos denodo que não virão
Os assaltantes da Criméa!.... Excedem
Coragem dos que o Forte d'Abyssinia

Affrontárão de chofre.... e sobr'elevão
Intrepidez em frente de trincheiras
Sobrepostas no ponto culminante
De elevada colina, em cujo centro
Do dictador as forças se abrigavão
Dos nossos, ao nutrido bombardeio....

Assim, tres horas lentas, a ampulheta
A resistencia pertinaz marcando,
Oscilações da pendula medindo
Em ribombos o tempo computado
No mostrador do azar, ou do destino;
Fazem bréćha, afinal, as nossas forças
Transpondo o fosso, penetrando a linha,
Té que o Bravo dos bravos retrocede,
Recebendo um ferimento d'honra!....

XIV

— « Nunca foste vencido. » — Bem disseste,
Heróe de Itoróró, e d'Avahy!....
                                        Em Lomas
Vem contemplar do alto da colina
O espaço em torno descoberto....
                                        Oh! Trevas!
Que astro dissipou-te?

Antros do abysmo,
Que diluvio as crateras te apagando
Da erupção as lavas suffocou-te?
Teu 'stertor, que voz de genio abafa?....
Esta área está deserta de inimigos:
Que olhos já virão tanto estrago?
O espaço
Onde aguerridas legiões, ha pouco,
— Montanha inabalavel — se firmavão,
Só tem de pé, sinistros como espectros,
Enfumaçados bronzes qu'inda escaldão,
Velando centenares d'artilheiros
Debruçados na hera que tragárão
Nas derradeiras ancias do martyrio
Com que na morte, alfim, se libertárão
Do phanatismo e escravidão!....
— Solano,
Que tão caro pagar o insulto fazes,
Que de todo este horror és responsavel,
Que olhos já virão tanto estrago?
A arena
Só tem com vida exhaustos prisioneiros
E heroicos vencedores, que contemplão,
Ainda a espada empunhando, fronte erguida,
Bronzeada no fogo dos combates,
— O Marechal, que lhes partilha a sorte,
Que á victoria lhes conduz, lhes guia,
E que até hoje inda não foi vencido!

XV

Oh! que noite de insomnias, devoradas
Minuto por minuto, em chão de gelo,
Em firmamento que desaba em aguas,
Immensa cupula, rêde d'estilhaços!....
Foi uma noite assim!....
Soldados, chefes,
Inabalaveis, vigilantes, firmes,
Enraizadas fileiras de granito
P'ra os abater baldando ardentes bombas;
Descobertos ao fogo, emquanto o imigo
Em capões successivos abrigado,
Por baluarte — arranchamento em mattas
Juncadas de cadaveres....
Quem póde
Uma noite que um seculo inteiro mede
Na mente perpassar, sem que enlouqueça?
Foi uma noite assim!... Noite do inferno!...
Que penna e tinta, peripecias tantas,
Gemidos que se abafão; dôr, martyrios
Sopitados; terrores que se calão;
Do lar de amor saudades que se estorcem;
Anhellos pelo albor; — sonhar vellado
Em pesadellos horridos, mostrando
Lividas frontes de um milhão de seres
Na viuvez precoce e na orphandade

Prosternados aos carmes e aos suffragios
Psalmejados além, sem cruz, sem lousa....
Que penna e tinta, que estro, n'um Poema
De funebre argumento, em negras tarjas,
Patria! oh Patria! revellar-t'o póde?
Foi uma noite assim! cuja alvorada,
Planeta da victoria, alfim, Caxias,
Densas trevas, projecta-se, espancando!

D'atroz enfermidade, que as entranhas
Te corróe, a epiderme lacerada,
Exposta ás intemperies da campanha,
Consequencia fatal, o que t'importa,
Se a vida, em sacrificio das victorias,
Machado Bittencourt, á patria off'reces
Nas provanças de uma noite inteira
De feitos de heroismo, até que o imigo
Vencido, retrocede?!...
Retomado
Memoravel calibre do combate
De Tuyuty, completa immenso espolio
Dos quatorze canhões que se assestavão
Na linha conquistada a fogo intenso.

Por essa linha, de canhões bordada,
Que fôra incrivel a conquista, se outros
Que não os filhos do Brasil, famosos
Por seculos do porvir, tomar tentassem.

De Palmas já percorrem Gelly y Obes,
As Argentinas forças commandando;
Dom Henrique de Castro, dirigindo
As forças Orientaes; Silva Paranhos
Da infantaria á frente da brigada;
E Emilio Mallet com os artilheiros
Que cavalgão, garbosos e pujantes.

XVI

Reunindo Caxias em conselho
Das forças alliadas dignos chefes,
Eis de accordo resolve incontinente
Mandar intimação, p'ra que se renda,
Ao dictador, contadas doze horas;
Sem que durante a espera se interrompão
Hostilidades por um só momento;
E que as armas depondo, desde logo,
Derramamento inutil evitando
De sangue de seus proprios, sitiados,
A posição tão critica conheça
Em que as nossas manobras o collocão;
Que em nome dessa mystica, sagrada,
Religião de tregoa e esquecimento,
Da humanidade, e luz do seculo em nome,
Tão inglorio exterminio não complete
Da nação Paraguaya de que é chefe;
E que perante o resto de seu povo,

Das nações alliadas, e do mundo,
Responsavel só elle ficaria
Por mais sangue que acaso inda corresse,
Por mais desgraças que accrescessem inda!

Parlamentario o dictador recebe,
E, deixando findar o fatal prazo,
Aos alliados de máo trato increpa
Desde que a paz a Mitre propuzera;
De Itoróró e de Avahy confessa
As completas derrotas que soffrêra;
Declara que quer paz, porém condigna,
Que aos seus mostrára esse cartel de indulto,
Que, chefes e soldados repellindo
Intimação que leu, p'ra que se rendão,
Unanimes decidem pressurosos
Pela sorte das armas; — que elle proprio
Combaterá á testa de seus bravos,
Emquanto um só soldado inda restar-lhe.

Caxias, bem fizeste! E emquanto o monstro
Do mundo inteiro anathemas recebe,
Quarenta e seis canhões, rompendo o fogo
Em bombardeio horrivel ás trincheiras,
De paz á negativa do tyranno
Replicão cada um cincoenta tiros....
Duas alas do exercito conduzes,
Ganhando mais terreno, e destroçando

Desalojado o imigo, que se occulta
Nas mattas ao declive da collina....
E de indefesos bravos, oh! cobarde,
Escolhidos por ti, condecorados,
Assistes á matança, sem coragem
De os proteger!.... ás mãos todos colhidos
Por Vasco, que duzentos, fulminados
A ferro frio, em Marmoré derruba!

XVII

A meio tiro de fuzil, á testa
De seis mil bravos, posição terrivel
Vais em pessoa contornar, Caxias....
Ignacio Rivas e Mallet, partindo,
Vão assestar, velozes, a teu mando,
Do reducto inimigo, á retaguarda,
Vinte e quatro canhões....
Nutrido fogo
Sustentão, té que avanças com a columna
De Gelly y Obes, de Henrique Castro,
Machado e Bittencourt, ao proprio assalto
De simultaneo movimento....
Oh! Bravos,
Impetuosos, destros artilheiros,
Na intrepidez, denodo e galhardia
De atiradores, excedeis o arrojo,
As trincheiras galgando do inimigo!

Cortado em suas direcções, e o campo
De empilhados cadaveres juncado,
Eil-os que em fuga, attonitos, invadem
De Marmoré floresta á que se abrigão....

Oh! de tropheos que profusão se roja,
Caxias, a teus pés!...
Quatorze peças,
Munições, estandartes, armamento,
Solano, vem buscar, que os teus vigias
Na embriaguez do ardor com que souberão,
Muralhas, bloqueiar os teus celleiros,
Ao mortifero narcotico dormirão
Affogados em sangue!...
— Porque deixas
Accumuladas provisões, emquanto
Famintas, núas, da miseria espectros,
Tiritando nas brenhas, foragidas,
Da fome atroz em paroxysmo expirão
Dos defensores teus, pasto de abutres,
As filhas e as consortes, te execrando?
Equipagem, teu trem, teu proprio archivo,
Tuas vestes, bagagens, teus mysterios
Que a Satan segredaste em penna e tinta
Na infernal referenda aos teus carrascos;
Porque,—vilão—, não tentas disputar-nos,
Antes que o mundo inteiro os devassando,
T'esconjurando o nome, a fama, a vida,

Te commine satanicos epithetos
Em maldições que horrorisára ao inferno!

XVIII

Eil-o, — o cobarde —, que jurára ha pouco
Enraizar-se na arena do combate,
Emquanto um só soldado lhe restasse;
A dignidade e a honra no infortunio
Esquecendo manter em veloz fuga!....
Noventa praças, que á matança escapão,
Ás cordilheiras ao tyranno seguem,
Emquanto mais tres peças qu'inda restão
Por trinta Paraguayos guarnecidas,
De Alvares, intrepido Argentino,
Aos golpes succumbindo, mais triumphos
Vêm augmentar ás forças alliadas!

XIX

Vós, que os restos agora d'Angustura,
Em quinze obuzes assestados inda
Da extrema esquerda em linha de defesa,
Illesos transmittir ao foragido
Pretendeis, — desisti de vossa empreza,
Antes que o prazo expire concedido
Para em completa discrição render-vos!
O sitio que lhe abrange está cerrado

Com seus braços de fogo, que lhe apertão
Com suas garras temperadas d'aço....

— Angustura, seis horas só te restão
P'ra que todo o rigor das leis severas
E marciaes a cómoros te reduzão,
Por agua e terra te arrasando as bases!
Mas tu, Carrillo, a intimação devolves,
E appellas á El-Supremo, o qual presumes
Inda em seu posto no quartel de Lomas....
Pois satisfeita a condição te seja:
De vossa guarnição cinco que venhão,
D'heróes disposto exercito em revista
Das linhas percorrer todos os pontos,
E ouvir, nas vascas d'agonia, as dextras
Beijar dos vencedores, que os confortão,
De vencidos milhares que os bemdizem!
Oh! vinde agora, Lucas, vinde Thompson,
Do quartel-general, que julgais inda
Invulneravel, abrigando o Attila,
Em vão buscar, no meio das ruinas,
Os chammejantes olhos da panthera
Que, foragida, assim vos abandona!
William Stuart, Cisler, que se entregão,
Nossos irmãos agora, vos esperão
Para a historia contar-vos da derrota
Que vindes apalpar, descrentes inda....

Escutastes e vistes, confundidos;
Pois bem, voltai a referil-a aos vossos,
Depressa; dos leões conter mal podem
Para o assalto o impeto, difficil
De refrear, os chefes qu'inda esperão....

XX

Brasil! entrança os louros! Vais completa
A represalia ter!
Monarcha e povo,
Podeis, apenas vos chegar as novas
Da scena que se exhibe face ao mundo
Em vivas que proclamão das fileiras
Trinta mil bocas qu'inda a marca ostentão
Da polvora que morderão p'ra vingar-vos,
Podeis, a um tempo, predispor medalhas
Do merito e bravura, e aos Céos da patria
Mandar, em córos, da victoria os hymnos
A estes bravos que a missão terminão!
Fortalezas de vinte irmãs, dispostas
Ao Norte e Sul d'Americano Imperio,
Detonações vibrai nas salvas d'honra!
Dizei que está completa de Caxias
Consagração d'explendida victoria,
Do pendão Brasileiro em desafronta!
Que mais quereis?
Lá desce, na aderiça,

D'Angustura a bandeira que se rende:
Vai nella o Paraguay; vai nella o inteiro
Prestigio de um governo que deserta
Confessando a derrota, em seu suicidio,
Na rendição de um povo que se abate,
De Caxias aos pés depondo, humilde,
O symbolo nacional!
Oh! vêde-o: — lento,
Lento, lento como o sol no occaso,
Nas sombras do crepusculo que o sepultão
Occultando os seus ultimos lampejos;
Lento, lento, o pavilhão de Lopes,
Que em derradeira tradição de um povo
As ultimas muralhas guarnecia,
(Nem os pampeiros o desfraldão...) — desce,
Desce, tocando o solo, onde, abatido,
Do proscripto segreda o adeus á patria!

Que olhos já virão, sem chorar de gozo,
A rapida, veloz metamorphose
Da bandeira inimiga, no estandarte
Do vencedor, no espaço fluctuando,
Alçado pelas mãos dos que se rendem?
Que olhos já virão, sem chorar de extasis,
Identico painel, onde o vermelho
Da effusão não colure ultimo traço
Da espada de Caxias, que o contempla,
Daquelle olhar de genio por seu turno

A gotta a deslisar, que neste instante,
Em quilates de brilho, vale o sangue
De dous mil homens, que curvados passão
Em continencia aos vivas que chancellão
A victoria das armas Alliadas?!

Entrai, valentes, vencedores bravos,
Da conquistada praça bem no centro...
Lento passo... silencio... que os vencidos
As lagrimas que escaldão livre curso
Dão nos tristes adeoses que sómente
É dado soluçar aos que se entregão,
Já acceso o morrão, em frente ao bronze!...!
Oh! Quão solemnes d'improviso travão
Affeições em sympathicos protestos,
Reciprocos conchegos que se estreitão,
D'amor promessa em fraternaes amplexos,
Juras que em laço d'alma se vinculão,
Os palpitantes peitos que nest'hora,
Traspassados de golpes mutuamente,
Sobrepostos no chão da morte ao gelo,
Poderião jazer inda encravados
Nas lanças qu'ambos para sempre embotão!

Quinze canhões dos mais altos calibres,
De bandeira e munições emporio,
Deposito avultado de torpedos,
Mulheres e crianças, mais de um cento

De officiaes, e quantidade immensa
De feridos n'hospitaes de sangue;
Brasil, te orgulha, que isto tudo é presa
No incruento epilogo que escreve
Caxias em teus fastos gloriosos!

XXI

Caxias p'ra Villeta, com seus bravos,
A repousar já segue das fadigas
De trinta dias d'incansaveis lides,
De tres annos de constante arrojo,
De choques, d'emoções e de vigilias,
Vingando pantanaes, transpondo arroios,
Rompendo abrolhos, vadeando abysmos,
Campaes batalhas dirigindo á testa,
Patria! oh Patria! p'ra elevar teus filhos!
Patria! oh Patria! p'ra vingar teus brios!

Repousa o exercito; e elle segue, as ordens
De Inhauma ao Visconde transmittindo,
E ao barão da Passagem, que se aprestem
P'ra desde logo a expedição dos bravos
Conduzir á Assumpção.

Já rio acima
Sua brigada Ernesto da Fonseca
Transporta, e occupa a capital imiga

D'onde duzentos homens, pertencentes
Do dictador aos ultimos vapores,
E que guarnecem-lhe a cidade, fogem....

XXII

Do dia quatro d'alvorada ao toque,
Dezembro, viste, memorando essa éra,
Seguir Caxias, em solemne entrada,
Ao marco derradeiro, de seus bravos
As frontes laureadas conduzindo!....

QUARTA PARTE

A gotta a deslisar, que neste instante,
Em quilates de brilho, vale o sangue
De dous mil homens, que curvados passão
Em continencia aos vivas que chancellão
A victoria das armas Alliadas?!

Entrai, valentes, vencedores bravos,
Da conquistada praça bem no centro...
Lento passo... silencio... que os vencidos
As lagrimas que escaldão livre curso
Dão nos tristes adeoses que sómente
É dado soluçar aos que se entregão,
Já acceso o morrão, em frente ao bronze!...!
Oh! Quão solemnes d'improviso travão
Affeições em sympathicos protestos,
Reciprocos conchegos que se estreitão,
D'amor promessa em fraternaes amplexos,
Juras que em laço d'alma se vinculão,
Os palpitantes peitos que nest'hora,
Traspassados de golpes mutuamente,
Sobrepostos no chão da morte ao gelo,
Poderião jazer inda encravados
Nas lanças qu'ambos para sempre embotão!

Quinze canhões dos mais altos calibres,
De bandeira e munições emporio,
Deposito avultado de torpedos,
Mulheres e crianças, mais de um cento

Com um simples movimento, de seus bravos
Sofreguidão estanca d'improviso
Ante o lugubre aspecto que o conturba....

II

'Stás deserta, Assumpção.... mas, inda frescas,
As pégadas impressas em teu sólo
O terror denuncião de teu povo
Em precipite fuga....
—Mão de Lucifer,
Em que antro arremessaste o bando em furia?
Cobre os teus muros da viuva o crepe....
Escancaradas portas, e a desordem
D'artefactos domesticos, rojados
Nas praças, que de vestes mil se alastrão,
Da cidade maldita o horror transumptão....
Porém fogo do Céo não te ha crestado
A vicejante relva das collinas;
Sulco d'enxofre crepitando lavas
Teu chão não fende em multiplas crateras....
Mas teu silencio iguala ao de Sodoma
Após fuga de Lot, que, seculos antes,
A prophecia do que Falla aos seculos
Em Mar Morto e salinas a transforma....
Porque da cathedral não geme o bronze?
Porque?—cidade abandonada aos vivos
Por semi-mortos, semi-nús, errantes?



BARÃO DO TRIUMPHO

(ANDRADE NEVES)

A. de Pinho, fecit.

IV

De teu bellico [illegible]
Caxias, a [illegible]!

[illegible] a [illegible]

Reposa [illegible]
Toda a estr[illegible]
Alastrada dos [illegible]
Até seus alic[illegible]

Não sigas a [illegible]! [illegible]!
Que noites, que [illegible]
Cidade deserta, [illegible]?
São mudos seus [illegible]

Não sabem? Que [illegible] persegue
Se os rastos [illegible] bravos?
Oh bravo dos brav[illegible]
Faminta panthera, [illegible]

Decrepita fronte que aos [illegible] se enc[illegible],
Cançada na [illegible] alli reposou.
Não vês como a espada do algoz [illegible]
Porque se [illegible] de [illegible]

III

Do teu bellico empenho aqui completas,
Caxias, a missão!
Armando a tenda,
Repousa, vencedor, que além deixaste
Toda a estrada de glorias percorrida,
Alastrada dos restos de cem fortes
Até seus alicerces destruidos!

IV

Não sigas a hyena! Não sigas, Caxias!
Que noites, que dias tu tens de correr....
Cidade deserta, aonde os caudilhos?....
São mudos seus trilhos, não sabem dizer....

Não sabem? Que importa! se Andrada os persegue,
Se os rastos lhes segue, na frente dos bravos?
Oh bravo dos bravos, regressa, que a féra,
Faminta panthera, devora os escravos!

Decrepita fronte que aos annos se enruga,
Cançada na fuga, alli repousou....
Não vês como a espada do algoz, que a arrastava
Porque se prostrava, de um golpe a cortou?

ιo vês empilhados, na féra matança,
ulher e criança que o monstro condemna
.i! volta, guerreiro, que a febre te esmag
/Iephitica plaga teu sangue envenena!

Remontas ginetes, que os outros cahirão
Depois que exhaurirão o folego, a vida....
Mazepa, não cáias, suspenso do arção,
Que o teu coração já cede á corrida....

V

Qual a setta desferida,
Voando ao sólo, rasteira,
Que no meio da carreira
Toca a pedra, quebra o impulso,
E, sem ao alvo ferir,
Já sem força, retrocede;
Eil-o já quasi a cahir,
Mal sustentando no pulso
Sua lança e companheira....
Eil-o, o gigante, que pede
Um milagre ás agonias:
Abraçar inda a bandeira,
Vir morrer junto a Caxias!

VI

Já viste trinta e cinco mil cabeças
N'um cataclismo se abaterem juntas?
Já viste dous planetas se chocarem?
Dous gigantes a um tempo estremecerem?
Já viste trinta e cinco mil estatuas
Em torno de dous genios que se enlação,
Ambos longe da esposa e de seus filhos,
Benemeritos ambos, ambos dignos
D'equestre monumento erguido aos feitos
Com que a patria vingárão, em campo aberto,
Se despedindo um d'outro, — em meio a tumba;
Um ferido no peito, o outro n'alma,
Querendo um d'outro suavisar tormentos?
Um ferido do raio que resvala
O coração do outro que o conforta,
Sentindo ambos lhes fugir a vida?
Não viste, não! Que uma só vez no mundo,
Virgem na historia, scena tal se exhibe!

Um cahio já fulminado,
Um já deixou de existir....
Teu chefe ampara, soldado!
Não deixes o outro cahir!

Ai! Volta depressa aos lares, Caxias,
Que déste os teus dias á patria querida!
Não pódes morrer! E as horas são breves....
Não pódes, não deves fazer-te suicida!

QUINTA PARTE

III

Do teu bellico empenho aqui completas,
Caxias, a missão!
                    Armando a tenda,
Repousa, vencedor, que além deixaste
Toda a estrada de glorias percorrida,
Alastrada dos restos de cem fortes
Até seus alicerces destruidos!

IV

Não sigas a hyena! Não sigas, Caxias!
Que noites, que dias tu tens de correr....
Cidade deserta, aonde os caudilhos?....
São mudos seus trilhos, não sabem dizer....

Não sabem? Que importa! se Andrada os persegue,
Se os rastos lhes segue, na frente dos bravos?
Oh bravo dos bravos, regressa, que a féra,
Faminta panthera, devora os escravos!

Decrepita fronte que aos annos se enruga,
Cançada na fuga, alli repousou....
Não vês como a espada do algoz, que a arrastava
Porque se prostrava, de um golpe a cortou?

Do Cruzeiro o granitico gigante,
Quedas, do heróe singrando o lenho vistes,
Do sol aos raios em doirada esteira;
Negras agora — d'alta noite ás trevas,
Ao regresso passagem!
Dorme, ingrata,
Nos coxins da volupia, a paz disfructa
Desta Babel, intacta da carnagem,
Devastações, incendios d'horda espuria,
Que deste heróe os feitos expurgárão
Em chão de sangue tinto....
Dorme, ingrata
Cidade, côrte, capital, emporio
Dos concilios da patria!
Os sons dos bronzes
Que os ares 'strugirão nos ribombos
De saudações festivas, ás noticias
D'Itororó, Pykyciri, de Lomas,
Que no olvido dormitão, — dorme, ingrata,
Desse tedio o narcotico, descança,
Não te hão de dispertar!....
—Passagem, ribas,
Que nem sequer murmurejais na arêa,
Ao som do — alerta — da vedeta inutil,
Em refluxos, do bulicio os echos
Na embriaguez bacchanica abafados!

II

Só 'stás vellando, sentinella aos cofres,
Á segurança, á paz, ocio e venturas....
Couraça de epiderme que resguardas
Do verbo immunidades que te insultão!....
Mas a esse vulto que de largo passa
Incognito...—silencio!—não perguntes,
Se não queres, ouvindo um titulo, um nome,
Que tem n'ess'alma um throno, voz em grita,
Alarma de prazer render-lhe em preito,
Soldado, aqui, só testemunha essa arma
Que elle vio-te brandir da guerra aos fogos...

III

Era noite cerrada. Ha muito os pagens
Do titular que, ao Sul ha já tres annos,
Vencendo, a patria vinga, a venia d'honra
Em despedida do labor, prestárão
A virtuosa Esposa do guerreiro,
Que por seu turno terminára a prece,
Ao Senhor dos Exercitos rendida,
Pela vida e regresso do consorte,
Desde que á guerra de seu lar partira.

— « Não póde ser, oh coração presago...
(No intimo dialogo que se trava
Ao erguer-se da oração dissera
Ao palpitar mais fórte de seu peito.)
— « Presentimento, não te creio....
« É mudo
« Todo esse espaço, que echoára ás salvas.
« Ao menos d'homenagens de seu posto,
« Qu'importa á taes deshoras....
« Não te creio !
« É densa a noite, que explendêra ao lume
« D'alampadas multi-côres, si o guerreiro,
« Si o vencedor do Paraguay, si o chefe
« Das forças brasileiras, que triumphão,
« De quem fallas, pizasse o chão da patria!.... »

Mais pertinaz porque, mais forte, e sempre,
Vos pulsa o coração?
— « Pagens, depressa
« Pendei entre as columnas da avenida
« Illuminados globos....
« Sobre os gonzos
« Correi da sala d'honra esses batentes,
« Que á evidencia de um Nuncio, bem distincto,
« Ainda o rosto bronzeado em fumo,

« Amortecido o olhar do pranto aos jorros,
« Sem duvida á saudade.... que outra serpe
« Ferir-lhe ousára o peito?.... mão na espada;
« Traz na fronte, encanecida aos tratos
« De sangrentas batalhas, indeleveis
« Transumptos do que fôra.... avulta, cresce,
« Caminho de seu lar, o vosso amigo....
« Pagens, depressa, percorrendo a estrada,
« Brandido archote em punho, ide encontral-o,
« Entre vós disputando esta fortuna
« Ao que primeiro lhe oscular a dextra! »
Disse-o, e aurea bolça inda na mão lhe pende

V

Moveis, tectos, do thalamo sacrario,
Compartimentos, tudo. em luz se innunda,
Do arvoredo agigantando as fórmas
Ás projecções d'arcadas diamantinas....
Hospedes, familia, em galas se ataviāo;
Milhões de pyrilampos lá se cruzāo,
Meteóros, nas mãos d'alegres servas,
Percorrendo os jardins; colheita immensa
De flôres facilitāo, que se enramāo,
Em profusão balsamica desfolhāo,
Engrinaldāo, alcatifāo.
— « Luz e flôres,
« Terás, guerreiro e esposo, ao menos tantas

« Quanto supprão-te espinhos da jornada.....
« Quanto te baste á estrada luminosa
« Que vens de percorrer, trophéos calcando
« Em triumphante itinerario á gloria! »

VI

Deos fallara-te, esposa....
Olha, anima
Languidos braços que aos transportes pendem
De extasi sublime....
Enxuga os olhos,
De pranto assim turvados.... teu guerreiro
Lá 'stá de pé, o amparão, na avenida,
Peitos de servos que o seu peito cingem,
Que ao fital-o solução....
—Vai nos seios
Afogar em diluvios de saudades
Aquelle vulto que é só teu nest'hora;
Da pàtria ao romper d'alva; e posse eterna
Dos posteros tocando o excelso occaso....
Vai dar-lhe um throno nos docéis d'ess'alma,
Antes que fuja a precursora estrella
Do sol que surge p'ra saudar-lhe a vinda!
Entrecortados osculos em linguagem
Balbuciada, tremula, emquanto os labios
Se cosem, refervendo nas arterias
Febricitando em fogo o sangue em gyros

Aos amplexos do gozo;—não tiverão
Jámais, assim, monarchas das cruzadas,
Por Luso feito, em volta aos seus penates!

Estampidos, podeis agora, aos toques
D'alvorada, despertar confusos
Os aspides da inveja, ingratos filhos,
Que ás caligens do leito se poupárão
Ás projecções do olhar que os fulminára!
Fortalezas, esquadras, desfraldando
Festivaes pavilhões, trazei, compactas,
Do povo as massas aos umbraes do genio,
Que em lar de amigo os hymnos vos aceita
Para os depor aos pés de um Rei que exalça
N'um ducado o seu merito e bravura!

VII

—« Importantes eventos, e as victorias
« As mais completas, terminaes, durante,
« Os vinte e cinco memoraveis dias,
« E alcançadas por nós, puzerão termo
« Do Paraguay á guerra, em meu conceito:
« Que o dictador, attonito, confuso,
« Ante a bravura e ardor dos meus soldados
« Triumphantes, lá foje espavorido,
« Até que possa, se lhe fôr possivel,
« Transpôr da patria os ultimos limites.... »

II

Só 'stás vellando, sentinella aos cofres,
Á segurança, á paz, ocio e venturas....
Couraça de epiderme que resguardas
Do verbo immunidades que te insultão!....
Mas a esse vulto que de largo passa
Incognito...—silencio!—não perguntes,
Se não queres, ouvindo um titulo, um nome,
Que tem n'ess'alma um throno, voz em grita,
Alarma de prazer render-lhe em preito,
Soldado, aqui, só testemunha essa arma
Que elle vio-te brandir da guerra aos fogos...

III

Era noite cerrada. Ha muito os pagens
Do titular que, ao Sul ha já tres annos,
Vencendo, a patria vinga, a venia d'honra
Em despedida do labor, prestárão
A virtuosa Esposa do guerreiro,
Que por seu turno terminára a prece,
Ao Senhor dos Exercitos rendida,
Pela vida e regresso do consorte,
Desde que á guerra de seu lar partira.

De um solo alagadiço e matas virgens,
Tres leguas de extensão, dar-te-hão passagem
De Palmas á Villeta, e d'Angustura,
Evitando, por angulo divergente,
Barranca horrivel de assestados bronzes.

Dedicação, merecimento, zelo
De Argollo, o eximio marechal, te inspirão
Justiça que lhe fazes, confiando
Missão tão gloriosa, tão sublime,
Tão arduo, immenso, grandioso empenho:
E emquanto Inhaúma fórça o Passo,
Guiando a esquadra encouraçada, e o imigo
Se fortifica, apressas a passagem,
Conduzindo os teus bravos ao tentame.

Nem temerario transito dos Alpes,
Dos gellos através, por quem sentira,
Inda enfaxado, segredar-lhe ao berço
Aruspice prophetico os destinos,
Horoscopo fatidico dos genios,
No horizonte da Corsega entrançando
Verbenas d'Austerlitz; nem fé tamanha
Na terra de Canaan, predestinada
Aos captivos de Egypcios, ás phalanges
De Pharaó na frente abrindo abysmos;
Aos posteros dirão quanta coragem,
Ardimento, bravura, os teus soldados





VISCONDE DE ITAPARICA

(ARGOLO)

A. de Pinho, fecit.

Exhibem, precipicios affrontando....
Do arroio de Villeta as aguas crescem,
Percorrendo em precipite declive
Novo leito que, a incrivel ousadia,
Do Paraguay transfere, que as engrossa;
E, como p'ra punir tamanho arrojo,
O solapado sólo aprofundado
Barrancas desmorona!...
Quem pudera
Levar assim ao termo da jornada
Resignação, denodo, disciplina
Desses corpos que autómatos te seguem,
Se não fôra essa aureola que te cinge?

Contornando a vereda ao flanco esquerdo,
P'ra cortar do inimigo a retaguarda
Quando elle, carregado pela frente,
Procurasse evadir-se, derrotado,
Segue á testa do terceiro Corpo
O Visconde do Herval, emquanto Argollo,
Segundo Corpo commandando, invade
Desfiladeiro estreito, guarnecido
Em seus flancos de cerrados bosques,
De Itororó na ponte terminando.

Já do imigo os canhões, nutrido fogo
Ao ponto culminante convergindo
Em que os bravos assomão, abrem claros

Nas filas que proseguem, sem que afrouxem
Não vista galhardia!...
—Oh! Fernando,
Que santo amor da patria te encoraja?
Que ardente chamma do dever te aquece,
Para que ás granadas que a teus pés rebentão,
Nesse ardimento as palpebras cerrando,
Não cedas um só palmo do terreno
Onde sellas com o sangue de teu peito
Coragem que os teus feitos eternisão,
Dedicação que teu martyrio sagra,
Perdendo a vida no teu posto de honra?!

Conscio o verdugo, que tenaz instiga
Seus phanaticos servos, da importante
E intuitiva posição que perde
De Itoróró, tres vez disputada,
Volta a tomal-a em pertinaz esforço....
Para os flancos nos cortar, na audaz manobra,
De seis canhões o fogo intermitencia
Não conhece, não tem....
Moto-continuo
Dos demonios ao primeiro impulso,
Não pára, não tem tregoas o diluvio
Da atroz fuzilaria....
Oh! Céo, não vejas,
Assim, chumbado aos turbilhões de fumo,
Esta scena de horror, em que impotentes

Forão teus raios para esboçar....
Não ouças
Destes multiplos choques de estampidos
Repercussão que o firmamento abala!

II

Oh modelo de heróes, porque não chegas?
Primeiro entre os valentes, porque tardas?
Porque assim te demoras?
Que Vesuvio
Em meio da vereda que contornas,
Tres horas já, os passos te intercepta?
Herval, que esperas? Quem te impede a marcha,
Quando, cortada a retaguarda imiga,
Aqui, Supremo e servos pagarião,
Mordendo o chão, á cargas de bayonetas,
Temeridade e intrepidez?....
Assoma, oh bravo!
Herval, teu posto está vasio, occupa-o!..
Herval, que esperas? — Teu irmão no arrojo,
O denodado Argollo, está ferido!
Gurjão está fóra do combate!....
Corre,
Vem injectar o ardor nestes soldados,
Que envolvidos, sem chefes, quasi hesitão
Entre o panico horrivel de perdêl-os
E da hecatombe o sacrificio inglorio!

É que o inimigo comprehendeu teu plano,
É que o instincto da vida innato aos fracos,
Perto sentindo o vendaval da morte
Que te precede á espada, que fulmina
Raios aos mil a cada vez que a brandes,
Essas victimas duzentas sacrifica
Á meia hora em que de si te afasta!

Mas, onde vais, Caxias? Lá no centro
Da área do combate que troveja
Encarniçado, pelo esforço extremo,
Não viste já tres generaes, que ousárão
Á testa pôr-se, succumbir feridos?

III

Ingratos, zoilos, que aos heróes não faltão,
Que os teve o bravo de Marengo,—as frontes
Curvelinhas, no pó que este ginete
Cavando o chão levanta impaciente,
Do cavalleiro sacodindo as bridas,
Previos, rojai....
Confusos patricidas,
Que sobejárão de Bisancio ao genio
Que do heroismo em premio os olhos perde;
Bem podeis do Abyssinio o zelo em furia
Praticar na tribuna onde inda ha pouco,
Idolatras, saudaveis o luzeiro

Caminhando ao zenith!...
Que o chefe invicto,
Que de vosso desanimo crescente,
De vossa confusão ouvindo o appello,
(Em pouco as isenções, em nada a vida
Sopesando, partira)—aqui pendente
De um movimento só tem sorte inteira
Da patria que—não vós—completa vinga!

Recuão todos? Eil-o, espada em punho,
Vão-lhe as bençãos, Archanjo das victorias;
Que lhe importa a metralha?
—É lá que vibra
Mais certeiro o canhão?—É lá que exangues
Cahirão seus valentes companheiros?
É de lá que os p'lotões, inda cerrados,
Confusos retrocedem, se incravando
Dos seus nas cargas d'aço que os esmagão?
É de lá que este sangue se despeja,
Catadupas, da quéda aos ro'moinhos,
Aos fratricidos golpes augmentando
Cadaveres recalcados, que se empilhão?
É lá que, destendidos em columnas,
Os dous corpos do exercito guarnecem
Desfiladeiro horrivel?
—Da estrategia,
Pois, lá no ponto objectivo estancas,
Caxias, teu indomito ginete....

E o seu proprio piquete carregando
Sobre as muralhas, que a abater começão,
De fundidos leões, — eil-o que falla
Palavras que inoculão fogo e vida
Nas arterias que escaldão de seus bravos!
Eil-o na frente, bem na frente, envolto
Nesses olhares que recobrão vista,
Animados ao sol que se projecta,
P'ra conduzil-os, espancando a morte,
E a cujo fóco os projectis não chegão!

O quer que seja de brilhante, ethereo,
Phosphorescente, mystico, estranhavel,
Que impressiona, que seduz, que anima,
Que scintilla, que céga, que electrisa,
D'aquelle olhar de Lince se desprende
E se converge em circulo contornando
De magnetismo a orbita em que gyra
Aquella fronte, do porvir santelmo
Sempre que a patria em brumas da tormenta
Seu genio evoca aos portos da bonança!....
Ainda mais que o scintillar da espada,
O inimigo aquelle olhar evita,
E se ousa acommettêl-o, a fronte curva,
Pois, se o sorprende, extatico se rende!
Mas teu soldado expande-se em fictal-o,
Porque lh'impregnas desse ardor scentelha
Do bravo n'alma assimillada, e o levas

Aos rasgos do heroismo que elle exhibe....
Não era assim que outr'ora Bonaparte
D'intrepidez prodigios transmittia?

O enthusiasmo e ardor com que os soldados
De Caxias a bravura imitão,
De não visto denodo o exemplo seguem,
Taes forão, que em bem pouco recuando,
Debandado, o inimigo, errante foge....

Ai! Se não tardas, destroçando os poucos
Que de Lopes a estrategia envia
P'ra te deter os passos;
Se ness'hora,
Herval, em que batias, esmagando,
A pequena partida Paraguaya,
Vens cortar do inimigo em tempo a fuga;
Além dos prisioneiros e seis peças,
Além das munições de toda especie,
Entre os mil e duzentos que no campo
Insepultos tamanho arrojo págão,
— Prisioneiro ou cadaver, confundido,
Com tuas mãos palpáras o tyranno!
Com teus olhos, Herval, viras suicida....
Suicida, não! Catão algoz não fôra:
Viras em verme convertido um tigre!

Dos dous corpos do exercito á testa,
Ás posições na vespera conquistadas,
Nas quaes á frente do terceiro corpo
Herval se mantivera, te apresentas!
Nas matas o inimigo, se abrigando,
Acredita que vais travar combate
Contramarchando pelo flanco esquerdo
Os dous corpos do exercito, e mascarando
O movimento do segundo corpo,
De José Luiz sob o commando....
Avante
Levas teu plano contornando o imigo,
O arroio Ipané transpões, e occupas
Elevado terreno, aonde o exercito,
Sem resistencia, abriga-se acampando.

IV

Feita a juncção de todos os teus bravos,
O estrategico e importante ponto
De Valdovino, incolume, atravessas
Até Guarda Ipané, fronteiro á esquadra.
E emquanto a brigada, sob as órdens
De Oliveira Bueno, permanece
No Gran-Chaco, incansaveis monitores
E encouraçados divisão transportão
Do barão do Triumpho e de Barreto.

Lá vão ao toque d'alvorada em marcha
Os tres corpos do exercito....
Pela esquerda
Ao mando do primeiro, forte quasi
De tres mil cavalleiros aguerridos,
P'ra cortar do inimigo a retaguarda,
Que no Avahy quer disputar-te o Passo,
Lá vão.... emquanto que o segundo segue
Pelo flanco direito com mil homens,
Cumprir igual missão, e na vanguarda
De Camara, o valente, se congrega
A quinta divisão de cavallaria.

Já do arroio Avahy te approximando,
Caxias, vês, te interceptando a marcha,
De cinco a seis mil homens das tres armas
Do inimigo em linha de batalha....

Rijo pampeiro desabando estruge;
Dos Céos as cataratas se escancárão;
Mas Herval rompe o fogo, carregando
Com a quinta divisão sobre o inimigo,
E a infantaria do terceiro corpo,
Com tal furor e intrepidez que excede
Dos elementos horridos destroços,
Casando-se o troar dos estampidos
Ao temporal, que indomito esbraveja....
Do cataclysmo funebre consorcio

Ao trovejar de imprecações nos transes
Do agonisante imigo, que abandona
O Passo, que transpoem os nossos bravos....

V

Valente Herval, esses heróes não bástão;
E infantarias do terceiro Corpo
Conduzes á peleja....
—Segue, avança,
Que pelo flanco esquerdo, por seu turno,
Segundo corpo commandando, segue
Caxias, ao combate....
Oh! Nova infausta!
Que vens dizer nest'hora em que renhido
No mais férvido arcar destes valentes
Lhe estancas o ardor?....
De boca em boca
Segredão (para que o não saiba o imigo)
— « Herval está ferido! »
Annuncio horrivel
Veloz perpassa, emquanto além conduzem
Para o hospital de sangue o qu'inda ha pouco
Sacudia, refractario ás balas,
De cada dobra de seu ponxe a morte,
Affrontando os canhões!
Já viste, acaso,
Em noite borrascosa, que te mostra



MARQUEZ DO HERVAL.
(Osorio)

A. de Pinho, fecit



MARQUEZ DO HERVAL.

(Osorio)

A. de Pinho, fecit.

II

Mas essa viva affronta á humanidade,
Novo *Cambyses* no terror e fuga,
De tigre instincto em despota encarnando;
Bi-partido reptil rojado ás selvas,
Que saltitantes fragmentos une,
Simulando em contorções a vida
Que se prolonga ás contracções da morte;
Esse Nero anachronico n'um seculo
De liberdade e luz;
Esse vampiro
Que em sangue se espadana e se apascenta,
Ainda os olhos acende, o dorso enruga,
Aguça as garras, escancara as fauces,
Por guarida — o panico dos servos
Que da hecatombe e tratos lhe ficárão,
Por abatizes — virginaes florestas,
Estrategia — a emboscada do assassino,
Por ultimo reducto — as cordilheiras!....

III

Estava escrito, Gaston, que a tua espada,
Provada outr'ora em campo aberto e raso,
Pasmo de O'Donnel, talisman de glorias,
Penhor dos bravos que teus passos seguem,

Forão teus raios para esboçar....
Não ouças
Destes multiplos choques de estampidos
Repercussão que o firmamento abala!

II

Oh modelo de heróes, porque não chegas?
Primeiro entre os valentes, porque tardas?
Porque assim te demoras?
Que Vesuvio
Em meio da vereda que contornas,
Tres horas já, os passos te intercepta?
Herval, que esperas? Quem te impede a marcha,
Quando, cortada a retaguarda imiga,
Aqui, Supremo e servos pagarião,
Mordendo o chão, á cargas de bayonetas,
Temeridade e intrepidez?....
Assoma, oh bravo!
Herval, teu posto está vasio, occupa-o!..
Herval, que esperas? — Teu irmão no arrojo,
O denodado Argollo, está ferido!
Gurjão está fóra do combate!....
Corre,
Vem injectar o ardor nestes soldados,
Que envolvidos, sem chefes, quasi hesitão
Entre o panico horrivel de perdêl-os
E da hecatombe o sacrificio inglorio!

É que o inimigo comprehendeu teu plano,
É que o instincto da vida innato aos fracos,
Perto sentindo o vendaval da morte
Que te precede á espada. que fulmina
Raios aos mil a cada vez que a brandes,
Essas victimas duzentas sacrifica
Á meia hora em que de si te afasta!

Mas, onde vais, Caxias? Lá no centro
Da área do combate que troveja
Encarniçado, pelo esforço extremo,
Não viste já tres generaes, que ousárão
Á testa pôr-se, succumbir feridos?

III

Ingratos, zoilos, que aos heróes não faltão,
Que os teve o bravo de Marengo,—as frontes
Curvelinhas, no pó que este ginete
Cavando o chão levanta impaciente,
Do cavalleiro sacodindo as bridas,
Previos, rojai....
Confusos patricidas,
Que sobejárão de Bisancio ao genio
Que do heroismo em premio os olhos perde;
Bem podeis do Abyssinio o zelo em furia
Praticar na tribuna onde inda ha pouco,
Idolatras, saudaveis o luzeiro

Da Provisoria direcção do estado
A Bedoya, Loisaga e Rivarola:
Triplice protesto d'honra e autonomia,
De independencia e liberdade, ao mundo.
Em nacional suffragio, garantindo
A liberal politica do Imperio,
Em confusão e opprobrio dos bastardos
Que conturbar, sacrilegos, pretendem
Sagradas intenções, nobres impulsos,
Uniformes anhelos de tres povos
Que, n'um concerto generoso, o pacto
D'alliança fraternal chancellão!

Transportes de prazer, effluvios d'alma
Effervescencia em delirantes gozos,
Em vão tentáras descrever, oh Musa,
De um povo em cativeiro sepultado,
Que, aos triumphos de heróes da liberdade
Que o craneo esmagão da infernal serpente,
Resurge, como Lazaro, da tumba,
De Christo á voz remindo a humanidade....
De um povo que sacode de seus pulsos
Grilhões do phanatismo, que transforma
Em ser irracional, abjecto, espurio,
O prototypo do Archetypo dos Orbes;
De um povo que restaura o livre arbitrio,
Constituido assim nos proprios lares,
Dos quaes banira-os o terror de um despota....

De um povo errante, foragido, exhausto,
Que ás privações em mumias convertido,
Dedicação servil muito expiára
Na sevicia e cutello dos carrascos
Do proprio dictador que idolatravão!

VII

Lugubre espectro que exterminio e luto
Em torno espalhas, onde quer que surjas;
Mansenilha infernal em fórma d'homem,
Cujo halito pestifero envenena
Um povo inteiro que abrigaste á sombra;
— De Talião vai-te alcançar castigo
Onde quer que, — verdugo —, o peito, o craneo,
Tocar-te a mão do servo transmudada
De severa justiça agora em dextra
Executando a lei de que és bandido
E traidor declarado nos dominios
Qu'inda profanas, dos quaes foste expulso....
— Traga essa gotta extrema, liba as fazes
Amargas, corrosivas, que hão de eternas
O panico infiltrar-te dos remorsos,
Propinadas por mãos dos que seguião-te
Para outr'ora immolar-nos, a teu mando,
Os quaes, — de imigo atroz da humanidade
E assassino da patria — sobre a fronte
Perante o mundo imprimem-te o ferrete!

VIII

Vieira Souto, Ramos, Avelino,
Sabino, Gomes, Cruz, Toledo, Ribas,
Godinho, João de Deos, Netto, Moreira,
Do quinto corpo os denodados bravos
De Caçadores a Cavallo, estréão
D'ardimento prodigios, se arrojando
Sobre a linha de duzentos homens
De infantaria imiga, que os envolve,
De *Patinho--Cuê* no encontro horrivel,
E os destroção, rompendo....
—Assim, Baptista,
Intrepido sargento quartel-mestre,
De pé, morto o ginete, espada em punho,
Nesta epopéa, teu valor registra!

IX

Mil e duzentos homens das tres armas
Que do grosso do exercito de Lopes
Se isolárão fugindo em retirada
Em direcção ao rio *Aguarancky*,
Valente Conde d'Eu, prestes ordenas
Que as forças existentes no *Rosario*,
Segunda divisão de Cavallaria,
A decima brigada da mesm'arma,

Duas bocas de fogo de montanha,
E um batalhão de Infantaria ás ordens
E ao mando do heróe Corrêa Camara
Para os bater marchassem....
— Já sibilão
De *Tupium* no *Passo* de teus bravos
As primeiras metralhas, surprendendo
A força imiga, que, tentando em balde
Transpôr o rio, em linha se prolonga.
Forçada a resistir; e cujos flancos
Apoia da direita em mata espessa,
Se entrincheirando n'um cercado á esquerda.
Invulneravel por banhado extenso.

Na avidez da peleja, os nossos bravos.
Do combate nos soffregos anhelos,
Sobre o inimigo arrojão-se de chofre,
Transpoem banhados, e o contacto sentem.
(Cravando as lanças no furor do assalto)
Da cerrada columna do inimigo
De caladas bayonetas, de espingardas,
Que, fuzilando, em peitos nús se encravão....
Tão velozes atirão-se precipites,
Que de avançar e carregar aos toques
Os hymnos da victoria se confundem!....

Aguaranchy! alastrão já teu leito
E a flux das rubras aguas centenares

De vencidos que a morte em ti preferem
Ao duro chão da arena, onde ficárão
Destendidos cadaveres quinhentos,
Trezentos prisioneiros, doze peças,
Trinta e quatro carretas, tres bandeiras,
Munições e armamento que completão,
Oh GASTON d'ORLEANS, os teus triumphos;
Tropéos que alli o teu valor consagrão,
Corrêa Camara, em tão brilhantes feitos,
Que as portas abrem da tortura horrivel
Ás multidões das victimas da fome,
Tupipitan, te abandonando, e em grita
Bemdizendo aos heróes que as libertárão!

X

Menna Barreto, é teu destino á patria
Votar teu sangue, emquanto circular-te
Nos capillares uma gota ainda!....
José Soares, e Godinho, e Vasco,
Bento Martins, intrepidos e bravos,
Tão bravos como tú, teus passos seguem
Na expedição que mais brilhantes louros
De *Jejuy* aos fastos augmentando
Conduz á *Villa-Rica* esses valentes
Para as familias que o verdugo immola
Trazer da patria á capital, illezas....
Não consultes dos martyres horoscopo,

Não, guerreiro, no supremo instante
Em que, comtigo, exemplo aos seus soldados,
Gaston seu peito aos projectis descobre!

Assim! — Arrasta de vencida o imigo
Nesse encontro fatal aos que succumbem
A teu denodo e aos golpes dos teus bravos
Em mais uma Tarpéa do tyranno,
Desfiladeiro — imagem do declive
Em que ao nada velozes vão-lhe a força,
O prestigio e o terror!....
— Jazem de envolta,
Sapucahy, no sangue que te innunda,
Do proprio commandante desses servos
Que inda do algoz as ordens obedecem,
Craneo e tronco rolados ao sepulchro....

Algoz, ruga-te a fronte macilenta
Da insomnia a febre a requeimar-te o cerebro,
E resistes? E nem rasgaste o peito,
Ao menos no suicidio suavisando
Decepções que umbraes abrem do inferno?!
Sem tregoas estes choques, já terião
Te fulminado em congestões, se acaso
(Aberração da natureza humana)
Não tiveras de abutre nos instinctos
Do coração galvanisado as fibras....

— Olha como em cardumes, desvalidas,
Andrajosas mulheres de teus servos,
Que com seus filhos hoje se alforrião
Aos milhares do teu supremo jugo,
De *Ibitimy* penetrão territorio
Que foi teu, — dictador —, e pressurosas
Ás bandeiras se abrigão dos que seguem
O teu rasto de sangue, p'ra esmagar-te!

Já chegando dos nossos a vanguarda
A *Tebicuarymi*, que está de nado,
Dura marcha aggravada retrocede,
Quando os passos lhes corta do inimigo
Artilhadas trincheiras, procurando
Interceptar da retaguarda as forças....
Voltar, correr sobre a muralha ardente,
E tomal-a de assalto, sobre a arena
Mais de duzentos mortos arrojando,
Foi o calculo, estrategia, o plano, o feito
De João Menna Barreto e de seus bravos,
Que os estandartes do inimigo empunhão!
E emquanto estes heróes assim seus nomes
Das victorias nos annaes registrão
Dos nossos a bravura, — destruindo
Ibicuy, converte emporio em cinzas,
Arrasando officinas do tyranno,
E a intrepidez dest'arte completando
De Coronado, o heróe, que executára

A mais ousada expedição, provando
Das forças alliadas a bravura!

XI

Voltas de novo ás lides da peleja,
Predestinado genio das conquistas
Dos louros mais explendidos colhidos
No pleito d'honra que te vio, primeiro,
Transpôr do imigo o sólo!....
— Voltas inda
Sangrando o ferimento que prostrou-te,
Oh Visconde do Herval, quando excedias,
— A lança em punho —, de valor prodigios
No memoravel Avahy!....
— « Bemvindo! »
Eis a palavra, a saudação que escutas
De GASTON D'ORLEANS, que a mão te aperta
Nessa effusão que articular mal podem,
Impotentes, os labios que se cosem,
Porque as grandes emoções transmittem
D'alma a eloquencia aos corações qu'expandem-se;
Depois o peito cinge-te nos braços,
Emquanto Polydoro, invicto, o amplexo
Te estreita por seu turno em frente aos bravos
Que, em brados de solemne enthusiasmo,
— « Bemvindo » — Herval, dez mil repetem juntos!

XII

Portinho! que jornada gloriosa
Nos vinte e cinco dias devorados
Sob a pressão de permanentes aguas,
Novo diluvio a te baldar esforços,
Do *Paraná* na horrida passagem
Desde *Itapúa* e *Candelaria*, ovante,
Já no *Tebiquary*, no *Jara-passo*,
Consummaste na estrada de triumphos
Conduzindo a columna a teu commando!

Mascarenhas, Serafim, Fagundes,
Gabriel, Cunha Mattos, João da Gama,
Raymundo, Jayme, Eusebio da Fontoura,
João Leopoldo, Bento, Alves de Almeida,
José Propicio, Fileno, José Teixeira,
Mattos Rodrigues, — que brilhantes feitos
Desta guerra nos mais brilhantes fastos
Na historia patria burilar soubestes!....
As forças de Romero fulminando,
De Bernal desbaratando as tropas
Atravéz de banhados e atoleiros,
Profundos rios, matas seculares,
Emmaranhadas, cheias de armadilhas,
Do Paraguay no coração fizestes

O auri-verde pendão da liberdade
Tremular vencedor, symbolisando
Redempção de milhares de infelizes
Que em seus lares bemdizem vossos nomes!

XIII

Em *Tacuaty* Canete derrotado ,
Batido por Martins , alfim se entrega
Em *Iguassuruguá* já prisioneiro
Com os bravos que conduz....
— Parte ligeiro
A *Chiriguelo* — heróe — e ao monstro impede
A evasão precipitada ao *Apa*....
Bento Martins vai sorprender o tigre,
Emquanto Camara — denodado — segue
De *Conceição* partindo ao *Rio Verde*,
De gloria estrada abrindo ao *Panadero !*
— Vai, oh bravo, cercar o fugitivo,
Que Gaston d'Orleans — infatigavel —
De *Igatemy* na direcção transpondo
Accidentado sólo, invias florestas,
Até *Cerro-Corá*, persegue o abutre
Que ás regias mãos se renderá, colhido!

Valente Moura, percorrendo, ousado,
Maracajú, quem jámais viu como essa

Horrida scena de *Espadim?*
Rojados
N'um chão-sepulchro d'esqueletos vivos,
(Cerrados labios, descarnadas faces,
Inertes membros nús, encarquilhados)
De filhos multidões, de pais, de esposas
Innumeraveis legiões, — volvendo
Amortecidos, supplices olhares
Da fome e sede no ultimo martyrio?!...
Quem já, depois do Verbo que se encarna
No regeitado Filho da Judéa
Que a maldição da Lei na cruz cumprindo
Resgata á morte eterna a raça inteira,
Mais alto erguêra a magna virtude?
São mil os fulminados, e consegues
Ainda um terço salvar dos que transpirão
De vida um resto ás palpebras pendente!...

Nefando monstro, como póde a terra
Teu peso ainda supportar?
— Oh Lopes,
Terribil aquilão, *simoun* de fogo,
Passaste alli, torrificaste as selvas.
Onde prostrados pela fome expirão
Teus esqualidos servos aos milhares....
Cyclone d'Asia asphyxiando um povo
No proprio sangue que por ti vertêra,
Automato, servil;
— *Causin* do inferno,

Por onde quer que percorreste, as zonas
Juncaste inteiras de insepultos corpos
De teu trajecto as pégadas marcando,
Cordilheiras d'ossadas que designão
Um novo báratro a occultar-te ao mundo !...
E não te fazes inda das montanhas
Valazé da Gironda? E tu contemplas
De *Rio Verde* a ultima trincheira
Presa do assalto intrepido do bravo
Silva Tavares, no momento extremo
Em que Candeço, o chefe dos Rifleros,
Com seus soldados, teus fieis, se entrega,
Ness'alma,—transfuga—o punhal cravando
D'aziaga traição ?....
E te não fazes
Lebas, ao menos, vendo surprender-te
Dos derradeiros bastiões,—vedetas,
Espias, atalaias,—a bravura
De Perez, esse herôe dos Vaqueanos,
Outr'ora a soldo teu, servo da gleba,
Hoje incansavel te seguindo os rastos
No mutuo empenho d'honra da Alliança
De te banir, leproso, de enxotar-te
Hydrophobo mastim, se ávido foges,
Ou, se persistes infectando as brenhas,
De expurgar com teu sangue o chão da patria?!

SETIMA PARTE

VI

Guerreiros, emquanto com o sangue das veias
Tingieis areias de estereis caminhos,
A terra da patria, na ausencia de braços,
Productos escassos brotava entre espinhos....
Finanças da patria — abysmo insondavel
Sugava, execravel !... — Qu'importa, guerreiro,
Si assim 'stava escripto por Deos, que abençôa
Destinos da C'rôa, pendão Brasileiro ? !...

VII

Que é de um governo phanatico, hostil?
Calcaste, oh Brasil, serpente maldita!....
Hosannas, soldado,
De glorias portento !
Tu foste instrumento
De um Deos insultado,
Severo, Supremo,
Que a um monstro blasphemo n'um cahos precipita !

VIII

Si á fome rendido, além se apartára
De seu juramento, fugindo á bandeira
O heróe voluntario,
Bom filho, bom pai, exemplo de esposo,

São elles mesmos!... Não tens dons que bastem
D'ovações em quilates a pagar-lhes
Cicatrizes do sangue que vertêrão
Nas devezas inhospitas rojando
Aguerridas phalanges Paraguayas!

Resume, oh patria, as effusões de gozo;
Concentra d'alegria os teus transportes:
Para a expressão de estasis e arroubos,
Só tens um'hora, nada mais te é dado
Em permuta de um lustro de victorias
Que em torturas teus heróes te off'recem!...
Louvores estrepíta aos teus guerreiros,
Tua expansão levada á effervescencia
Mais que justiça, gratidão, tributo,
É um dever sagrado, imprescriptivel,
Que só transfere um povo escravo, indigno
Dos fóros que estes bravos vindicárão!

—São elles mesmos!...—peregrinos d'honra!
Apostolos do progresso!—Missionarios
Da liberdade!—Nuncios do direito!
Patriarchas da igualdade do homem
Perante a Lei Suprema, que alforria
Do phanatismo automatos cativos!...
—São elles mesmos!...—inclytos soldados,
Que desde *Paysandú* e *Uruguayana*,
Sem descanço, sem tregoas, sem repouso,

D'encontros mil, intrepidos, sentirão
Horriveis choques de inimigas hostes
Que a seus irmãos (cem mil!...) no chão prostrárão,
Que de ossadas se alastra além d'*Ascurra!*

II

São elles mesmos!.... No invadir da patria
Sagrado sólo, qu'estremece agora,
Bem se conhece quem trophéos calcára:
São elles mesmos, que abraçaste outr'ora!

Quem, sobranceiro, a macilenta fronte
Assim levanta, em continencia ao Rei,
Sinão guerreiro que aos penates volve,
Martyr da patria p'ra salvar-lhe a grey?

Avido olhar interrogando as turbas,
Buscando um rosto que se alague em pranto,
Assim só fita, no regresso, o bravo
Que á dôr d'ausencia soluçára tanto.

São elles mesmos!... Ninguem mais soubera
Após um lustro de tão nobres feitos,
Restituindo o Pavilhão vingado
Inda em correias comprimir os peitos!

Dôres, martyrios, privações, tormentos,
Fadiga, insomnia, disciplina austera;
—São elles mesmos que no Sul provárão,
Das *Cordilheiras* perseguindo a féra!

III

Si ha gozo ao que volve de plaga remota,
Que exalta, qu'inspira
A heroico soldado,
Que á paz se retira,
É vêr congrassar-se a um Rei patriota
Um povo que assim compensa, exaltado,
Em vivas, os bravos
Que rójão por terra,
De um povo d'escravos
Tyranno, verdugo, vencido na guerra!

Cingi de verbenas, saudai com transportes,
Decrepitos pais, filhinhos, consortes,
Dos bravos irmans,
Aos que hoje regressão!
Pagai patriotismo
Em preito, ao valente Gaston d'Orleans
De quem seus guerreiros, d'ardor, d'heroismo
Prodigios confessão!

Oh Rei! não existe em todo o universo
Poeta que em verso
Heroico, sublime,
Revelle emoções
D'ess'alma que sangra, que folga, qu'exprime
Um mixto de hosanas, de carme sagrado,
De mil gratidões
Ao bravo soldado
Que heroico exerceu
Sublime vingança....
Que tanto soffreu
Por Ti, pela patria, honrando a ALLIANÇA!

IV

—São elles, que mil combates ferirão,
Que a OSORIO seguirão com tanta bravura!
—São elles, que ousárão á voz de Caxias,
Pendão, baterias render d'*Angustura!*

—São elles!...—Seus olhos em fogo empanados....
Seus rostos queimados...:—lá trazem comsigo
Poema, epopéia dos mais altos feitos
Escriptos nos peitos com ferro inimigo!

D'espadas os gumes, de polvora explosões,
De balas milhões, de lanças trincheiras:
—São elles, que heroicos, oh patria, affrontárão,
Que a injuria vingárão d'aquellas bandeiras!

V

Entrai, guerreiros, que este povo em festa,
De louro e palmas vosso gladio enfeita....
Não tenhais medo, que nem sempre ingrata
A patria os filhos, qual madrasta, engeita !...

Mas, si é possivel que do sol os raios
Offusque a nuvem, que ligeira passa ;
De fel, si é dado distillar a musa
Uma só gotta do prazer na taça;

De heróe Caxias qu'indisivel pranto
Tolde, conturbe tão solemne esta hora....
Ethereo orvalho que o astro-rei distilla
Para o baptismo universal da aurora !

Ha um MARTYRIO, que concentra as dôres,
Que lentas sangrão n'um pungir eterno;
Que ao suportal-o, o proprio Deos, — arcanjos
Em seus calabres sepultou no inferno:

É quando um bravo encanecido em glorias,
Que além fulmina um dictador vencido,
Volvendo á patria, á surprendeu dormindo
No ferreo leito de infernal olvido!

VI

Guerreiros, emquanto com o sangue das veias
Tingieis areias de estereis caminhos,
A terra da patria, na ausencia de braços,
Productos escassos brotava entre espinhos....
Finanças da patria — abysmo insondavel
Sugava, execravel!... — Qu'importa, guerreiro,
Si assim 'stava escripto por Deos, que abençôa
Destinos da C'rôa, pendão Brasileiro?!...

VII

Que é de um governo phanatico, hostil?
Calcaste, oh Brasil, serpente maldita!....
Hosannas, soldado,
De glorias portento!
Tu foste instrumento
De um Deos insultado.
Severo, Supremo,
Que a um monstro blasphemo n'um cahos precipita!

VIII

Si á fome rendido, além se apartára
De seu juramento, fugindo á bandeira
O heróe voluntario,
Bom filho, bom pai, exemplo de esposo,

Atado á cadeira,
De morte, affrontoso
Processo summario
De LIPPE a sentença o heróe fulminára!....

IX

Pois bem: — teus filhos que aqui 'stão provárão,
Fieis suportárão
Fadigas sem termo,
Fidelidade que lhes deu renome,
Tormentos sem nome,
Horror sem medida,
Do Paraguay no paroxismo extremo
Ao dictador levando de vencida!

X

Dá ao soldado não sómente asylo,
Mas tudo aquillo que o dever encerra
De gratidão!
P'ra que não vejas andrajoso, pobre,
Quem foi do Nobre defender na guerra
Patria e brasão,
Um dia na estrada, — mendigo, prostrado,
De dôr suffocado, em pranto desfeito,
Pedir-te uma esmolla, — heróe de batalhas —
Cobrindo as medalhas que adornão-lhe o peito!

OITAVA E ULTIMA PARTE

Volta, Caxias, que completa, inteira,
Cumpriste, vencedor, toda a missão,
Desde que Lopes, pela vez primeira,
Derrotado confessa-se á Nação.
Qu'importa qu'inda hostil, na Cordilheira,
Dos feridos convoque a legião,
Se ante o mundo, — cobarde e foragido —,
Por teu valor proclama-se vencido?

Vem ouvir como os que na impaciencia,
Da saude em quarteis, te hostilisavão,
De teus feitos curvados á evidencia,
Quebrão pennas qu'injurias distillavão!
Da ingratidão bem sei que a irreverencia
Com que de teu prestigio duvidavão,
Uma vez praticada, qualifica
O martyrio do heróe que santifica....

Que á traição o inimigo se rendêra
Da insurreição na luta á presidencia,
Do Tratado, que tanto pretendêra,
Não te póde caber a imprevidencia.
Nesse estudo que o genio teu colhêra
Confessas do inimigo a resistencia;
E os que errárão em falsas previsões
Atirão-te á franqueza os seus baldões!

Aos milhares extinctos teus soldados;
Em invalidos milhares convertidos;
Por centenares de milhões contados
De teu thesouro os fundos exhauridos;
Agricolas emporios roteados
A matagaes estereis reduzidos:
Eis, oh patria, os tributos que um sicario
Te impôz á agricultura, ao povo e erario!

Porque não revelaste, oh Providencia,
Nosso porvir no horror deste presente,
Quando Lopes, nos vendo a imprevidencia,
Recursos augmentava lentamente?
Quando, p'ra nos calcar a independencia,
Para o saque da indefesa gente,
Ia a vinte mil homens ordenar
Matto-Grosso e São Pedro conquistar?

Porque?.... Perde-se a musa nos mysterios
Dos decretos que em vão te quer sondar....
A Ti, oh Creador dos hemispherios,
Póde o vaso de argila interrogar?
Tu, que tens os destinos dos imperios,
Tu, que sabes aos justos exaltar,
Assim quizeste, p'ra que mais notoria
A justiça nos fosse na victoria!

Assim quizeste! é certo.... muitas dôres
Brasileiros aos mil no pó curtirão....
Da viuvez e da orphandade horrores
Ainda ahi 'stão no luto que vestirão....
Da triplice alliança Mitre e Flores
Muitos bravos e heróes tambem carpirão....
Mas quem póde sondar os beneficios
Que nos virão de tantos sacrificios?!

Nosso brio insultar, tão facilmente,
Os que o fizerão o não farão agora....
Pelas forcas caudinas, reverente,
Não passa quem pendão tão alto arvora.
E se mais represalia, iniquamente,
Rebocar nossos vasos barra-fóra,
Da esquadra heróes já temos bem provados
Em castigar insultos arrojados!

Quantos soldados e marujos tens,
Resto, sombra fugaz da tyrannia?
Riachuelo, vingando os que em refens
Nos tomaste na atroz pirataria,
Revelou quanta fama e quantos bens,
Honrando deste Imperio a primasia,
Nos ficavão da luta agigantada
Que a nação nos tornou mais respeitada!

Politica, que vais atrophiando
A seiva do progresso em seiva de odio,
Respeito ao que da guerra no commando,
Novo Alexandre, alfim, corta o nó gordio!
Angustura não vês, capitulando
No incruento e explendido episodio,
C'roar a fronte desse heróe guerreiro,
Em preitos ao Imperio Brasileiro?

Do algoz ferido, á turba enfurecida
Que em torno do patibulo se congrega,
Na mão, que estanca o sangue da ferida,
A preza mal segura, que se entrega,
Sentindo que lhe escapa, e nella a vida,
O mal seguro golpe descarrega;
Já viste, a seus irmãos resuscitada,
Receber de seu chefe nova espada?

Tal se humilha e se abate essa panthera
De nossas glorias atterrada aos factos....
Partindo ás mãos as garras dessa féra,
Tal escapa ao martyrio Cunha Mattos:
Tal Caxias, que em justiça impera,
Galardoando de bravura os actos,
Cede um commando, e transportado abraça
O bravo que as algemas despedaça!

— « Andrade Neves, inda é cedo, e spera! »
— « Fatalidade, o teu decreto addia! »
Em vão brada o Marquez, tu és severa,
Inexoravel, impassivel, fria!
Gellada fronte pela morte austera,
D'onde o triumpho perennal pendia,
Lá 'stá, de quem Caxias, que o exaltava,
Bravo dos bravos em chamar se honrava!

De cem combates vencedor voltando,
Eras heróe na ultima batalha,
Peito a peito com o inimigo arcando,
Ordem, preceito impunhas á metralha....
Agora, á lei suprema te curvando,
Guerreiro, esconde os louros na mortalha,
E, em vez dos hymnos da victoria, escuta
O funeral da patria, que se enluta!

Porto Alegre, São Borja, Jaguarão,
Pelotas, Itaqui, São Gabriel,
Toldai com prantos publica ovação,
Que o bravo já libou da morte o fel!
Vós que o vistes vencer, aonde estão
Sua lança, revolver, seu corcel?
Amigos, filhos, patria e a companheira
Tudo lhe abrange a morte na bandeira!

Defendeu-a tenazmente em vida,
Foi seu phanal nos campos da peleja;
Agora é justo que ella, destendida,
De seu cadaver a mortalha seja!
Ninguem virá carpil-o na jazida,
Que fluctual-a na Assumpção não veja:
Assim jurára, e assim cumprindo a jura
Ascende heróe, descendo á sepultura!

Desce, desce!.... Teu bravo chefe e amigo
Dá-te a porção de terra tributaria....
Ai! onde encontra aquelle peito abrigo
A dôr, na despedida funeraria,
Com que te aperta em sepulchral jazigo
Essa dextra d'irmão, que, temeraria,
Valeu-te o titulo d'honra que timbrava
A triumphante espada que empunhava?!

Por lei que lhe é congenita, devia
Conturbar-nos as glorias, Assumpção,
Mudando em sons funéreos a alegria,
Ao plantar-lhe o Brasil o seu Pendão.....
Joelho em terra, em torno á lage fria
Com que esse bravo veio honrar-te o chão,
E sobre o tumulo seu trophéo levanta,
Paraguay, a quem ferros te quebranta!

Volta, Caxias, que completa, inteira,
Cumpriste, vencedor, toda a missão,
Desde que Lopes, pela vez primeira,
Derrotado confessa-se á Nação.
Qu'importa qu'inda hostil, na Cordilheira,
Dos feridos convoque a legião,
Se ante o mundo, — cobarde e foragido —,
Por teu valor proclama-se vencido?

Vem ouvir como os que na impaciencia,
Da saude em quarteis, te hostilisavão,
De teus feitos curvados á evidencia,
Quebrão pennas qu'injurias distillavão!
Da ingratidão bem sei que a irreverencia
Com que de teu prestigio duvidavão,
Uma vez praticada, qualifica
O martyrio do heróe que santifica....

Que á traição o inimigo se rendêra
Da insurreição na luta á presidencia,
Do Tratado, que tanto pretendêra,
Não te póde caber a imprevidencia.
Nesse estudo que o genio teu colhêra
Confessas do inimigo a resistencia;
E os que errárão em falsas previsões
Atirão-te á franqueza os seus baldões!

Porque sangrar não hade aos dissabores
O coração do heróe que se extasia
Sonhando hosannas e acordando ás dôres
Da ingratidão, aos tratos da ironia?
Se o condor que se tinge d'explendores
Do sol que fita em face, em claro dia,
Tambem, ferido, sobre o sólo adeja
Se o vôo lhe corta o projectil da inveja?!....

Já projectou-se a sombra de um gigante
Sem que os pygmeos a não calcassem?
Já virão louro em genio triumphante
Sem que subtis espinhos disfarçassem?
Já virão o Astro-Rei surgir brilhante
Sem que idolatras do Sol o apedrejassem?
Teu triumpho, Caxias, completaste
Quando tambem da inveja triumphaste!

Que orgão vital ficou compromettido
Na affecção que prostrou-te, finalmente,
Quando ás plantas calcavas, destruido,
Do Paraguay terror omnipotente?
Foi de emoções teu coração ferido,
Ou d'ingratos lacerou-lhe o dente?
Deos, que o sabe, te preserve a vida
Que hoje pertence á patria agradecida!

É tempo! volta! Que se a longa ausencia
Por triumphos, oh Bravo, assignalaste,
Vendo o quanto arriscavas a existencia
Nos pleitos, que em pessoa te empenhaste,
Mais crescia de vêr-te a impaciencia
Da saudade, nos trances, que deixaste
A patria, que assim tanto estremecia
Por ti, que desta sorte se exprimia:

« Como não 'stá seu peito extenuado
« Desse ardor que a bravura aos seus instiga!
« Ter-lhe-hão subtil veneno innoculado
« Pestiferos paúes da terra imiga?
« Como o seu rosto não 'stará sulcado
« Dos signaes indeleveis da fadiga! »
— Quem teve em zelo, assim, que amor exprime,
Da patria em vêl-o esta avidez sublime?

Volta, Caxias, que na acção cruenta
Com que de um povo o dictador fulminas,
Nem mais de seu terror vestigio ostenta
Se quer um só dos Fortes, em ruinas!
Volta, que a esquadra, que o valor te augmenta,
Conduz da guerra, que afinal terminas,
A Matto-Grosso as novas que mandaste
De que a seus filhos n'Assumpção vingaste!

Marquez! — Que titulo d'honra te compensa
Espada que em valor se fez primeira?
De civicos labores gloria immensa
O Senado não deu-te uma cadeira?
Que posto, Marechal, em reçompensa
Te póde dar a C'rôa Brasileira,
Que de seu fundador Pedro Primeiro
Já te deu a Gran-Cruz d'heróe guerreiro?

Mas, modesto, não queres, no regresso,
Sentir de um povo a febre da ventura....
Do enthusiasmo nunca visto excesso,
Saudando o heróe de Lomas e Angustura....
Da noite vens, envolto em manto espesso,
Que importa? — Se a medalha de bravura
Ao peito vencedor prender-t'a quiz
Augusta mão da Excelsa Imperatriz?

Caxias, vê n'uma tal honra o quanto
Mereces.... Das mercês todo o thesouro
Conquistado já tinhas, e no entanto
Da patria foste inda vingar desdouro!
Guerreiro, ha mais um titulo sacro-santo
Que val mais que o mais virente louro:
Titulo que abrange, na razão divina,
Os seculos do infinito aos quaes domina:

É essa immensa e publica expressão
D'expontaneo prazer e f'licidade
Com que te acclama inteira esta nação,
Com que te felicita a Magestade!
Este dom, que se chama gratidão,
Influxo, emanação da Divindade:
Erupção de amor em lava ardente
Que um heróe crepitar póde sómente!

Saúdão-te d'America — o primeiro,
De Norte ao Sul! — Escuta, oh Genio, escuta
Como este povo diz — « Salve, guerreiro,
« Tua espada, em vingar-nos, resoluta! »
Quem de tal gratidão se faz herdeiro,
Quem seu prestigio em gloria assim permuta,
Da patria, que vingou tão nobremente,
O destino na espada traz pendente!

Brasil! de teu brasão, para memoria,
Sob os teus estandartes desfraldados,
Abrangendo-te os trophéos de gloria
Em metralhas e obuzes empilhados,
Accrescenta estes louros de victoria
No café e no fumo entrelaçados;
E, para estimulo á geração vindoura,
Na base os instrumentos da lavoura!

Emquanto immigração pedes, Brasil,
Que arranque á terra uberrima os productos,
De teus filhos o sangue em plaga hostil
Foi alagar de um despota os reductos!...
Quando novos terás braços cem mil
Das ferteis varzeas recolhendo os fructos,
Tantalo da fortuna, condemnado
Á plectorica morte, aos pés do arado?

Vem depôr em teus lares, ó vedeta,
De teu posto o conquistado louro....
Voluntario, desarma essa bayoneta,
Aos arsenaes devolve o teu pelouro....
Transforma tua espada em picareta,
E em vez de sangue rasga as veias d'ouro:
Mostra as riquezas ás nações estranhas
De teu sólo encubadas nas entranhas!

Perennes fontes d'agua adocicada,
Rasgando o chão, refervem crystallinas,
Ou de um milhão de Orebs emanada,
O viço abrilhantando das collinas!
De leite e mel a terra annunciada
Do Evangelho nas paginas divinas,
Vinde vêr, caravanas do Oriente,
Niágaras rolando eternamente!

P'ra construir de leguas em extensão
Quatro vezes cem mil tu tens madeira;
Tem d'extinguir-se humana geração
Primeiro que tua ultima pedreira....
Das minas pódes fornecer carvão
Do orbe a toda industria e armada inteira,
Que p'ra muito invejarem teus destinos
Bástão vêr-te os terrenos diamantinos!

Dos alados cantores variegadas
Pennas de ouro cobrem teus pomares;
Qualidades de peixes não contadas
Vio-te Agassiz nos rios, novos marès!
Serras, rompendo os céos, alcantiladas,
Contém de caça especies aos milhares;
E deste immenso Eden todà a esphera
Reverdece em constante primavera!

Vem, guerreiro, trocar por teu fuzil
A carnaúba, a copahyba, o cravo;
Olha a baunilha, o fumo, o páo-brasil;
Borracha, couro, charque, em mão d'escravo....
Canna, algodão, café, cacáo e anil,
Vem tu nos libertar, da guerra ó bravo!
Já foste heróe,—um Creso faz-te agora;
Na paz riqueza sem limite explora!

De dous povos se ostenta á luz do dia
Fraterno amor em publica evidencia:
D'antagonica, rival autonomia,
Mutuo amplexo depois da independencia!
A virtude apontada em primazia
Pelo Verbo que encarna a diva essencia
Aqui se expande, em prol da humanidade,
Em multipla constante caridade!

Da patria de Camões os nobres filhos,
Que dão-lhe equestre pedestal de gloria,
Mendonças, Herculanos e Castilhos,
Leaes, erguendo nos annaes da historia,
Nos comicios da eloquencia aos brilhos,
Brasil, já consagrárão-te a victoria
Nos emboras que o Atlantico atravessa
D'ovações nessa explendida remessa!

Do trabalho, correi, cosmopolita,
Das procedencias do universo inteiro,
Ao Continente onde a abundancia habita,
Da liberdade emporio verdadeiro!
Aqui no amor, na paz, vos felicita
Constellação brilhante do Cruzeiro!
Aqui offrece exemplo aos reis do mundo
De virtude e saber, —Pedro Segundo!



VISCONDE DE PELOTAS

(Correa da Camara.)

Aqui do povo seu recebe hosanna,
Em ovações d'indescriptivel festa,
Rei, que atrophia em plaga Americana
Dictadura que ao velho mundo infesta....
Aqui a morte, alfim, da féra hyrcana,
D'um rei a honrosa pertinacia attesta
Com que a ingloria paz c'um monstro engeita,
Que, até ferido, a rendição regeita!

Mas por que trôa assim, subitamente,
Sem tregoas, a festiva artilharia?
Que gloria,— embandeirado — e velozmente,
Britannico vapor nos annuncia?
Por que em fumo se tolda este ambiente?
Por que a noite se transforma em dia?
Por que d'um — VIVA — unisono o transporte
Resume as saudações d'um preito á — MORTE?! —

—Porque, rasgando o ventre de Agrippina,
Nero os crimes resume do tyranno!
Porque resume a infamia *Messalina;*
Tiberio e *Claudio*, o vicio o mais insano!
Resume o despostismo *Catilina;*
A crapula resume *Galeano;*
Cómmodo, o instincto atroz, impio, perverso;
Severo, os crimes todos do universo!

—Porque a fama de algoz da liberdade
Resume *Scyla*, em sete mil caveiras;
Caligula resume a atrocidade;
Macrino o horror de gerações inteiras!
—Porque *Attila* resume a iniquidade;
Resume *Arbues* tres seculos de fogueiras;
—Porém LOPES, — dirá a historia um dia,
Que em si estes carrascos resumia!

Teu filho, o coronel, junto a Caminos,
Cahirão ao estampido qu'inda echôa....
Da victoria alliada escuta os hymnos;
São derrotados Cavallero e Rôa....
Lynch e seus filhos vão cumprir destinos
De traidores, que a patria amaldiçôa....
E tua mãi e irmãs, já condemnadas,
Forão por nós da morte libertadas!

Oh féra assaz vencida, e prosternada!
A que auge não levaste a tyrannia,
P'ra que engeites, n'um golpe dessa espada,
O indulto que Camara te off recia!....
Ao desarmar-te um bravo,—trucidada
De remorsos não foi ess'alma impía?
Disseras — não —, e sangue mais pediras,
Traduzido esse arranco com que expiras!

« Não matarás. » Eis mandamento eterno,
Da Lei nas taboas a Moysés firmado,
Quando, na sarça, pelo Sempiterno,
Foi do Sinai concerto promulgado.
Mas, p'ra calcar a serpe vil do inferno,
O homem-Deos, no Eden revelado,
Condemna a espada, e diz ao mundo inteiro,
Que morra á espada quem ferir primeiro.

Gaston, tu foste o heróe predestinado
Para o craneo esmagar da serpe hirsuta....
Tu,— conceptor do plano o mais ousado,
E Camara, — o fiel braço que o executa!
Tens inda um bravo mais,— simples soldado,
Que te sagra a vingança resoluta:
— Francisco, que ao primeiro que ferio,
Matando assim, de um Deos a lei cumprio!

Peribebuy, Gaston, bem manifesta
De teu valor nos déu toda a medida,
Quando em combates, dos heróes á testa,
Ás metralhas expuzeste a vida;
E tinhas nesse ardor, que o mundo attesta,
Guardando-te a existencia estremecida,
Da armada um bravo, intrepido soldado,
Illustre, heróe, fiel Mendes Salgado.

Peribebuy, Gaston, foi-te a sublime,
A mais honrosa pagina de gloria;
O vaticinio que esta paz exprime;
Prophecia final desta victoria!
E o mundo, que do olvido não se exime,
Taes feitos, indeleveis, na memoria
Das mais remotas gerações sagrando,
Irá com pasmo e assombro registrando!

Foi-te preciso um braço vigoroso?
Da disciplina um typo verdadeiro?
Por seus subordinados extremoso,
Na honra e no dever sempre o primeiro?
Auxiliar que á guerra, pressuroso,
Partisse a teu reclamo, prasenteiro?
Pois bem, Gaston, — lá 'stava Polidoro,
Que já vingára o nacional decoro!

Lá 'stava Victorino, esse esforçado,
De cujo zelo est'honra é consequente;
Digno rival de Camara, e a quem foi dado,
Por ti, louvor igual, tão justamente!
Questões, que nossos fóros têm firmado,
Lá estava resolvendo, sabiamente,
Paranhos, — gloria patria no estrangeiro,
Diplomata, estadista e financeiro!

Foi justiça do Céo que ao monstro alcança,
Que, assáz ferido, não se quiz render!
Não mais p'ra fuga resta-lhe a esperança,
Mas, se inda a intenta, por que quer morrer?
Satan se chama o heróe que empunha a lança....
Coincidencia fatal, que quer dizer
Que quem o inferno n'alma resumia,
Em alma e corpo ao inferno pertencia!

Desde o arroio *Guassú* ao *Chiriguello*,
Do *Aquidaban, Cerro-Corá*, *Taquaras,*
Si Fabio te quizesse o parallelo,
Oh Camara, seus laureis eclypsáras!
D'esforços derradeiros, no duello,
Gaston, cujo valor testemunháras,
Proclama-te o heróe, por excellencia,
D'audacia, actividade e previdencia!

Ribeiro, Maciel, Resquin, Cabrita,
Centurião, Patricio, impio Delgado,
Do El-Supremo exangue, em morte afflicta,
Nem mais lhe querem triste adeos n'um brado!...
— Rufino, oh padre! nem se quer bemdita
Oração psalmejais junto ao finado?
Máo grado, expondes, phariseu, inteira,
Da hypocrisia a scena derradeira!

Floriano e Martins, heróes, na frente
Do nono batalhão d'infantaria,
Lá vão tomar, de assalto surprendente,
Duas bocas de grossa artilharia....
Oh que valor, que intrepidez ardente,
Que sanha, que denodo e galhardia,
Praticardes, heróes, não foi preciso
P'ra que da força se não desse aviso?

Vendo seu ajudante, o tyrannete,
Pôr nossa brava gente ás mãos colhido,
E de um, que escapa aos dez de seu piquete,
Apenas da emboscada previnido;
Recorda qu'inda sangra-lhe o ferrete
D'Ahasaverus, o eterno foragido,
Quando Jóca, de um bravo honrando a farda,
Transporta o ardor ás forças da vanguarda.

Da barranca á direita da picada
Crusão fogos valentes clavineiros:
Em meio,— a linha imiga,—que, artilhada,
Vai succumbir ás mãos dos fuzileiros....
Oh Camara! então prodigios dessa espada
Revelas, taes, assombro dos guerreiros,
Que Gaston, da victoria nos annaes,
Qualificou-t'os já d'excepcionaes!

Quem jámais vio, fitando-a avidamente,
Germinar, desenvolver-se a planta?
De um douto a transição, que o faz demente,
Quem é que ouvio?— Quem gota sacro-santa
Soube—(do morto á palpebra pendente)—
Se foi de gozo, ou dôr que alma quebranta?
Quem da vida os phenomenos explica?
Quem da morte os mysterios qualifica?

Quem descreve os milhares de luzeiros
Que no espaço gravitão, permanentes?
Quem ouvio os transportes dos herdeiros
De milhões?— esfaimados, indigentes!...
Pois devassar do tumulo os nevoeiros,
Da vida e natureza os accidentes,
Mais facil é, que descrever a gloria
De um povo e rei, ouvindo esta victoria!

As febris saudações, a um tempo explicão
O término da lucta prolongada;
Voluntarios que veem, heróes que ficão,
Triumphos mil do exercito e d'armada....
Politicos partidos se unificão;
Da musa o brilho se une á luz da espada;
E convivas já são deste esposorio,
Caxias, Camara, Conde d'Eu e Osorio!

Si tanto avultas hoje,— inda renovo,
Assim, Brasil, entre nações tamanhas,
Não durmas em trophéos!... a gloria a um povo
Pelos laureis não basta das campanhas.
Si te orgulhas em vêr-te assim, tão novo,
Nos prodigios de bellicas façanhas;
Dissemina a instrucção, descança a espada,
Que mais te avulta a gloria laureada!

É bello, é nobre, é digno, é deslumbrante
Vingar assim a injuria, em campo aberto!
Fascina, arrouba, inspira, a terminante
Derrota de um tyranno, oh patria, é certo!
Não teve aurora, assim, por mais brilhante,
De saudações explendido concerto:
Mas, si por ti, além, tal gloria avulta,
Governo, a raça, aqui proscripta, indulta!

Regressa ao lar, da lucta a mais activa,
Cada filho, provando que era um bravo;
Mas cada legoa inculta, improductiva,
Prova a rotina do trabalho escravo.
Da immigração matando a iniciativa,
Ás rodas do progresso o ferreo cravo,
— Troia e Grecia—, não mais!... si porventura
Os prodigios quereis d'agricultura!

Tens, patria, um rei que exhibe em transcendencia
O patriotismo, illustração, justiça....
Tens dons que a mão da Excelsa Providencia
Do Amazonas ao Prata desperdiça....
Governos, typos d'honra e sapiencia,
Do parlamento nos annaes da liça....
Tens magna Lei, que a liberdade exalta....
— Amor, e paz! — que nada mais te falta!

Irmãos na prole, gemeos na linguagem;
Defensores iguaes da autonomia;
Dão igualmente a heróes preito e homenagem,
Brasil e Portugal, á luz do dia!
Quem mais de Lopes condemnou carnagem?
Quem cede aos bravos mais idolatria?
Quem mais festeja a santa liberdade?
Justiça, oh patria!— É nobre esta igualdade!

Cosmopolita o odio á tyrannia,
D'Iberica absorpsão n'um manifesto,
D'um rei, que ser vassallo preferia
A não ser Portuguez, diz o protesto!
Se outr'ora em despotismo e horror se erguia
Dos Lusos tradição, — Brasil, foi presto
Na magna Carta libertar seu povo,
Quem nos deu no Ypiranga Imperio novo!

Eterno Ser, que pões aos pés do Christo,
— Escabello — do mundo a redondeza;
Que solemne triumpho, assim, não visto,
Concedeste ao Brasil, nesta ardua empreza;
No progresso, na paz, nos faz bemquisto!
A fé, da gratidão na chamma aceza,
Nos dá! e faz, Senhor, teu dom completo,
Nos tornando o teu povo predilecto!

SONETOS

A S. M. o Imperador

EM HOMENAGEM AOS HERÓES BRASILEIROS



I

Só quem pudesse concentrar n'um brado,
D'herões cem mil, louvores á memoria;
Quem o planeta vio de etherea gloria
Do Aquidaban doirando o Céo chumbado;

Só quem de Lomas vira o chão juncado
D'ossadas, predizendo esta victoria;
Quem n'um gemido resumisse a historia,
Brasil, de tanto martyr laureado;

Assaz disséra o quanto te extasias,
Oh Rei, vendo ascender á excelça altura
Gaston, por cuja vida estremecias:

E sobre a morte, alfim, da dictadura
Herões se erguerem qual se ergueu Caxias
D'Humaitá na quéda, e d'Angustura!

II

Ei-los, os filhos deste vasto Imperio,
Que a seus irmãos vêm dar o santo amplexo!
Do astro da victoria — eis o reflexo!
Do patriotismo — eis o explendor ciderio!

Monarcha, povo, tropa, ministerio,
Desta magna expansão sublime nexo,
Protestão contra o mundo, que perplexo,
Quasi, quasi sagrava o vituperio!

Cresceu, fez-se gigante o despotismo....
Cahio, porque foi desta immensa plaga
Maior a liberdade e o patriotismo!

Assim dos Neros o fulgor se apaga!
Assim de um povo o rei sagra o heroismo!
É sempre assim que a um despota se esmaga!

III

Quizeste um dia ao teu paiz, ao mundo,
Provar, á luz de publica evidencia,
Que si é livre o Brasil, por excellencia,
Teu patriotismo, oh Rei, é mais profundo....

Do Paraguay o despota iracundo
Te invade a patria, insulta a independencia!
— « Ou puni, cidadãos, a prepotencia,
« Ou vosso Rei não é Pedro Segundo! »

Dilemma d'honra, que a bravura activa....
De vingança o Brasil lá vai sedento:
Morre o traidor, que á rendição se esquiva!

Mais inda elevas teu amor portento:
Na illustração, — do povo a iniciativa
Ácima pões d'equestre monumento!

IV

Senhor! bem haja o teu amor ardente
A um povo que saúda o anniversario
Da Lei que fez-te o defensor primario
Dos fóros do Brasil independente!

De Francia o successor, traiçoeiramente
Teu pavilhão calcando, temerario,
Monarcha-cidadão, Rei-voluntario,
Privações antepões ao solio ingente!

Completa, inteira, plena, a gloria queres:
Gaston, da Herdeira esposo, á guerra parte,
O monstro cahe! Que gloria ha qu'inda esperes?

Não basta!... A patria em bronze quer moldar-te,
Mas de teu povo a illustração preferes:
Antepões Agassiz a Bonaparte!

V

De boca em boca perpassando, avulta
Nome-legenda, de bravura emporio:
E o preito que aos heróes é transitorio,
Em ser-lhe eterno a fama mais lhe exulta!

Acaso as lavas a cratera occulta?
Expande, oh Patria, o teu pendor notorio:
Um viva ao bravo general Osorio,
Que ouvindo o appello o sangue não consulta!

Mas si plena, oh Brasil, foi-te a victoria,
Si, alfim, da morte o monstro liba os travos,
Si Abyssinios não tem o Sol da gloria;

D'heróes trindade, libertando escravos,
Triumvirato honrando a patria historia:
Herval, Caxias, Conde d'Eu — são bravos!

VI

Não é simples cadaver, que á morada
Dos vermes desce.... — é o despotismo inteiro :
Que a alma de um vilão, não de um guerreiro,
Era ha muito em remorsos trucidada !

É d'orphãos legião abandonada,
Povo entregue da morte ao captiveiro,
Aos quaes resurge o Imperio Brasileiro,
Da liberdade ao toque d'alvorada!

Brasil, que mais triumphos ainda esperas?
Que és de genios emporio o mais fecundo,
Prova-o Gaston ás mais remotas éras!

No desforço tenaz, —Pedro Segundo,
Se tanto amor á patria não tiveras,
A heróes tão dignos não saudára o mundo!

VII

GASTON vingou-te o somno derradeiro,
Phalange martyr no *Bellaco-Estero!*
Camisão! — te vingou no *Panadero*,
PELOTAS, esse intrepido guerreiro!

Em Falcon e Urbieta, em Pancho e Aveiro,
Em Delvalle e Maiz, Soza e Romero,
Assaz vingado estás, PORTOCARRERO,
D'impia invasão no sólo Brasileiro!

Do dictador, teu filho — fratricida,
E d'um ministro, que se humilha em pagem,
Vingada estás, oh mãi, voltando á vida!

Oh Patria! — e si vingada da carnagem
Estás tambem, — tributa, agradecida,
Um preito ao Rei, aos bravos homenagem!

VIII

Typo d'amor! Da liberdade herdeiro,
PEDRO SEGUNDO! — quem mais dons resume?
Na filha um anjo; — na consorte um nume;
Um genio em ti; — no genro heróe primeiro!

Emquanto liba o monstro forasteiro,
Das derrotas de Lomas o azedume;
Tu só, Monarcha, ninguem mais presume
Vingado assim o Imperio Brasileiro!

Não dizê-lo, porque? — Pois teme a musa
A ironia? Jámais! — Dom que a extasia
Mais cresce, quanto mais a vê confusa....

Oh Rei! mais radicaste a Monarchia!
CAXIAS, si inda alguem laureis te escusa,
Quem brinda a heróes te sagra a primasia!

FIM.

INDICE.

Primeira parte.

Segunda parte.

Terceira parte.

Quarta parte.

Quinta parte.

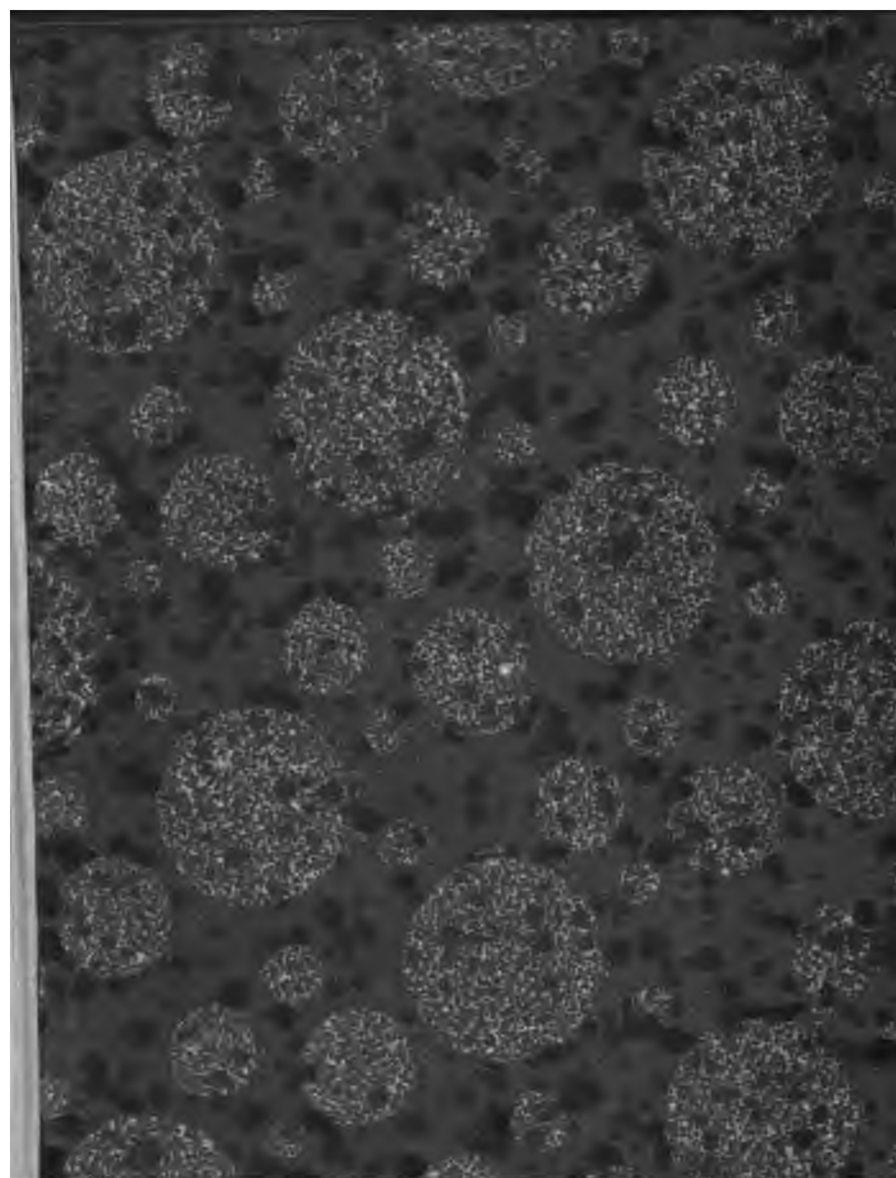
Sexta parte.

Setima parte.

Oitava e ultima parte.

Conclusão.

Rio de Janeiro. Typographia Universal de E. & H. LAEMMERT,
Rua dos Invalidos, 61 B.




Stanford University Libraries
3 6105 002 405 665

